

A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA



Benício Gabriel Bamba PUNA

Benício Gabriel Bamba PUNA

A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA:

Uma figura na dinâmica do processo educativo nas Zonas de
Influência Pedagógica

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Autor: BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA

Ficha Técnica

Título: A supervisão Pedagógica

Autor: Benício Gabriel Bamba PUNA

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Capa: Benício Gabriel Bamba PUNA

Texto: Verdana 12

Revisão de Texto: Abílio Lupenha

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Lubango, 2022

Índice

Agradecimentos	7
PREFÁCIO	9
Introdução	11
Módulo I: Contexto da Supervisão Pedagógica em Angola	14
A Supervisão Pedagógica: um roteiro na Huíla	17
<i>Formação de supervisores pedagógicos, em 2010, no Magistério Primário do Nambambi- Huila</i>	18
ÂMBITO DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA A NIVEL DA HUILA	24
1.3 Papel do Supervisor Pedagógico para a melhoria da qualidade da educação	26
Supervisão pedagógica: afinal, qual é o objecto de trabalho do supervisor pedagógico na ZIP?	29
Importância do supervisor pedagógico na ZIP	30
Funções do supervisor Pedagógico	32
VISITAS DE CAMPO NAS ZONAS DE INFLUÊNCIA PEDAGÓGICA	33
1.1. O QUE É A ZIP?	35
1.4. QUAL É A VISÃO DA ZIP?	36
1.1. Antecedentes	39
1.3. BENEFICIÁRIOS EM TODO PAÍS	40
APRESENTAÇÃO DO PROJECTO APRENDIZAGEM PARA TODOS	42
ENCONTROS DE CORTESIA ÀS EXCELÊNCIAS ADMINISTRADORES E ADMINISTRADORES ADJUNTOS MUNICIPAIS.	43

ENCONTROS COM TÉCNICOS MUNICIPAIS	44
2.4. RESULTADOS ESPERADOS	57
EIXO1- MUNICIPIO:	66
EIXO2- DINAMIZADORES:	66
EIXO3- GRUPO ALVO:	67
Módulo II- O Perfil do Professor e a Profissionalização	69
Princípios da profissionalização das funções	71
Como se constrói a profissionalização?	73
COMPETÊNCIAS DO FORMADOR.....	76
Esquema de Planificação de uma acção formativa na ZIP	78
Tipos de professores identificados nas escolas, segundo a nossa percepção	84
Módulo III: A Planificação e Planificação Pedagógica	88
A PLANIFICAÇÃO PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DE INTEGRAÇÃO À MATRIZ DA PROVA	90
O Porquê planificar? O que retiramos duma operação de Planificação?	91
Alguns conselhos para analisar programas de estudo de um determinado ciclo de ensino.....	101
Competências evolutivas por ciclo em Língua Portuguesa.	103
Analisando um programa em grupo.	106
Plano de Aula	108
Dinamizando a sua turma	125
Um olhar da Reforma Educativa, um receio de muitos professores angolanos!	126

Características da monodocência	127
O ditado nas Zonas de Influência Pedagógica	129
A organização do espaço pedagógico: a sala de aula	132
A Pedagogia ao ar livre.....	137
Módulo IV- observação e avaliação do ambiente de aprendizagem na educação: dimensões e variáveis a considerar.....	139
O Ambiente de Aprendizagem e Valorização do trabalho do aluno através da Matriz de Prova.	140
FASE 2: Elaboração da Prova	143
FASE 3: Elaboração de instruções para aplicação da prova (no caso que esta seja aplicada por outrem).	143
Exemplo de um Modelo da Matriz de Prova	144
Objectivo(s) da Avaliação: com o trimestre a terminar pretende -se que os alunos dominem as unidades aprendidas e que tenham uma média positiva que o promova para o II trimestre.....	145
Analisando as provas produzidas por alguns professores	150
Observação de aulas dos professores	154
FICHA DE ASSISTÊNCIA DE AULAS	156
Observações do assistido	158
REUNIÕES NAS ZIP - GUIA PARA O SUPERVISOR PEDAGÓGICO	159
<i>Considerações Finais</i>	169
Referências bibliográficas	169
RESULTADOS ESPERADOS	179

Autobiografia do autor 184

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Agradecimentos

Os meus agradecimentos são, em primeiro, a Deus pelo seu Dom Inefável.

São ainda extensivos aos meus Pais, Gabriel Puna e Sidónia Buzi

Aos irmãos Gertrudes, Vitorina, Rosário e Félix

À minha esposa Luísa Ricardo

Ao Meu Filho Punilson PUNA

Aos meus sobrinhos e cunhados: Isaac, Sílvia, Sidónia, Kikita, Benvindo, Careca, Celestino...

Ao Professor Pedro Chinene, pela contribuição na revisão deste trabalho.

Aos Professores Fernando Sakolela e Marcolino Chiloia, pelo encorajamento.

A todos outros mesmo não mencionados, os meus agradecimentos.

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

PREFÁCIO

Conhecemos o professor Benício PUNA como coordenador provincial das ZIP na Huíla, integrando um grupo de formadores e de coordenadores provinciais envolvidos no PAT (Projecto Aprendizagem para Todos) num processo longo, de mais de 3 anos.

Foi com grato prazer que, neste contexto de trabalho e de relação, constatámos as grandes qualidades do Professor Benício PUNA como professor, formando e formador, destacando-se facilmente do seu grupo, quer pelas suas qualidades humanas e profissionais, quer pelo seu empenhamento responsável e qualificado nas tarefas que tinha a seu cargo, qualquer que fosse a sua natureza.

O professor Benício PUNA apresenta uma rica experiência profissional, estruturada num percurso que soube articular – e bem - funções docentes em várias instituições educativas de diferentes níveis de ensino, incluindo instituições de formação de professores, com funções no domínio da administração educativa, nomeadamente em supervisão pedagógica e no acompanhamento do trabalho docente em escolas e ZIP na província da Huíla, com frequência de formação avançada em metodologias de ensino e de formação, em Angola e em vários outros países. Porém, talvez o mais importante seja o que culmina a riqueza do seu percurso: uma prática efectiva de trabalho de campo, que procura conhecer, analisar e compreender as práticas docentes que foi observando, dando uso efectivo aos seus saberes e competências para melhor compreender os problemas da educação em Angola e apoiar os

professores com quem se vai cruzando: colegas, supervisionados, professores ...

Este livro constitui um produto dessa rica experiência profissional e, não por acaso, Benício PUNA opta por o estruturar numa lógica formativa, em módulos, articulando saberes teóricos, científicos e pedagógicos, com perspectivas formativas e de supervisão de professores, ao mesmo tempo de se socorre de exemplos concretos e de casos práticos, que conheceu e viveu no âmbito do seu trabalho como formador e supervisor, para ilustrar as suas propostas de intervenção na melhoria da qualidade da educação básica em Angola.

Neste sentido, este livro é, ao mesmo tempo, um instrumento de trabalho útil para professores, formadores e supervisores, e uma fonte de informações empíricas sobre domínios tão distintos - e ao mesmo tempo tão próximos - como o ensino primário, a supervisão de professores na Huíla e diversos projectos de apoio ao desenvolvimento da educação em Angola.

Jorge Pinto
Nelson Matias
Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Setúbal
(Portugal)

Introdução

O processo de Ensino e Aprendizagem é uma actividade que envolve vários componentes que vão desde o próprio aluno, professor até ao Supervisor Pedagógico, sendo este último, o supervisor, neste processo aparece como um facilitador, orientador e ajudador do Professor em sala de aula bem como dos alunos.

A viragem da situação constitui uma das maiores preocupações do Ministério da Educação (MED), porquanto previu no âmbito das Reformas Educativas a melhoria da qualidade do ensino no país, sendo para isso necessária a elevação do nível académico e profissional do corpo docente. É nesta conformidade que foi concebido o Plano Mestre de Formação de Professores , no seu Eixo 4 (Formar os supervisores e os formadores), cuja estratégia de formação de Supervisores Pedagógicos em todo o País.

O objectivo do ‘ ‘ A supervisão Pedagógica: uma figura na dinâmica do processo educativo nas Zonas de Influência Pedagógica da Huila- ZIP ‘ ‘

- *É aconselhar os profissionais da educação, ajudando-os na melhoria das práticas pedagógicas, de forma que está estruturado em quatro módulos.*
- *Contribuir para o desenvolvimento de competências de análise e compreensão dos processos de inovação e trocas de experiências escolares impulsionados pelo movimento de reformas educativas do país;*

- *Problematizar as próprias concepções da supervisão pedagógica;*
- *Compreender o papel transformador do supervisor pedagógico na perspectiva do desenvolvimento de competências para acompanhar processos de inovação nas escolas/zonas de influência pedagógica - (experiências da huila).*

No Módulo I, trataremos especificamente, do contexto da supervisão pedagógica em Angola. No mesmo módulo, cingiremos sobre a supervisão pedagógica: um roteiro na Huíla, onde abordaremos a situação da análise de programas de estudo , da diferenciação pedagógica e a pedagogia no espaço livre.

Iniciaremos o Módulo II, fazendo a distinção entre o perfil do professor e a profissionalização bem como as competências do formador.

Tomaremos o módulo III, procurando compreender sobre a noção de planificação em geral e a planificação pedagógica como elementos-chave na organização e coordenação das aprendizagens dos alunos.

Terminaremos no módulo V- onde trataremos da questão de observação e avaliação do ambiente de aprendizagem na educação: dimensões e variáveis a considerar, e de seguida a análise de algumas provas corrigidas pelos professores, a temática do ditado nas Zonas de Influência Pedagógica e apresentaremos

algumas ferramentas de observação e discussão de uma aula na perspectiva da Pedagogia de Inetgração e Abordagem por Competência.

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Módulo I: Contexto da Supervisão Pedagógica em Angola

Ensinar é gerir a selecção e organização da informação para transformá-la em conhecimento e sabedoria, em um contexto rico de comunicação. O termo supervisão, de tradição recente na maioria dos países, teve a proveniência dos países de língua anglo-saxónica, através de investigadores que, nesses países, fizeram a sua formação em ciências da educação.

Veloso (1976, p. 9) define a supervisão como um processo pelo qual uma pessoa possuidora de conhecimentos e experiência, assume a responsabilidade de fazer com que outras pessoas que possuem menos recursos, executem determinado trabalho.

Alarcão (1979, p.18) define a supervisão como um processo em que um professor, em princípio experientista e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.

Rangel (1983, p.13- 14) define a supervisão como um trabalho de assistência ao professor, em forma de planeamento, acompanhamento, coordenação, controlo/avaliação e actualização do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

A supervisão pedagógica tem como objectivo fundamental a introdução de correcções no processo ensino-aprendizagem, com base na auto-reflexão e na auto-avaliação. Assim, a operacionalização deste eixo: «Formar supervisores e formadores» passou pelo desenvolvimento de grandes acções,

de entre elas diz respeito à formação de um corpo de supervisores com perfil adequado para assegurar a transferência das competências profissionais dos professores, adquiridas na formação inicial ou contínua, para as salas de aula (Plano Mestre de Formação de professores, 2008, p.25) .

Esta acção começou já a ser desenvolvida em 2007, com a definição do perfil do supervisor, a sua validação a nível nacional e aprovado pelo Ministério da educação em 2008.

A complementação e o aperfeiçoamento da formação dos supervisores deverão ocorrer entre 2009 e 2011, com o reforço das suas competências a nível do APC, da avaliação e da sua preparação para assegurarem o acompanhamento das equipas educativas.

Entre os anos 2010 e 2012 foram realizados quatro cursos de formação de supervisores pedagógicos, com a participação de 180 professores provenientes de distintas províncias de Angola. As formações foram realizadas nas províncias da Huila (duas etapas), em Kwanza Norte, respondendo a zona norte com as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge, Malanje, Kwanza Norte, Lundas Norte e Sul. Esta primeira iniciativa inscreveu-se no marco do compromisso que o Instituto Nacional de Formação de Quadros (INFQ) adquiriu no âmbito da implementação do Plano Mestre de Formação de **Professores**, eixo 4- Formação de Professores.

Este primeiro programa centrou-se fundamentalmente no desenvolvimento de competências que permitiram aos professores desempenhar o seu papel como supervisores metodológicos. Tarefas tais como: a observação e descrição de salas de aulas, determinação de um programa de apoio a partir do observado, estudo dos programas escolares, elaboração de planos de aula, constituíram o centro desta primeira formação.

A experiência de terreno mostrou que muitos desses formandos encontraram grandes dificuldades para desenvolver a sua função de supervisão, por um lado, pelas limitações administrativas existentes para o exercício desta função (mudança da sua actividade docente pelo trabalho de supervisão, escasso o nulo reconhecimento do seu papel por parte das autoridades locais da educação, etc.). No entanto, para aqueles que conseguiram desenvolver o seu trabalho de supervisão foram confrontados com as suas próprias limitações a nível de conhecimentos curriculares e didácticos para intervir de maneira mais directa no processo de ensino-aprendizagem e modalizá-lo, como se anuncia no perfil do supervisor angolano.

Entendendo que a complexidade do papel do supervisor metodológico vai mais além do que uma formação, é que o Instituto Nacional de Formação de Quadros (INFQ) com a parceria do BIEF e o apoio financeiro da CHEVRON, organizou uma formação mais específica em Didácticas da Língua portuguesa e da Matemática, decorrido na Escola de Professores do Futuro ADPP no Ramiro – Luanda, cuja finalidade é a de dotar os supervisores já formados de novas e mais precisas ferramentas para poderem apoiar os professores nas suas salas de aula.

Desta maneira, a equipa de formadoras em concertação com o INFQ seleccionou, com base num conjunto de critérios técnico-políticos, dentre os 180 professores já formados, dois (2) representantes em cada uma das dezoito (18) províncias, para participar numa formação em Didácticas da Língua Portuguesa e da Matemática.

A primeira versão deste curso retoma aspectos centrais das formações anteriores: planificação, observação e avaliação-melhoria das aprendizagens nas salas de aulas, e avança com os aspectos dos programas de estudo da 1.^a à 6.^a classe em ambas as disciplinas: Língua Portuguesa e Matemática.

A Supervisão Pedagógica: um roteiro na Huíla

A formação de supervisores responde à grande necessidade que os professores necessitam nas suas escolas, na implementação de um novo currículo tendente ao desenvolvimento de competências. Neste sentido, é indispensável que, nesta etapa do processo da reforma, se possa contar com profissionais preparados para acompanhar, orientar e modelar práticas nas salas de aula.



Formação de supervisores pedagógicos, em 2010, no Magistério Primário do Nambambi- Huila

O propósito geral do programa idealizado para a supervisão é o de desenvolvimento de competências de diagnóstico do ensino, planificação, acompanhamento e avaliação de práticas na sala de aula. Propõe-se apoiar os supervisores técnicos pedagógicos e formadores de formadores, para que multipliquem as suas competências pessoais e profissionais no cumprimento do seu papel, com apoios pedagógicos e institucionais em articulação com outros.

A província da Huila é hoje um dos pilares para a materialização do plano da supervisão pedagógica e acompanhamento das actividades a serem desenvolvidas pelos professores nas ZIP (Zonas de Influência Pedagógica). O marco de supervisão em Angola é fruto de uma das grandes pessoas enquanto projetistas e formadores que muito fizeram para que a supervisão pedagógica fosse uma realidade em muitas das províncias do nosso país.

Supervisionar significa diagnosticar, acompanhar e avaliar um conjunto de actividades e tarefas já ou a serem desenvolvidas por um ou mais elementos de uma instituição.

A supervisão é um elemento transversal para todas áreas cujo envolvimento directo é do homem supervisor e o supervisionado. Por outras palavras, quero aqui dizer que falar de supervisão é preocupar-se e olhar na melhoria desejável de qualquer organização. Quando um Governador faz uma apreciação das obras em construção na província que dirige estará a cumprir um plano de supervisão.

Actualmente a Huila controla 115 supervisores pedagógicos sendo 2 considerados supervisores nacionais, 6 provinciais e 107 municipais.



PORQUÊ DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

ACTIVIDADE



A Supervisão Pedagógica é hoje uma prática notória em Angola e em particular na Huila, mas muitos professores têm-se encarado com certa desconfiança e reserva, provavelmente porque não devem estar claros sobre o porquê da necessidade da mesma. Com o seu colega ao lado e em **3** minutos, **comentem** e **enumerem** as razões que demonstram a necessidade da Supervisão Pedagógica na escola/ZIP.

São várias as razões que demonstram a necessidade de Supervisão Pedagógica. Apontamos apenas algumas:

- Promove o aperfeiçoamento profissional do professor;
- Favorece a realização dos fins determinados pelo sistema de ensino;
- Estimula a renovação do ensino;
- A supervisão evita que a rotina se enraíze no ensino;
- Garante a unificação e o desenvolvimento dos programas educacionais;
- Pode contribuir de maneira científica para o planeamento integral da escola;
- Contribui para a melhoria das condições do aluno, do professor e da escola;
- Permite o conhecimento do meio onde funciona a escola;
- Coopera para o bem-estar da comunidade;
- Vincula a acção da escola.



Diferenciando a supervisão escolar da supervisão pedagógica!

Valorize a Sua Profissão

Entender da supervisão escolar é um processo cuja responsabilidade é de todos os intervenientes no processo de ensino /aprendizagem desde o Director da Escola, Subdirectores, professores, alunos trabalhadores administrativos, comissão de pais e encarregados de educação e, até, à comunidade em geral.

Quando um Director dá uma volta à sala de professores que dirige é porque quer verificar a presença ou ausência dos seus liderados ou até mesmo verificar as condições de trabalho. Se um Director Provincial da educação planifica, na sua agenda, visitar uma escola para saber o funcionamento da mesma, significa que estará a fazer uma supervisão Escolar.

Docente Educativa

Dra. Elisa Araya Cortez, de nacionalidade chilena, uma perita em matéria de supervisão pedagógica quem muito alicerçou muitos angolanos, desde a elaboração do Plano Mestre de Formação de Professores até a sua implementação.

É a professora que formou os primeiros supervisores pedagógicos no âmbito do Plano Mestre de Formação de Professores em 2010, na sala de reuniões do Magistério Primário do Lubango, Província da Huila e coadjuvada pela Dra. Margarida Santos de nacionalidade cabo-verdiana .

Foram formados 43 supervisores pedagógicos , representando as 18 províncias de Angola.

Actualmente são apenas três supervisores, formados neste grupo que hoje respondem o nome de formadores nacionais certificados pela equipa formadora, sendo eles: Benício Gabriel Bamba PUNA (Huila);

Faustino Wakussanga (Cunene) e Manuel Monteiro (Huila) .



Então o que é a supervisão escolar? A experiência dá – nos compreender que a supervisão escolar como um processo contínuo de observação, de acompanhamento e de avaliação do funcionamento desde o ponto de vista de recursos humanos, administrativo, financeiro, material e pedagógico numa instituição escolar.

No processo de ensino/aprendizagem podemos entender a Supervisão como um processo contínuo de diagnóstico, planificação, formação acompanhamento, monitoria e avaliação de actividade docente e de progressão ou regressão das aprendizagens dos alunos.

A supervisão pedagógica reflecte, sobretudo, nas metodologias que um professor-supervisor pedagógico proporciona para melhor apoiar os professores tutores de turmas para que estes melhorem as práticas pedagógicas em benefício das aprendizagens dos alunos em sala de aula.

Se quisermos adicionar outro nosso ponto de vista quanto à interpretação sobre a supervisão pedagógica pode dizer - se que é uma via de intervenção para procurar descobrir as causas de uma determinada consequência para buscar soluções dentro de um processo educativo.

Para tal, ao desenvolvermos uma actividade de supervisão pedagógica, o supervisor deverá fazer a sua actuação nos diferentes âmbitos conforme as figuras a seguir.

1. Actuação da Supervisão Pedagógica na Província

1.1. . Âmbito da actuação da supervisão pedagógica: ao longo da actividade a nível das escolas da ZIP , no que concerne a supervisão pedagógica, é notório que esta figura tem vários âmbitos da sua actuação , conforme se vê na figura abaixo.

a)- Estilos da Supervisão Pedagógica Vs Liderança

Estilos da Supervisão Pedagógica	Estilos de Liderança
Directivo	Autoritário
Colaborativo	Participativo
Não directivo	Laisser- faire

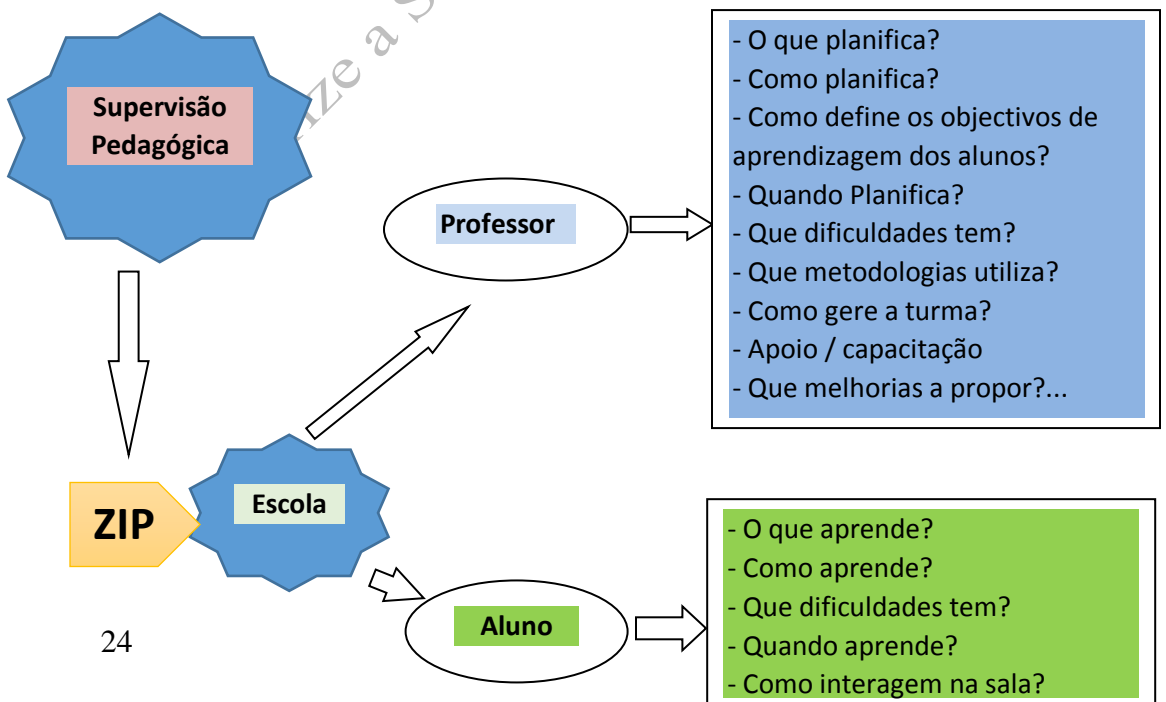
Esta comparação permite concluir que há um índice de coincidência na designação do estilo para ambos os conceitos, o que pressupõe características funcionais semelhantes e provoca alguma contaminação no significado dos dois conceitos

Valorize

b) Eixos da Supervisão Pedagógica e suas acções



ÂMBITO DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA A NIVEL DA HUILA



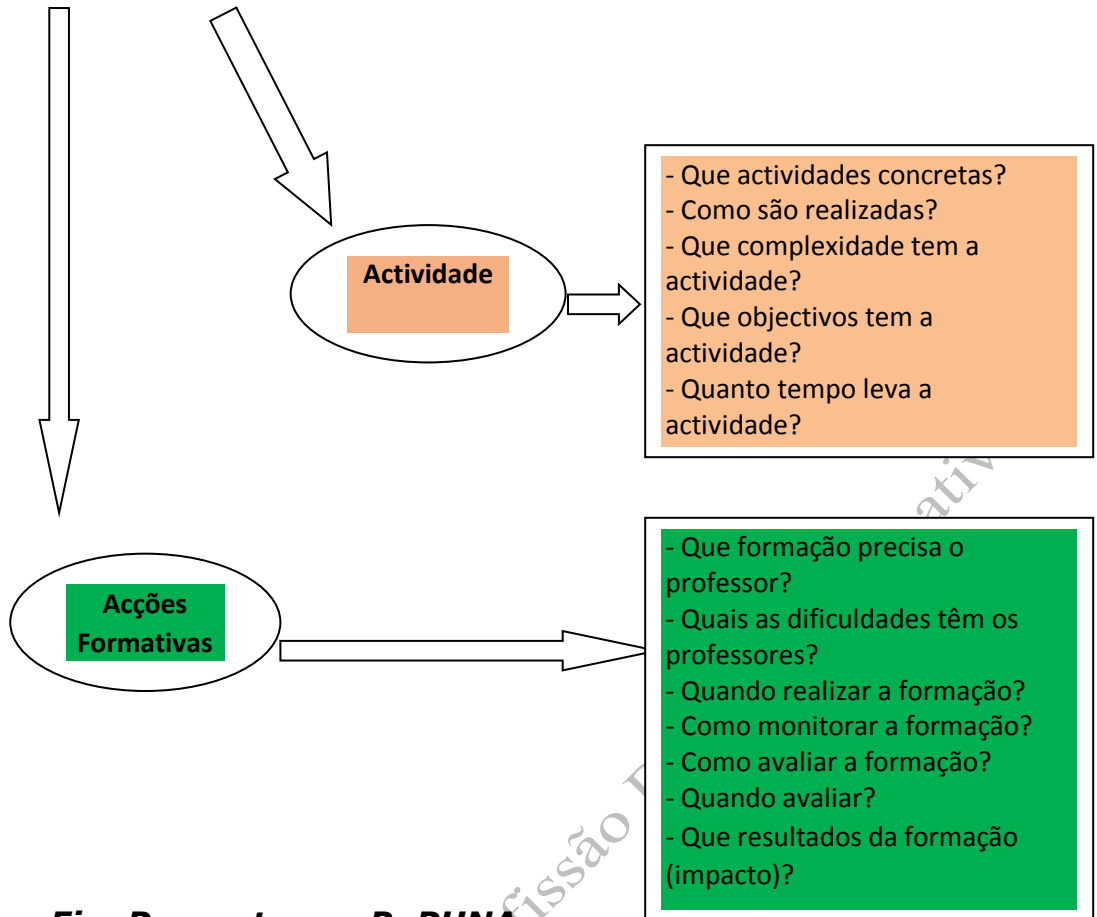


Fig. Proposta por B. PUNA



Fig. Fig. Proposta por B. PUNA

1.3 Papel do Supervisor Pedagógico para a melhoria da qualidade da educação

A escola é um espaço social que ainda necessita de grandes mudanças com a finalidade de cumprir o seu papel na sociedade, que é formar para a cidadania. A realidade educacional angolana demonstra que a escola mesmo diante das transformações ocorridas com relação a sua estrutura e funcionamento, a maioria ainda encontra-se no plano de suas concepções teóricas e práticas alienadas a modelos pré-estabelecidos e, até mesmo a modelos estereotipados.

É fundamental entender que para a escola, transformar os modelos e concepções e, participar efetivamente do

desenvolvimento de um trabalho pedagógico eficaz, precisa reflectir sobre a concepção de educação estabelecida no seu Projeto Político-Pedagógico com a participação coletiva, visando atender as novas exigências que a sociedade estabelece para as pessoas.

Muitos são os autores que com suas fundamentações teóricas contribuem para orientar e compreender o papel que o supervisor escolar deve desempenhar, entre eles é possível verificar que Ferreira (2007, p. 327) destaca que as transformações sociais e políticas remetem ao supervisor escolar o compromisso com a "formação humana" no processo educacional.

Isso remete-nos a entender que o supervisor escolar deverá desenvolver seu fazer pedagógico objetivando o aperfeiçoamento dos educadores que actuam no espaço escolar, valorizando os diferentes saberes e as suas contribuições para o planeamento de acções pedagógicas, respeitando a personalidade de cada um. Isso exige do supervisor escolar uma constante avaliação do seu desempenho profissional, conduzindo-o a busca de uma formação continuada.

Outro factor importante com relação ao papel do supervisor está ligado à análise do planeamento do currículo escolar, sendo que este deve ser acompanhado desde a sua execução dando ênfase na avaliação contínua, isso reforça a necessidade, segundo Lück (2008, p. 20) na "somatória de esforços e acções desencadeadas com o sentido de promover a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem".

Neste processo de promoção o supervisor deve conhecer o funcionamento da educação escolar, suas relações com o contexto histórico-social e o desenvolvimento humano, seus níveis e modalidades de ensino. Além disso, precisa conhecer também:

- Os fundamentos teóricos que dão sustentabilidade no ensino e na aprendizagem;
- os princípios e valores norteadores da prática pedagógica;
- as normas e diretrizes que orientam todos os níveis e modalidades de ensino;
- socializar e conduzir as práticas pedagógicas e as possíveis interferências no cotidiano escolar;
- promover a autonomia da instituição escolar envolvendo a comunidade; priorizar pela formação continuada dos educadores valorizando-os através de um trabalho coletivo respeitando as especificidades pessoais de todos os participantes.

Fica evidente que muitas são as atribuições que o supervisor deve desempenhar para qualificar o trabalho pedagógico que desenvolve dentro da escola onde actua. Este desempenho se justifica através de acções motivadoras envolvendo o estímulo para que cada educador possa executar trabalhos com a colaboração das demais pessoas, os quais devem ser valorizados com objetividade, ética e diálogo.

O supervisor deve ser capaz de interpretar as carências reveladas pela sociedade, direccionando acções capazes de responder as demandas sociais, culturais, económicas e políticas que fazem parte de uma sociedade que está em constantes transformações.

Então, faz sentido considerar que o supervisor diante dessas transformações representa um dos principais responsáveis pela sobrevivência e sucesso das instituições de ensino pois, sua competência é desenvolver um trabalho pedagógico que visa o planeamento, a execução e a avaliação de toda a organização dos conhecimentos, trabalhando de forma articulada com toda a comunidade escolar para a construção de uma proposta colectiva de um Projeto Político-Pedagógico.

Supervisão pedagógica: afinal, qual é o objecto de trabalho do supervisor pedagógico na ZIP?

Este questionamento nos convida para uma reflexão sobre as acções reais dos supervisores no interior da escola e na ZIP. Pode-se afirmar que há diversas e distintas concepções e paradigmas a respeito do acto da supervisão escolar, os quais instigam um estudo aprofundado. Mediante as “verdades absolutas” pertinentes à prática da supervisão, acentua-se a necessidade de compreender, mais amplamente o especialista em supervisão escolar.

A supervisão pedagógica é entendida como um processo dinâmico, contínuo e sistemático. O supervisor é um dos principais líderes do processo educativo, ou seja, é um dos grandes responsáveis pela melhoria do processo ensino-aprendizagem. Pode-se afirmar que o supervisor é concebido como um profissional que tem a função de “orientar e de dar assistência” aos educadores mediante todos os aspectos, sejam educacionais, pedagógicos, como também sociais.

O papel primordial do supervisor pedagógico é o de ser o mediador e colaborador das actividades educativas desenvolvidas pelo professor. O supervisor é aquele que orienta, aprende e ensina, tornando-se um parceiro no processo educativo.

Não se deve tomar a peito do supervisor pedagógico querendo menosprezar os professores aliás deve criar mecanismos de fazer com que o professor supervisionado esteja mais próximo. Não se deve olhar o professor como um adversário mas tê-lo como um colega e acima de tudo um amigo que melhor vai abrir-se sobre todas as suas dificuldades laborais.

Importância do supervisor pedagógico na ZIP

Falamos da importância do supervisor na ZIP somos em primeiro lugar convidados a responder a seguinte questão: porquê o supervisor é tão importante? Desde 2012 aquando essa figura foi tomando a sua posição nas escolas primárias da Huila o cenário tem vindo a dar passos significativos nos professores.

O supervisor é tão importante porque é esse personagem quem vai promover melhorias nas escolas através de algumas possibilidades e funções como a discussão dos projectos políticos pedagógicos (PPP) e/ou Projectos Educativos de Escola (PEE), a formação de professores além de outras actividades pedagógicas, aliás o supervisor deve ser um treinador do TEAM que espera ter uma escola de qualidade.

Como o supervisor pedagógico tem estado envolvido na escola/ZIP?

O envolvimento do supervisor pedagógico na escola/ZIP passa necessariamente na determinação das suas funções pelas quais o ajudem a participar de forma positiva como por exemplo, na elaboração de um calendário de reuniões com os professores além de determinar o funcionamento do mesmo, como horários, actividades, discussões em torno dos objectivos traçados para cada actividade.



Valorize a Sua



Funções do supervisor Pedagógico

Várias funções são atribuídas à tarefa do supervisor Pedagógico. De entre vários a seguir enumeramos algumas das quais consideramos pertinentes:

- (1) a melhoria do acto educativo;
- (2) a planificação e execução da proposta pedagógica;
- (3) o aperfeiçoamento de professores em serviço/formação contínua;
- (4) a gestão democrática;

- (5) a selecção de prioridades e organização do trabalho;
- (6) a melhoria da qualidade didáctica e curricular;
- (7) avaliação do trabalho dos professores .

De acordo com as planificações pedagógicas nas ZIP, conforme estabelecido pela Coordenação Provincial de ZIP, os supervisores pedagógicos fazem o acompanhamento aos professores todos os dias e assistem quinzenalmente as planificações pedagógicas realizadas pelos professores. Para além da assistência às reuniões de planificação, realizam ciclos formativos onde abordam aspectos considerados como dificuldades dos professores. A assistência às aulas é assegurada por um conjunto de ferramentas que auxiliam a discussão e a análise das aulas observadas (vide mais adiante).

As equipas são formadas no mínimo 2 supervisores ou seja, não é aconselhável a assistência de aulas por um único supervisor pedagógico.

VISITAS DE CAMPO NAS ZONAS DE INFLUÊNCIA PEDAGÓGICA

Não gostaríamos de falar das visitas de campo a nível das ZIP sem antes contextualizarmos as ZIP.

O Sistema Educativo visa, assegurar mudanças concretas na sala de aulas, proporcionando uma aprendizagem de qualidade.

A viragem da situação constitui uma das maiores preocupações do Ministério da Educação (MED), porquanto prevê no seu Plano Estratégico a melhoria da qualidade do ensino no país, sendo para isso necessária a elevação do nível académico e profissional do

corpo docente. É nesta conformidade que foi concebido o Manual da ZIP, cuja estratégia de implementação propõe a criação das Zonas de Influência Pedagógica (ZIP), como estrutura de apoio à formação contínua.

O contexto sócio - educativo, no período em que o Ministério da Educação (MED) cria as Zonas de Influência Pedagógica, caracteriza-se por alguns factores críticos, dos quais, entre outros, se destacam:

a) A dispersão geográfica dos estabelecimentos de ensino, subjacente à organização administrativa das comunidades que vai desde às grandes cidades, passando pelos municípios de classe A, B e C até as comunas, bairros, aldeias e kimbos e, com ela (organização), a diversificação adaptada de tipologias de estabelecimentos de ensino correspondentes aos níveis do Subsistema do Ensino Geral no país.

b) Muitos professores têm poucos conhecimentos académicos e competências pedagógicas, e têm muitas vezes de ensinar turmas grandes, sem qualquer programa de formação contínua.

A ZIP serve de base para o desenvolvimento do processo de ensino - aprendizagem, realizando acções de coordenação, supervisão, aperfeiçoamento e avaliação pedagógica dos professores e técnicos da educação.

Este Manual vai permitir aos Responsáveis da Educação, professores, técnicos e comunidade educativa compreender os desafios e as práticas ligadas a instalação das ZIP em cada comuna do país e contribuir para a materialização da aposta do Executivo no seguinte:

Criação de espaços de discussão sobre os vários aspectos ligados ao desenvolvimento, a nível local;

Auto - superação pedagógica participada entre professores e técnicos, quebrando o isolamento, em especial, em zonas mais recônditas;

Criação de Centros de Recursos a nível das ZIP.

1.1. O QUE É A ZIP?

Zona de Influência Pedagógica - abreviadamente designada por ZIP é o órgão de apoio didáctico - pedagógico que agrega um conjunto de escolas próximas umas das outras, respeitando a natureza de cada Província, Município e Comuna. Elas são compostas por Escolas definidas em função da distância entre si, a partir de uma Escola Sede (centro de recursos).

1.2. O QUE SE QUER COM A ZIP?

A Zona de Influência Pedagógica (ZIP), sendo o órgão estratégico e seguro para o desenvolvimento dos objectivos da Educação, sobretudo na melhoria da qualidade de ensino - aprendizagem, enfatiza a formação contínua dos professores, técnicos da educação e oferece potencialidades efectivas para:

- O apoio pedagógico;
- A capacitação em exercício;
- O apoio contínuo aos professores e a todos os professores e técnicos envolvidos no processo de ensino - aprendizagem;
- A supervisão permanente às actividades de ensino - aprendizagem de modo a assegurar o apoio, monitoria e controlo necessário para o alcance da qualidade desejada;
- A adopção de metodologias de ensino - aprendizagem das necessidades educativas da comunidade em geral e em particular, para o atendimento das necessidades educativas especiais.

1.3. QUAL É A MISSÃO DA ZIP?

A MISSÃO DA ZIP é promover oportunidades para que os professores e técnicos da educação estejam em constante actualização, sobre as novas metodologias e estratégia de gestão, ensino - aprendizagem por um lado e por outro lado, para a consolidação e o desenvolvimento das competências profissionais, para que possam melhorar a sua interacção com os alunos na sala de aulas, escola - comunidade e comunidade - escola.

1.4. QUAL É A VISÃO DA ZIP?

A Visão da ZIP é ser um local com elevada diferenciação científica e tecnológica, sendo reconhecida pela excelência, eficácia e eficiência, assumindo – se como instituição de referência na comunidade onde está inserida a escola.

1.5. QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DA ZIP?

OS OBJECTIVOS FUNDAMENTAIS DA ZIP RESUMEM-SE NO SEGUINTE:

Promover encontros de reflexão conjunta entre os professores das escolas que compõe a ZIP;

Diagnosticar necessidades de formação dos professores e técnicos administrativos da educação;

Partilhar experiências sócio - profissionais, científicas e técnicas no âmbito do currículo;

Exercitar diferentes estratégias e procedimentos didácticos - pedagógicos de trabalho docente e administrativo;

Produzir meios de ensino, utilizando material local;

Apoiar e acompanhar a elaboração, implementação e avaliação do Projecto Educativo (PEE) das Escolas da ZIP.

1.6. COMPETÊNCIAS DA ZIP:

Realizar seminários, reuniões, conferências, capacitações e outros encontros;

Garantir materiais de consulta aos professores;

Analisar o desempenho dos alunos por classes e os índices de aproveitamento pedagógico;

Assegurar o cumprimento dos programas;

Identificar dificuldades pedagógicas verificadas, investigar as suas causas propor soluções e alternativas;

Possuir dados actualizados e sistematizados sobre o quadro docente das escolas da ZIP;

Assegurar a elaboração das avaliações;

Desenvolver a auto - avaliação das escolas da ZIP.

MÓDULO I: 'Génese de Zonas de Influência Pedagógica na Huila

Em 1995 inicia o subprograma Onjila- Huila onde beneficiavam 12 escolas, distribuídas por 6 Zonas de Influência Pedagógica conforme mostra o quadro abaixo:

Zonas	Escolas	Escolas-sede	Municípios
Zona 1	Nº 1; 505(Bairro Caluva)	Nº 505	Lubango-sede
Zona 2	Nº 29 e 400(Bairro Sofrio)	Nº 400	
Zona 3	Nº 35(Quilemba-sede); nº33(Rio Nangombe) e 32(Aldeia Luyovo)	Nº 35	Lubango
Zona 4	Nº 64(Huila –sede) Mamboto e Unene da comuna da Huila	Nº 64	Huila
Zona 5	Matala(Kilometro 15)		Matala
Zona 6	Nº 65 Humpata		Humpata

Fonte: ADRA- Programa Ondjila

13 anos depois, já em 2008, com a necessidade de revitalizar as ZIP, foram criadas 10 ZIPs distribuídas conforme a tabela:

Municípios	Total de ZIP por Município
Chibia	3
Matala	3
Quipungo	4
TOTAL	10

Fonte: ADRA- Programa

MAPA EVOLUTIVO DAS ZIP NA HUILA				
MUNICIPIO	1995	2008	2012	2016/2017
CACONDA			21	24
CACULA			14	13
CALUQUEMBE			12	21
CHIBIA		3	13	12
CHICOMBA			12	24
CHIPINDO			24	14
GAMBOS			10	11
HUMPATA	1		7	6
JAMBA			16	12
KUVANGO			19	16
LUBANGO	4		16	29
MATALA	1	3	4	17
QUILENGUES			19	23
QUIPUNGO		4	14	24
TOTAL	6	10	201	246

1. O PROJECTO APRENDIZAGEM PARA TODOS –PAT

O Projecto Aprendizagem para Todos (PAT), em Angola, tem como objectivo, apoiar a consolidação do modelo de agrupamento de escolas em *Zonas de Influência Pedagógica (ZIP)* nas 18 províncias.

O PAT baseia-se essencialmente em três estratégias, definidas pela Coordenação Nacional do mesmo, das quais se destacam:

1. Participação Comunitária;
2. Comunicação e Mobilização Social;
3. Gestão de Recursos na Comunidade.

1.1. Antecedentes

1. O Projecto resulta da colaboração existente entre o Governo de Angola e o Banco Mundial
2. Experiência sobre o Sistema de Avaliação de Alunos e Melhoria das Aprendizagens apresentada à Quadros Superiores e Gestores do MED, no Brasil, em 2010.
3. 1ª Avaliação da capacidade de leitura nas classes iniciais – EGRA, em 2011.

1.2. OBJECTIVOS

GERAL:

Melhorar os conhecimentos e as competência dos professores, assim como a gestão das escolas nas áreas designadas do projecto e Desenvolver um sistema de avaliação sistemática de alunos

ESPECÍFICOS:

- Consolidar e expandir o modelo das ZIP a todas as províncias de Angola
- Preparar, implementar e testar um programa de formação contínua de professores, visando melhorar os conhecimentos académicos e competências pedagógicas dos professores e o uso que fazem do tempo na sala de aula

- ❑ Contribuir para melhorar a gestão das escolas e a prestação de contas perante a comunidade local, através da introdução de Projectos Educativos de Escola-PEE
- ❑ Estabelecer um Sistema Nacional de Avaliação de Alunos
- ❑ Apoiar a implementação do Projecto, através do reforço das competências de gestão dos técnicos do MED, dos Directores Provinciais da Educação, Chefe de Repartições Municipais e dos técnicos das Escolas de Formação de Professores, através da assistência técnica, formação e financiamento de custos operacionais.

1.3. BENEFICIÁRIOS EM TODO PAÍS

500.000 Alunos do Ensino Primário

167 ZIP abrangidas

842 Escolas Primárias abrangidas

17.000 Professores do Ensino Primário a formar

133 Formadores das Escolas de Magistério em LP e Mat (já formados/capacitados de 2016 a 2021)

668 formadores das ZIP (já formados em janeiro de 2017)

254 Quadros da DPE, RME e EFP em Gestão relativa ao Projecto

2.3.1. O PROJECTO APRENDIZAGEM PARA TODOS – PAT E SUA REALIDADE NA HUILA

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

No dia seis de Abril de Dois Mil e Quinze, pelas oito horas e trinta minutos, uma equipa técnica, chefiada pelo Dr. Américo Chicote, Director Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia, acompanhado pela Dra. Ivone Augusto, Chefe do Departamento de Formação Inicial, Contínua e à Distância/representante PAT do Instituto Nacional de Formação Quadros- Ministério da Educação e Benício Gabriel Bamba PUNA, Coordenador de Gestão de Projectos, Programas de Formação Inicial, Contínua e à Distância, teve um encontro de cortesia, em gesto de apresentar a coordenadora do PAT à Sua Excelência Vice-Governadora para Sector Político e Social, Dra. Maria João Francisco Chipalavela.



Visita de cortesia à Sua Excelência Dra. Maria João Chipalavela, Vice-Governadora p/ Sector Político e Social

Da visita feita, a Sua Excelência encorajou e recomendou à Equipa no sentido de fazer com maior rapidez a concretização do projecto visando dinamizar as Zonas de Influência Pedagógica e consolidando a província da Huíla como uma das mentoras da criação das ZIP.

APRESENTAÇÃO DO PROJECTO APRENDIZAGEM PARA TODOS

Dada a relevância do Projecto e na qualidade de coordenadora, a Dra. Ivone Augusto fez apresentação do projecto aos membros da Direcção Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia da Huíla - DPECTH e os convocados das Escolas de Formação de Professores. A referida apresentação foi feita no dia 6 de Abril, pelas 9 horas,

na sala de Reuniões da DPECT que na qual foi indicado o Senhor Benício Gabriel Bamba PUNA, como Coordenador Provincial da ZIP por este ser o responsável pela Gestão de Projectos e Programas de Formação a nível da Direcção da Educação, Ciência e Tecnologia.



Dra. Ivone Augusto
Conselho da DPECTH e Convocados

Membros do

ENCONTROS DE CORTESIA ÀS EXCELÊNCIAS ADMINISTRADORES E ADMINISTRADORES ADJUNTOS MUNICIPAIS.

Em gesto de formalidades e a apresentação do Projecto, a Equipa Técnica, composta por Dra. Ivone Augusto - Coordenadora do Projecto, Dra. Benvinda Lucília Técnico do Instituto de Ensino Especial - Membro da Componente 2 sobre a Avaliação das Aprendizagens, Dra. Sara Maria Humbe José Manuel- Técnica do GEPE do Ministério da Educação e Membro da Componente 3 sobre as Aquisições, Benicio Gabriel Bamba PUNA- Coordenador Provincial da ZIP e Gestor de Projectos, foi recebida pelas Excelências Senhores Administradores e Administradores Adjuntos Municipais.



**Administração Municipal de Quilengues – Armando Vieira
– Administrador Municipal**

ENCONTROS COM TÉCNICOS MUNICIPAIS

Os encontros técnicos com os responsáveis das Repartições Municipais da Educação, Técnicos das Administrações Municipais, Directores de Escolas, Chefes de Estatística das RME, Coordenadores de ZIP, Inspectores escolares e Supervisores Pedagógicos Municipais, serviram de antecâmara para a apreciação do Regulamento das ZIP e a selecção das Escolas-sede para o funcionamento dos Centros de Recursos de ZIP e a escolha de Coordenadores Municipais das ZIP.

No decorrer das actividades foram preenchidas fichas de cadastramento dos Directores de Escolas, coordenadores das ZIP, Coordenadores Municipais das ZIP e aplicação de Questionários sobre o processo da avaliação das aprendizagens (Componente 2).

MUNICIPIOS E Nº DE ESCOLAS ABRANGIDAS PELO PAT.

O PAT, na província da Huíla, abarcou em todos os municípios num total de 83 escolas. A selecção das escolas por municípios foi feita em duas fases, sendo a primeira que decorreu em abril de 2015 e a segunda fase em 2016, conforme a distribuição no quadro abaixo:

Nº de Centros e escolas abrangidas pelo PAT na Huila

MUNICIPIO	Nº DA ZIP	Nome da Escola e Número	Nº de escolas da ZIP
LUBANGO	ZIP 1	Escola Primária nº 51 (C.de Recurso)	5
CACONDA	ZIP 28	Escola Primária nº 38- Manuel Jamba	7
CACULA	ZIP 52	Escola Primária nº 25	7
CALUQUEMBE	ZIP 144	Escola Primária nº 365 (C.Recurso) Amilcar Cabral	10
KUVANGO	ZIP 165	Escola Primária nº 1538- Muene Tchiwaco	6
CHIBIA	ZIP 65	Escola Primária nº 167 (C.de Recurso)	7
CHICOMBA	ZIP 77	Escola Primária nº 155	8
CHIPINDO	ZIP 101	Escola Primária nº 19 de Março	4
GAMBOS	ZIP 115	Escola Primária nº 152- Chiange	6
HUMPATA	ZIP 126	Escola Primária nº 65 (C.de Recurso)	6
JAMBA	ZIP 132	Escola Primária nº n° 775- Kilamba	6
MATALA	ZIP 181	Escola Primária nº 120	3
QUILENGUES	ZIP 198	Escola Primária nº 100 (C.Recurso)	3
QUIPUNGO	ZIP 221	Escola Primária nº 341 (C.Recurso)	5
		1336- Profs e 56.239 - Alunos	83

ACTIVIDADES SUBSEQUENTES PÓS-VISITA

Dada a realidade encontrada no terreno, foi necessário :

- ✓ Cada município mapear as ZIP sob sua jurisdição;
- ✓ Reestruturar as ZIP com menos de 10 professores;
- ✓ Numerar sequencialmente todas as ZIP da Huíla, de forma a evitar repetições numéricas;
- ✓ Rever o Consolidado Municipal e Provincial das ZIP;
- ✓ Cadastrar todos os professores da ZIP.



Em mesa redonda no Magistério Primário do Nambambi enquanto decorria o encontro técnico com os coordenadores de ZIP, Chefe da Repartição da Educação, Técnico da Administração Municipal, Directores de Escolas, Inspectores e Supervisores Pedagógicos e a escola que seria como Centro Provincial de Recurso e de Bolsa de Formadores.



Escola nº 51 , Centro de Recurso do Lubango, sediado no Complexo escolar 14 de Abril.



Escola nº 362, Centro de Recurso de Kalukembe.



Escola nº 100, Centro de Recurso de Quilengues



Escola 167, Centro de Recurso de Chibia



Escola nº 65, Centro de Recurso da Humpata

ZIP NA HUÍLA



LUBANGO HLA-01-01-27 245 e 246	QUIPUNGO HLA-14-221-244
CACONDA HLA-02-28-51	QUILENGUES HLA-13-198-220
CACULA HLA-03-52-64	MATALA HLA-12-181-197
CHIBIA HLA-04-65-76	KUVANGO HLA-11-165-180
CHICOMBA HLA-05-77-100	KALUKEMBE HLA-10-144-164
CHIPINDO HLA-06-101-114	JAMBA HLA-09-132-143
GAMBOE HLA-07-115-125	HUMPATA HLA-08-126-131

ZIP
CENTROS DE RECURSOS
DA HUÍLA

ZONAS DE INFLUÊNCIA PEDAGÓGICA

PAT-HUÍLA

2015-2018



56.239
ALUNOS A BENEFICIAR DO PROJECTO

14
ZIP ABRANGIDAS, IGUAL
NÚMERO DE CENTROS DE
RECURSOS.

1.336
PROFESSORES DO ENSINO
PRIMÁRIO A FORMAR.

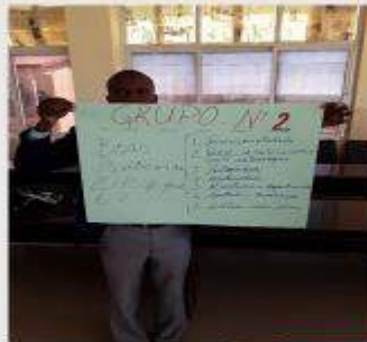


82
ESCOLAS ABRANGIDAS



PAT-HUÍLA

2015-2018



59 FORMADORES
ZIP

4
SUPERVISORES
PEDAGÓGICOS

3
FACILITADORES/ INSPECTORES

2
CONTABILISTAS

4
FORMADORES DA
ESCOLA DE MAGISTÉRIO







Visitas da Consultora do PAT à escola Donga Malenga no município de Quipungo – Emily Gardener

Ações formativas

- Fevereiro e Outubro de 2016- Formação de Coordenadores provinciais ZIP, Formadores das Escolas de Magistério, Contabilistas e Facilitadores.
- Janeiro, Maio, Julho, Agosto, Outubro e Novembro de 2017 e 2018 – Formação de Coordenadores Provinciais ZIP; Formadores das Escolas de Magistério; Contabilistas, Facilitadores e Professores das Escolas da ZIP.

As formações basearam-se nos Módulos de Língua Portuguesa, Matemática, Diferenciação Pedagógica (I e II) em Língua Portuguesa e Matemática, Micro-projectos, Técnicas de Comunicação Institucional, Avaliação das Aprendizagens e Educação Especial.

No âmbito da disseminação das formações por Regiões, a Huila é o Polo Sul, albergando as províncias de Cunene e Namibe até Janeiro de 2018. Para o ano de 2019, a Região Huila acolheu a

formação em Janeiro com a participação das províncias de Benguela, Cunene e Namibe.

Em 2021 no período de 3 a 26 de Novembro de 2021 o PAT promoveu acções formativas ligadas ao Reforço das competências dos professores e Agentes da Educação em matéria de prática pedagógica de Língua Portuguesa, Matemática, Monitoria, Avaliação para o acompanhamento da formação e sobre as directrizes para o retorno seguro às aulas em Angola.

Na província da Huila beneficiaram 7 formadores do nível 1 provenientes dos Magistério Primário do Lubango- Nambambi, o Coordenador Provincial da ZIP Huila , 101 formadores ZIP sendo 93 do ensino primário e 8 do ensino secundário que estes replicaram a formação para o nível 3 com a participação de todos os professores.

HUILA									
Pólo Sul									
jan/18	Unidade	Quantidade de Formadores ZIP	Quantidade de Suplentes	Quantidade de Coord. Prov. ZIP + Supervisor	Quantidade de Formadores EM	Quantidade de Prof. Estágio	Quantidade de Contabilista+ Protocolo	Total	
TOTAL PARTICIPANTES / REGIÃO HUILA	Provincias	Formadores ZIP	Suplentes	Coord. Prov. ZIP + Supervisor	Formadores EM	Prof. Estágio	Contabilista+ Protocolo		
143	Huila	45	14	1	4	3	3	70	
	Namibe	30	5	2	3	1	0	41	
	Cunene	17	6	2	3	1	0	29	
TOTAL GERAL		92	25	5	10	5	3	3	140



Durante a implementação do PAT, a Huila acolheu 37 visitas de trabalho

PAT NA HUILA

Forças	Fraquezas
---------------	------------------

<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Equipa Pat Local coesa;</i> 2. <i>Reuniões de planificação e pós - formações;</i> 3. <i>Formação contínua dos formadores ZIP e Professores ZIP em janeiro , Maio e Agosto;</i> 4. <i>Todos os Centros de Recursos Equipados e gradeados;</i> 5. <i>Existência de um meio de transporte para apoio às actividade da ZIP PAT;</i> 6. <i>Professores do PAT motivados;</i> 7. <i>Existência de Manuais de apoio ao professor PAT;</i> 8. <i>Maior engajamento dos professores ZIP PAT durante as planificações e Oficinas Metodológicas;</i> 9. <i>Nível das aprendizagens dos alunos PAT a melhorar;</i> 10. <i>Escolas PAT munidas de materiais de apoio pedagógico</i> 11. <i>Maior divulgação das acções PAT a nível da província;</i> 12. <i>Muita entrega por parte dos coordenadores Municipais ZIP na dinamização das acções PAT;</i> 13. <i>Domínio da Internet por todos os Coordenadores Municipais da ZIP;</i> 14. <i>Directores municipais que usam internet recebem em tempo real as orientações do PAT para o município;</i> 15. <i>CEZ actualizado sobre as acções do PAT;</i> 16. <i>498 formados em Projectos Educativos de Escola;</i> 17. <i>Existência de Terrenos para Hortas escolares em 7 municipios;</i> 18. <i>Existência de PEE em todas as escola do PAT;</i> 19. <i>Reconhecimento do PAT pelas entidades máximas municipais;</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. 32 escolas do PAT sem estruturas físicas; 2. Dificuldade de pagamento dos subsídios de transporte aos beneficiários devido a limitação de um só Banco(BPC); 3. fraca utilização dos materiais PAT/Ensino especial pelos professores nos Centros de Recursos; 4. Professores PAT não residentes nas sedes municipais influenciam no atraso às oficinas; 5. Alguns professores ,sobretudo com maior idade, apresentam fraca assimilação;
--	---

20. Acompanhamento regular às Oficinas Metodológicas.

te Educativa

OPORTUNIDADES

1. Colaboração com o projecto TUPI- Todos Unidos pela Primeira Infância
2. Órgãos de Comunicação Social
3. Participação nos Encontros Metodológicos e FOPED
4. Gravação do Vídeo PAT(CHibia e Qulpungo)



The collage features several images: a group of people gathered around a colorful structure at an outdoor event; a group of people indoors, possibly in a classroom or meeting; a map of Mozambique with various icons representing different regions or communities; and a group of people walking outdoors, possibly at a community event or market.

Fraquezas	Estratégia de solução
<p>1. 32 escolas do PAT sem estruturas físicas;</p> <p>2. Dificuldade de pagamento dos subsídios de transporte aos beneficiários do Chipindo;</p> <p>3. fraca utilização dos materiais PAT/Ensino especial pelos professores nos Centros de Recursos;</p> <p>4. Professores PAT não residentes nas sedes municipais influenciam no atraso às oficinas;</p> <p>5. Alguns professores „sobretudo com maior idade apresentam fraca</p>	<p>1. Foi sugerida à Coordenação Nacional do PAT para a compra de Tendas com vista a minimizar a situação;</p> <p>2. Na sessão de Maio sugeriu-se por se pagar via sonante;</p> <p>3. Fez-se um contacto ao Gabinete Provincial de Atendimento aos Alunos com NEE para visitar os Centros e programar uma acção formativa;</p> <p>4. Elaborou-se uma ficha de Frequência às Oficinas Metodológicas;</p> <p>5. Os formadores ZIP e Coordenadores Municipais são</p>

Iniciativas locais

1. Manual de utilização do CR da ZIP
2. Formação de gestores escolares/Manual de Boas Práticas na ZIP(em elaboração);
3. Instrumentos de supervisão dos PEE, e Centros de Recursos;
4. Manual de constituição de CEZ;
5. Carta de pedidos de patrocínios;
6. Solicitações às Administrações de terrenos para Hortas escolares terrenos;
7. Programa radiofónico “ APRENDA MAIS ”;
8. Programa radiofónico “ Aprender na ZIP ”;
9. Página PAT Huila /municipios no facebook;
10. Boletim da ZIP HUILA;
11. Participação de Colégios Privados nas ZIP PAT;
12. Entrega de certificados de participação aos formandos em PEE.



CONSTRANGIMENTOS



1. Morte de 2 professores (Caconda e Humpata), 1 coordenador do CEZ Cacula e um acidente do formador EM de Matemática;

2. Algumas empresas de distribuição de materiais PAT não chegam às áreas de destino;

3. Não antecedência da chegada dessas empresas ao coordenador provincial.

4. Faltam 132 mochilas para professores PAT (Mapa já enviado).

2.4. RESULTADOS ESPERADOS

- Melhorados os conhecimentos e competências dos professores formados
- Modelo das ZIP consolidado e expandido em todas as Províncias
- Conselhos de escolas e de ZIP em funcionamento
- Melhoradas as estratégias de gestão das escolas
- Avaliações das aprendizagens dos alunos por amostragem concretizada

3. O Projecto Aprendizagem para Todos – PAT, Experiências e os Ganhos durante a sua implementação

O Projecto Aprendizagem para Todos- PAT, iniciado em 16 de Junho de 2014 para mim foi uma escola e que

proporcionou uma série de ganhos e aprendizagens dos quais destacamos:

- a) Conhecimentos de matérias em supervisão pedagógica, monitoria e avaliação das aprendizagens;
- b) Domínio em diferentes áreas de Língua Portuguesa , Matemática, Diferenciação Pedagógica , elaboração de Micro-projectos interdisciplinares, educação especial práticas de Língua Portuguesa e de Matemática;
- c) Utilização do aplicativo KoboCollect, Moodle;
- d) Amizades entre coordenadores provinciais da ZIP e formadores ;



Formação 2016- Hotel SunShine- Luanda



Dra. Luisa Grilo e Arq. Irene Neto



Dra. Ivone Augusto

PROVINCIA	NOME
BENGO	LEANDRO/MARGARIDA PEMBA ADOLFO CUTEMA
BENGUELA	SALOMÃO SESSA/MARISA MARTINS
BIÉ	FILOMENA GUENDA /MARIETA MUTENDA
CABINDA	LUCAS RAPOSO RAMOS
CUANDO CUBANGO	BENJAMIM MANUEL NGUEJIA
CUANZA NORTE	ANTONICA/ANTÓNIO DA COSTA NETO
CUANZA SUL	BERNADETH XAVIER/SANTOS CANDEEIRO GERMANO
CUNENE	PELÁGIO NDAFENONGO SILIKUVAMWE
HUAMBO	LEANDRO/ABEL JOSÉ DA SILVA
HUÍLA	BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA
LUANDA	FÉLIX SACHOMBA SUSSO KAMULENGO
LUNDA NORTE	MANUEL MENEZES
LUNDA SUL	LUCAS SEGUNDA/ÓSCAR ACORINTIO DE FÁTIMA
MALANJE	ANDRADE ESTEVES QUIVANGE
MOXICO	JOÃO FORTUNA SAHUMBA/ JUSTINO SAÚDE MORAIS
NAMIBE	MARIANO JACINTO CAXIPIA
UÍGE	FRANCISCO QUIMUANGA CAPITA
ZAIRE	PAULO MARIA/MÁRIO FIGUEIRA



Coordenador Provincial ZIP – Moxico
Prov. ZIP Bengo- Uige- Zaire

Coordenadores

(Leandro , Francisco e Paulo)

- e) Boas relações com os técnicos do Ministério da Educação;
- f) Troca de experiências entre províncias;
- g) Conhecimentos em elaboração de projectos educativos de escolas;
- h) Terrenos para horta escolares
- i) Com as ideias que discutíamos sobre como divulgar o PAT foi necessário e possível criar Programas radiofónicos ‘ ‘ Aprender na ZIP- Rádio Huila ‘ ‘ e ‘ ‘ Aprenda MAIS- Rádio MÁIS ‘ ‘;
- j) Escolas apetrechadas de materiais de limpeza no âmbito da Covid-19
- k) Escolas munidas de guias de elaboração de Projectos educativos ;
- l) Escolas apetrechadas de materiais didáticos e Centros de Recursos equipados de computadores, painéis solares , mesas, quados, impressoras ...;
- m) Aprendizagem através de visitas de campo para a ferir o cumprimento das acções do PAT a nível dos municípios da Huila.



O sucesso do Projecto Aprendizagem para Todos- PAT a nível da Huila dependeu das seguintes personalidades.

Formadores das escolas de Magistério

	Nome	Instituição onde funciona
1.	Abias Tchombossi	Magistério Primário do Lubango
2	Luísa Nunes	Magistério Primário do Lubango
3	Isabel Kalembela	Magistério Primário do Lubango

4	Maria Manuela Miúdo	Magistério Primário do Lubango
5	Pedro Domingos	Magistério Primário do Lubango
6	Octávio Campos Mateus	Magistério Primário do Lubango
7	Lidia Gabriel	Magistério Secundário Cdte Liberdade- Lubango
8	Amadeu Gonçalves	Magistério Secundário Cdte Liberdade- Lubango

Contabilistas

	Nome	Instituição onde funciona
1.	Agostinho Celestino	Gabinete Provincial da Educação da Huila
2	Eduardo Gabriel Chivangulula	Gabinete Provincial da Educação da Huila
3	Karmi Nunda Serafim	Gabinete Provincial da Educação da Huila

Facilitadores/ Inspectores

	Nome	Instituição onde funciona
1.	Azevedo Hossi	Gabinete Provincial da Educação da Huila
2	Raimundo Kativa	Gabinete Provincial da Educação da Huila

Coordenadores municipais da ZIP

	Nome	Município
1.	Manuel Miranda O. José	Caconda
2	Madureira Aurélio/Joaquina Dias Carreiro	Cacula
3	António Muoko R. Hotalala/Eliseu Chiteculo	Caluquembe
4	José Fontes Hipunguile	Chibia
5	António Kalenga /Miguel Bandula António/Soneca Jacinto/Salomão Cangulungo	Chicomba
6	Artur Geraldo /Américo Chipita	Chipindo
7	Antonieta Mule	Cuvango
8	Francisco Kameke/ Evangelista Francisco	Gambos

9	António Leonardo	Humpata
10	David Manuel Tchimuku/Anselmo Santos	Jamba
11	José Bié Kavindja	Lubango
12	António Chitangueleca/ Manuel Pintal	Matala
13	Orlando Catimba Domingos/ Sabino Henda	Quilengues
14	Silésio Mulele Madureira/Gilberto Chiela	Quipungo

A dinamização do PAT Huila contou igualmente com os formadores ZIP , representado os 14 muicipios , num total de 101.

Durante a implementação do PAT a coordenação Provincial da ZIP



organizou e realizou vários encontros com os Coordenadores municipais da ZIP presididos pelo então Director Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia da Huila, Dr. Américo Chicote.

OFICINAS DE REFLEXÕES NAS ZONAS DE INFLUÊNCIA PEDAGÓGICA

As Oficinas de reflexões na ZIP constituem uma estratégia visando dinamizar as acções formativas com objectivo virado fundamentalmente no reforço de competências dos professores nas escolas da ZIP.

A iniciativa é da Coordenação Provincial da ZIP , num momento em que deparado com a situação da COVID-19 , procurou encontrar formas de manter continuamente os professores activos a nível das ZIP.

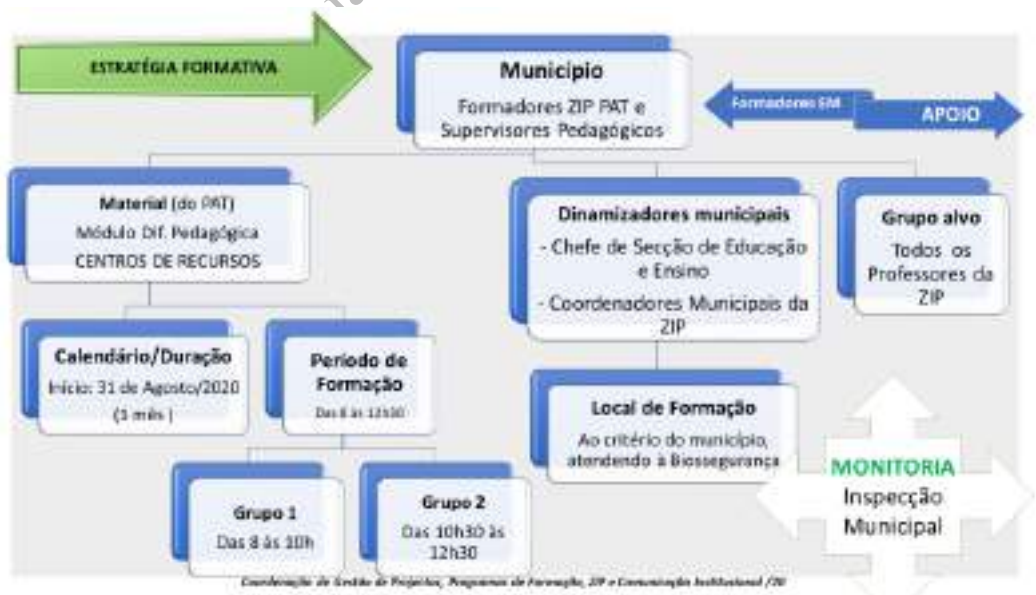
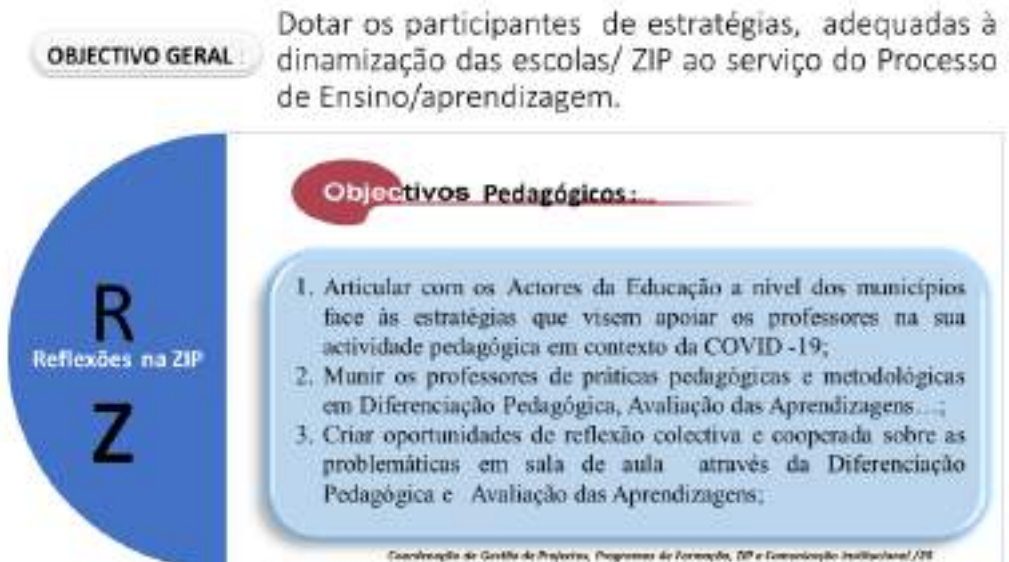
OFICINAS DE REFLEXÕES NA ZIP



Com o aproveitamento dos conhecimentos e Formadores do Projecto Aprendizagem para Todos- PAT foi necessário criar um modelo que incentivasse a partilha de práticas pedagógicas entre professores e gestores escolares.

Para a implementação da iniciativa foi necessário apresentar a proposta ao Conselho de Direcção alargado do Gabinete Provincial

da Educação , onde participaram , os Chefes de Departamentos ,Técnicos do GPE, Directores Municipais de Educação, Gestores das escolas do Ensino Secundário. Em seguida a apresentação da proposta.



Linhas orientadoras para a implementação da Estratégia Formativa

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

• **EIXO1- MUNICIPIO:**

1.1. o Coordenador municipal da ZIP, com conhecimento do Director Municipal da Educação, deverá convocar todos os formadores PAT e Supervisores Pedagógicos para partilhar e discutir a Estratégia.

1.2. Ao nível municipal e aproveitando as experiências dos formadores PAT e Supervisores Pedagógicos é aconselhável que a formação seja animada pelos actores acima referenciados.

1.3. Em caso de défice de formadores para cobrir o número total de participantes, o Coordenador municipal da ZIP, em conjunto com a sua equipa local, deverá seleccionar os professores da ZIP PAT, com competências reconhecidas, para reforçar a equipa de formadores.

1.4. Na inexistência, localmente de formador em função das necessidades formativas dos professores podem solicitar à Coordenação Provincial da ZIP ou outras Instituições com experiência reconhecida.

1.5. O Coordenador municipal em coordenação com a equipa de formadores deverá elaborar o plano de formação e apresentar ao Chefe de Secção da Educação e Ensino e posteriormente ao Director Municipal da Educação.

• **EIXO2- DINAMIZADORES:**

2.1. é importante que o Coordenador municipal da ZIP estabeleça com antecedência o contacto com o(a) Chefe de Secção de Educação e Ensino de cada Direcção municipal da Educação.

2.2. Deverá o Coordenador municipal da ZIP apresentar a estratégia e partilhar para sua implementação.

2.3. O Coordenador municipal da ZIP deverá igualmente articular com o Coordenador da ZIP.

2.4. O (A) Chefe de secção de Educação e Ensino deverá convocar os directores das escolas da ZIP para partilhar a Estratégia e baixar as orientações de acompanhamento efectivo para o sucesso da formação.

2.5. Cada director de Escola da ZIP deverá fornecer a lista nominal dos seus professores ao Coordenador Municipal da ZIP.

2.6. No final da formação o Coordenador Municipal da ZIP em articulação com os formadores, deverá produzir o Relatório final da formação e remeter à Direcção Municipal e à Coordenação Provincial da ZIP.

- **EIXO3- GRUPO ALVO:**

- 3.1. Todos os professores da ZIP são convocados para participar em todas as acções formativas promovidas pela Direcção Municipal , através da Coordenação Municipal da ZIP.

- 3.2. É igualmente importante que os administrativos deverão participar nas acções ,sobretudo nas temáticas que concorrem para a sua formação contínua e que respondes às suas necessidades formativas.

- **EIXO4- LOCAL DE FORMAÇÃO:**

- 4.1. O Coordenador Municipal da ZIP é o responsável na identificação e escolha do Local de Formação.

- 4.2. Identificado o Local , deverá articular com o(a) responsável/ director(a) da escola e informar o (a) Chefe de Secção de Educação e Ensino/Directora Municipal da Educação.

- 4.3. O município é livre de sugerir o local de Formação desde que responda às condições mínimas para realização da acção formativa e o respeito às medidas de Biossegurança.

- **EIXO5- PERIODO DE FORMAÇÃO:**

- 5.1. De forma a evitar exaustão nos professores , a formação deverá decorrer num único período , das 8 às 12h30.
- 5.2. Em caso excepcional e em função de cada contexto poderão realizar a formação no período oposto , das 14h às 17h.
- **SUBEIXO5.1- GRUPO1:**
 - 5.1.1. trata-se de, localmente, encontrar mecanismos para a criação de grupos de professores por ZIP .
 - 5.1.2. Podem criar grupos por classes. O primeiro grupo deverá ter a formação com duração de 2 horas, das 8 às 10h.
- **SUBEIXO5.2- GRUPO2:**
 - 5.2.1. O segundo grupo deverá ter a formação igualmente com duração de 2 horas, das 10h30 às 12h30.
 - 5.2.2. Entre o grupo 1 e 2 haverá um intervalo . O mesmo pode acontecer em caso de realização da formação no período oposto.
- **EIXO6- MATERIAL/CONTEÚDO:**
 - 6.1. Todos os Centros de Recursos da ZIP PAT têm materiais (manuais e equipamentos distribuídos pelo Projecto).
 - 6.2. O Coordenador Municipal da ZIP é o responsável pela gestão destes materiais , devendo para o efeito articular com o Responsável do Centro de Recurso e/ou director da Escola –se da ZIP.
 - 6.3. A utilização dos materiais deverá merecer um controlo rigoroso para evitar possível desaparecimento.
 - 6.4. O responsável do CR deverá criar uma lista de registo de saída dos materiais a ser utilizado durante o período da formação na ZIP.

- 6.5. Na ausência de material necessário no CR podem recorrer a outras fontes.
- 6.6. Na insuficiência de material no CR os formadores deverão adoptar estratégias de criação de grupos por turmas.
- 6.7. . Para a ZIP PAT os formadores deverão identificar as necessidades de formação ou seja outros temas de interesse formativo dos professores.
- **EIXO7- CALENDÁRIO/DURAÇÃO:**
- 7.1. É esperançoso que a formação inicie a partir do dia 31 de Agosto de 2020. prevê-se que num período de um mês tenhamos todos os professores da ZIP formados em matéria de Diferenciação Pedagógica.
- 7.2 Os formadores têm a autonomia de formar os professores no período inferior a 30 dias , desde que se alcancem os objectivos dos conteúdos seleccionados.
- **EIXO8- INSPECÇÃO:**
- 8.1. O Coordenador Municipal da ZIP deverá actualizar todas as ocorrências antes , durante e depois da formação , articulando com o Inspector Municipal da Educação.
- 8.2. O Inspector poderá monitorar a formação a nível da ZIP.
- 9. Esta Estratégia é susceptível à adaptação e já foi apresentada aos Gabinete Provincial da Educação e Aos Directores Municipais da Educação bem como outros parceiros sociais.

Módulo II- O Perfil do Professor e a Profissionalização

O PROFESSOR PROFISSIONAL



Fig.3 Proposta por Benício Puna

Desde sempre os professores sabem que têm influência no comportamento dos seus alunos. De facto, ensinar é, por definição, uma tentativa de influenciar a aprendizagem e o comportamento dos alunos. Várias dezenas de investigações cujo objectivo tem sido identificar os factores mais susceptíveis de ajudar o aluno a aprender (Wang, Hearttel e Walberg, 1993; Hattie, 1992 e 2009) permitem contrariar a ideia bastante generalizada de que a qualidade dos professores tem pouca ou nenhuma variação no rendimento escolar dos alunos e questionar um dos maiores mitos do ensino: todos os professores são iguais.

Desapoiando estas ideias, amplamente difundidas, os resultados dessas e doutras investigações permitem afirmar que o que os professores fazem na sala de aula é, sem margem para dúvidas,

o principal factor extrínseco ao aluno que determina a sua aprendizagem e o seu sucesso e que nem todas as práticas pedagógicas têm o mesmo efeito na aprendizagem.

Princípios da profissionalização das funções

A formação de um professor do séc. XXI deve proporcionar-lhe oportunidades de desenvolver uma reflexão profunda sobre:

- 1- A sua identidade profissional;
- 2- A deontologia da sua profissão;
- 3- A construção do seu projecto profissional;
- 4- A necessidade de uma permanente actualização.

- **Quem é um professor?** - É aquele que ensina, dirão. E têm razão. Um professor ajuda os seus alunos a desenvolver competências disciplinares e competências transversais e depois, avalia-os.

Mas diria que ele é muito mais do que isso. Hoje ser professor não se limita ao aspecto pedagógico. Ele é chamado a agir na sua escola e fora dela. É um sacerdócio.

Dentro da escola também participa em reuniões com os colegas, com os pais dos alunos, e não raras vezes assume funções outras que não apenas a de ensinar, como por exemplo, de gestão e de administração.

Fora da escola trabalha com organizações e associações socioculturais, com a comunidade em geral, participa de

diferentes projectos que exigem competências específicas. Por isso, falamos de profissionalização.

Falar da profissionalização da função do professor é reconhecer que um professor deve ser um especialista com competências específicas (como os médicos, engenheiros, juristas...), com autonomia profissional e com responsabilidades individuais e colectivas.

- **E o que é profissionalização?** A profissionalização ou uma política de profissionalização é:

A reavaliação da posição social dos professores;

Um forte investimento na imagem de um professor altamente qualificado para que possa beneficiar-se dum certo prestígio social;

A profissionalização da função do professor começa a ser construída à medida que ele toma consciência da necessidade da existência de uma forte identidade profissional.

A tomada de consciência dessa identidade inicia com a formação adequada do professor, quando colocado em contacto com a complexidade da realidade na qual vai trabalhar, da exigência da sua função, e faz uma retrospectiva do seu percurso escolar e conseqüentemente se dá conta que as novas funções que lhe são acometidas são bem diferentes das suas representações sobre o que é/era/ ser professor.

Como se constrói a profissionalização?

Uma profissionalização é sempre construída de forma progressiva através de diversas actividades interdisciplinares integradas na formação.

Por isso, a profissionalização deve ser entendida como o «coração da formação», isto é, deve ocupar um lugar central. As situações concretas de trabalho, complexas e diversas e porque não «duras», as dificuldades encontradas e a necessidade de as ultrapassar, exigem que o professor seja activo e criativo na sua sala de aula, na sua escola, na sua instituição escolar. E para responder a essas múltiplas exigências da sua profissão ele deve possuir e dominar um conjunto de competências indispensáveis.

Porém, o professor não trabalha de forma isolada. Ele trabalha numa escola, com outros profissionais de educação, nomeadamente formadores, gestores/directores, inspectores e supervisores pedagógicos.

As competências que a política de profissionalização angolana pretende que os seus professores e profissionais de ensino dominem, sejam da formação inicial, sejam da contínua, estão já definidas nos referenciais de competências que buscamos convosco a validação.

O perfil do formador na ZIP

Formar é um trabalho de profissional que, apesar de acarretar consigo uma certa parte de intuição e arte, também exige, para ser eficaz, ter competências específicas.



Fig. 4 O professor Abel Chimuco numa sessão formativa sobre a Pedagogia da Integração/ Abordagem por Competência no Magistério Primário do Lubango-Nambambi.

Todos nós, ao longo da vida, desempenhamos em maior ou menor frequência, mais ou menos conscientemente, a função de “formador”.

Seja de forma perfeitamente consciente ou simplesmente no contacto ou convívio com as pessoas com quem interagimos, procuramos com as nossas palavras e acções influenciar, num certo sentido, as acções dos outros, procurando ajustá-las aos nossos próprios padrões, seja de pensamento ou de comportamento, que consideramos, inevitavelmente, os mais correctos.

Contudo, se as nossas tentativas de influência consistirem na explicação das nossas razões e maneiras de pensar apelando à compreensão e reflexão, dando, no entanto, a liberdade de

escolha, ajustada ao modo de ser e de estar de cada um, esse é um comportamento formativo no sentido próprio do termo: isto é, proporcionar e facilitar o desenvolvimento pessoal, a capacidade de iniciativa, discernimento e decisão, através do fornecimento de elementos e de instrumentos que possibilitem uma análise pessoal e uma escolha consciente.

Só assim desenvolveremos uma actividade verdadeiramente formativa.

Durante muito tempo, um formador era visto antes de mais como um especialista dos conteúdos que lhe conferia um determinado carisma, que devia possuir talentos de orador. Esta concepção tem evoluído significativamente nos nossos dias, embora não tenha desaparecido completamente.

Formar é um trabalho de profissional que apesar de acarretar consigo uma certa parte de intuição e arte, também exige, para ser eficaz, competências específicas. É uma profissão que assenta em actos técnicos, compreendendo uma parte que pode ser descrita, operacionalizada e aprendida.

Cada vez mais, a variedade e complexidade das situações de formação exigem do formador uma grande capacidade de adaptação, dando-lhe a possibilidade de explorar as suas especificidades através de decisões adaptadas.

O formador, quer exerça essa actividade a tempo inteiro ou não, desempenha e regula o processo de aprendizagem de uma forma sistemática, visando proporcionar com esse exercício a

transmissão e aquisição de competências profissionais que confirmam, aos indivíduos em formação, o domínio de um conjunto de técnicas fundamentais, que lhes permitam o seu sucesso num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, num mundo tecnológico em permanente mudança.

O formador deve possuir competências a nível "humano", técnico/profissional e pedagógico. Ao formador cabe a responsabilidade directa de proporcionar a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes correspondentes ao eficaz desempenho de uma profissão, mantendo-se alerta, atento e interessado, de forma a permanecer actualizado, nunca dando por concluído o seu processo formativo.

O formador deve ser capaz de questionar sistematicamente os seus próprios conhecimentos, para que possa existir uma constante reestruturação da sua "bagagem" profissional.

COMPETÊNCIAS DO FORMADOR

a) Ser capaz de compreender e integrar-se no contexto técnico em que exerce a sua actividade:

- a população activa;
- o mundo do trabalho e os sistemas de formação;
- o domínio técnico-científico e/ou tecnológico, objecto da formação;
- a família profissional da formação;
- o papel e o perfil do formador;

- os processos de aprendizagem e a relação pedagógica;
- a concepção e a organização de cursos ou acções de formação.

B) Ser capaz de adaptar-se a diferentes contextos organizacionais e a diferentes grupos de formandos.

C) Ser capaz de planificar e preparar as sessões de formação, nomeadamente:

- analisar o contexto específico das sessões – objectivos, programa, perfis de entrada e de saída, condições de realização da acção;
- conceber planos das sessões;
- definir objectivos pedagógicos;
- analisar e estruturar os conteúdos de formação;
- seleccionar os métodos e as técnicas pedagógicas;
- conceber e elaborar os suportes didácticos;
- conceber e elaborar os instrumentos de avaliação.

D) Ser capaz de conduzir/mediar o processo de formação/aprendizagem no grupo de formação, nomeadamente:

- desenvolver os conteúdos de formação;
- desenvolver a comunicação no grupo;
- motivar os formandos;
- gerir os fenómenos de relacionamento interpessoal e de dinâmica de grupo;

- gerir os tempos e os meios materiais necessários à formação;
- utilizar os métodos, as técnicas, os instrumentos e os auxiliares didácticos.

E) Ser capaz de gerir a progressão na aprendizagem dos formandos, nomeadamente:

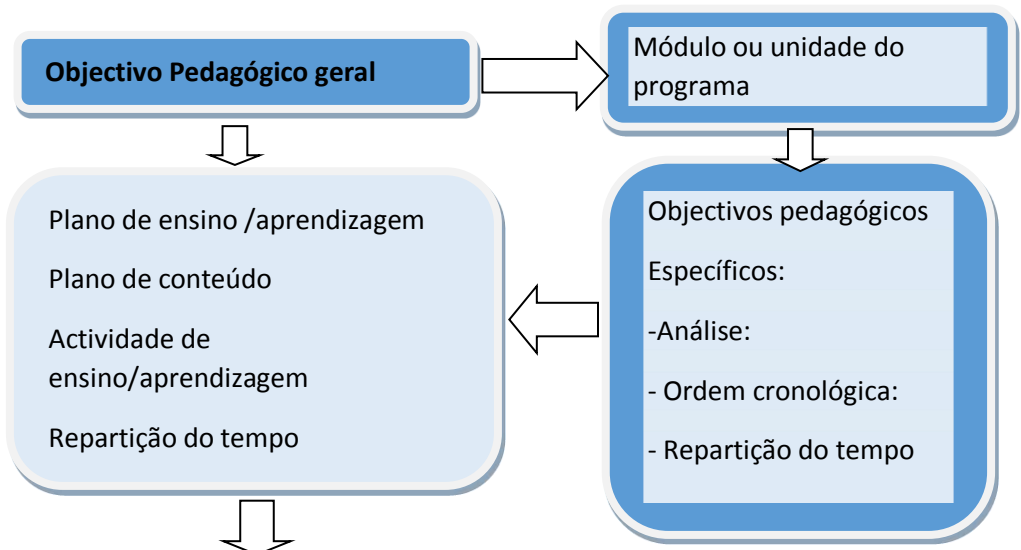
- efectuar a avaliação formativa informal;
- efectuar a avaliação formativa formal;
- efectuar a avaliação final ou sumativa.

F) Ser capaz de avaliar a eficiência da formação, nomeadamente:

- avaliar o processo formativo;
- participar na avaliação do impacto da formação nos desempenhos profissionais.

Esquema de Planificação de uma acção formativa na ZIP

Como é sabido, a ZIP representa um local de dinamização de actividades pedagógicas e de formação contínua dos professores. Para melhor organizar uma acção formativa dentro da ZIP precisa-se obedecer algumas estratégias. A seguir propomos o esquema de planificação de uma acção formativa.



A Zona de Influência Pedagógica é um local onde os professores têm a oportunidade de desenvolver ações de formação contínua. Para tal, o esquema em epígrafe pode ajudar os facilitadores na organização de uma formação ou capacitação dos professores.

“O aperfeiçoamento profissional dos professores não é um acontecimento, é um processo”.

Sandra H. Harwell

“ O professor só pode ensinar, quando está disposto a aprender”.

Janói Mamedes

“ O professor é o elemento autorizado para mediar nas aprendizagens do aluno ajudando-o a construir a sua competência para resolver os seus problemas quotidianos ”

Benício Puna

Na verdade, falar do termo professor para muitos tornou-se uma canção sem notas musicais devidamente organizadas. Um termo que, para além de sofrer desprezos do seu valor por inocentes, também virou um termo de simples e puramente ganha – pão.

É verdade que para muitos hoje, o professor é aquele que se limita apenas em transcrever o livro ou outro material didáctico-pedagógico e levar para uma simples transmissão de conteúdos ao aluno. É aquele que diante dos alunos só sabe tudo,

considerando-os como objectos de depósito das suas imposições. Não aceita opiniões de ninguém. Uns dizem que são professores do tempo colonial, sabem tudo e têm mais experiência... Mas se esqueceram que hoje já existem meios tecnológicos mais avançados onde o aluno já e pode trazer de fora para dentro da sala de aula uma inovação que o colonialista deveria aprender.

O verdadeiro professor deveria ser e ter assumido, pelo menos, as seguintes características:

1. Ter as competências de expressão oral, escrita, compreensão oral e escrita na sua totalidade;
2. Ser paciente;
3. Ser criativo;
4. Ter a paciência de ouvir as opiniões dos alunos por mais que sejam banais;
5. Ter a capacidade de uma escuta activa;
6. Expressar-se bem em língua portuguesa mesmo sendo de especialidade diferente à de Língua portuguesa;
7. Ser pontual e assíduo;
8. Apresentar-se bem não só na sala de aulas como também fora;
9. Ser preocupado para com os alunos sempre que apresentem situações que venham a perturbar o bom aproveitamento dos mesmos;
10. Não mostrar diante dos alunos quando tem os seus problemas pessoais, salvo pela necessidade própria;
11. Evitar de alcoolizar-se em plena aula subordinando os alunos;
12. Ter uma visão além da sua especialidade (visão panóptica);
13. Ser facilitador durante as suas aulas;

14. Ser mediador;
15. Ser pacífico;
16. Ser exigente;
17. Gerir a tolerância;
18. Gerir a Flexibilidade;
19. Ser transparente;
20. Deve ser um pai ou uma mãe para com os alunos;
21. Tomar o papel de educador;
22. Deve ser confiante das suas transferências;
23. Não se deve recuar de reconhecer os seus erros;
24. Deve evitar decorar os conteúdos, mas conhecê-los e dominá-los;
25. Mostrar aos alunos que nem tudo sabe, ao invés de mentir na sala de aulas quando lhe é colocada uma determinada questão;
26. Deve ser um investigador contínuo e não porque já é técnico básico, médio, licenciado, Mestre e PhD... deixa de pesquisar;
27. Deve ter o carácter de questionamento individual (auto avaliação);
28. Deve ter o sigilo profissional e não difamador dos problemas dos colegas.

Ensinar não é só instruir saberes, mas educando instrutivamente todo um leque de conhecimentos a quem precisa. É transferir saberes de forma transparente para que sejam bem concretizados num saber – fazer e saber atitudinal pelos alunos. É mediar e corrigir conhecimentos empíricos de origens variadas.

O professor enquanto elemento escolhido para assumir determinadas responsabilidades escolares, deve ser o mais aberto

possível na construção de conhecimentos dos alunos. Os conhecimentos devem ser devidamente elucidados para que não haja dúvidas por parte de quem os recebe.

Hoje, verificam-se muitos professores que, enquanto estiverem a ensinar, escondem o que o aluno deveria saber na sala de aula, reservando o resto para uma explicação em sua casa. Até chamam de «consulta» antes de realizar uma determinada prova: do professor, de escola ou final. Aí pergunta-se: - que intenções tem o professor? Não acha que estará a fomentar a procura em sua casa? Ou não consegue pedir o Cumbú directamente aos alunos? Um professor deveria ser o mais simples possível com os alunos para que eles facilmente possam expor as suas inquietações sem receio, mas respeito.

Muitos destes professores para se aproveitarem das suas intenções malignas, não dão confiança até ao seu próprio aluno com quem lida durante um ano lectivo, porque acham-se de professores maus e fingidos.

Não há motivo de ser chamado de mau professor, se calhar, faz-se de mau, porque não sabe ou tem dúvida do que ensina, tem medo de ser questionado qualquer dúvida por parte dos alunos. A meu ver, é um professor que estudou por empurrões... tem o título de técnico Superior, Licenciado, Mestre e até PhD, mas não tem competências adequadas para ensinar e assumir o título que ostenta. Que professor é esse? É um professor que só fica satisfeito quando há maior índice de reprovação nas turmas, até vinga - se deles dizendo: "vou vos fubar; fubei - lhes ..."

A noção pedagógica deveria ser exigida para todo aquele que se intitula de professor. É pena que basta saber ler e escrever assume o nome de professor. Será isto verdade? Tem elaborado planos de aulas? Não acha que cada um deveria estar no seu lugar?

Um professor deve sempre procurar ver os seus alunos com bons resultados, ajudá-los, esperando que sejam, talvez, melhores que o próprio professor; fazer com que o aluno aprenda cada vez mais, construindo o seu conhecimento. O professor deve ter uma pedagogia flexível e aberta mais segura. Avaliar um aluno, não é somente olhar quantitativamente, mas, acima de tudo, fazer um estudo profundo e qualitativo do mesmo durante o ano lectivo e na ascensão dos seus valores ético - morais.

Nem sempre o aluno está bem-disposto em todas aulas, daí que, por qualquer motivo, o melhor aluno da turma pode tirar a nota mais baixa que os menos aplicados. Será que este tipo de aluno, tirando uma nota baixa numa prova final o professor não reconhecerá do esforço do mesmo, durante as aulas? Lembra-se que geralmente a prova final é elaborada por uma outra pessoa.

Quando um professor só valoriza a nota de exame, ou seja, só porque é a que tem maior peso, significa que não está a valorizar todo processo de aprendizagem do aluno durante o ano lectivo, porque estará a desvalorizar todo esforço do próprio professor.

Avaliar não é o aluno, mas os conhecimentos deste ou aquele aluno em função dos objectivos preestabelecidos pelo professor logo no início das aulas. Por isso, senhor professor, não olhe a cara do aluno se é bonita ou feia para o avaliar. Um aluno com

uma evolução de notas como por exemplo: 14 valores de média, no 1º trimestre, 16 no 2º trimestre e 6 valores na prova de escola, fazendo a média final de 8,7 valores, reprova? Por regra geral sim, já que para transitar o aluno deve ter a média mínima de 10 valores. Apesar disto, acho que o professor deveria pensar um pouco deste aluno. Recorda-se que quem acompanhou o comportamento deste aluno é o próprio professor e não é por uma prova elaborada por outra pessoa que se esquece da sua evolução durante o ano académico.

Não me esqueceria de salientar e chamar a atenção aos professores que abandonam os alunos durante as aulas para irem à sala nº 9. É uma sala onde os alunos dão as Birras e o vinhito. Esta sala (Lanchonete) encontra-se junto da escola.

Tipos de professores identificados nas escolas, segundo a nossa percepção

A experiência de ser um supervisor pedagógico e formador de formadores mostrou-me que, em muitas escolas do nosso país, temos várias e diferentes identidades que se intitulam como professores. O fracasso de muitos alunos tem, na maioria dos casos, sido por desleixo de alguns professores que não assumem as suas responsabilidades.

Porém, durante o percurso enquanto supervisor pedagógico nas escolas huilanas identificámos e classificámos os seguintes tipos de professores:

1. **O professor que vai à escola para trabalhar:** este professor nem se quer precisa dos seus alunos, pois o seu objectivo principal é receber o seu ordenado no fim do mês.

2. **O professor que vai à escola para estar:** é um professor que assume ter muitos anos de serviço e acha que trabalhar arduamente, seria perda de tempo e pouco se preocupa com o que seu Director orienta.
3. **O professor que se preocupa ir à escola para justificar as faltas:** é um professor que sempre quer que o seu Director o compreenda nas suas mentiras, pois ele tem sempre desculpas que pouco ou quase nada correspondem à verdade.
4. **O professor que assume ser profissional:** é aquele que é executor, investigador e quer aprender continuamente para melhor ensinar os seus alunos.
5. **O professor que vai à escola para ensinar:** este professor está sempre preocupado com as aprendizagens dos seus alunos. É um professor que fica nervoso ou mesmo triste contra os seus alunos por estes apresentarem maus resultados. Mas ele também procura incentivar, encorajar e estimular os seus alunos mesmo que apresentem debilidades.
6. **O professor que mostra o caminho para aprendizagem dos alunos:** é um professor que usa uma pedagogia construtivista ou de integração assente numa abordagem por competências onde o aluno enfrenta situações complexas e procura associá-las aos conteúdos aprendidos na sala de aula para resolver as suas dificuldades quotidianas.
7. **O professor mediador:** utiliza mais metodologias de trabalhos em grupo, pois os alunos têm maior liberdade de interacção social entre os membros do grupo.

8. **O professor coercivo:** este professor parece ser mais arrogante, às vezes, pouco reconhece o trabalho do aluno.
9. **O professor passageiro:** actualmente nota-se muitos professores que só se limitam a mandar os estudantes para investigarem uma determinada temática, mas este nunca tem tempo de situar os alunos nos possíveis pontos mais importantes do tema. Trata-se ainda de professor garimpeiro que não consegue conciliar o seu tempo de trabalho.
10. **O professor refugiado:** aqui, quero fazer perceber, segundo o meu ponto de vista, este tipo de professor pouco dá o espaço ao aluno para que este apresente as eventuais dúvidas decorrentes do desenvolvimento da aula; apresenta sempre arrogância para que o aluno não o aproxime.
11. **O professor Vaivém:** ora bem, talvez por que muitos ainda têm a profissão de professor como um simples ganha pão. O trabalho de campo nos distintos municípios ajudou-nos a conhecer várias realidades de comportamentos de alguns professores que quando entendem trabalhar e porque na sua maioria vive no município do Lubango quando entendem de que num determinado dia e de acordo o seu horário vai à sala de aula só para marcar sua presença enquanto a motorizada ou táxi que o levou fica a espera por ele para regressar aos Lubango. Pouco permanecem no município onde foi colocado por isso prefere persuadir o taxista para o esperar enquanto despacha os alunos. Por exemplo se ele tiver que trabalhar numa quinta-feira às 10h no município de Caluquembe, apanha o táxi das 5 ou 6h , deixa-no em Caluquembe e este vai descarregar outros

passageiros na praça da Alemanha e de regresso volta a pegar o mesmo táxi, não importa se por 30 minutos ou 1 hora. E assim volta ao Lubango.

12. **O professor comboio:** é um professor que tem e vê os seus alunos como carruagens ligadas. Utiliza uma aprendizagem de escadote onde procura fazer um ensino de sobe e desce desde o aluno mais dotado ao menos dotado, com vista a levar todos ao topo e com resultados significativos.
13. **O professor que dá aulas:** é um tipo de professor reprodutor e que normalmente vai à escola para cumprir o horário que lhe é atribuído; esse professor quando lhe é perguntado onde trabalha, a sua resposta geralmente é de que dá aulas na escola X, porque acha que, trabalhar trata-se de estar numa outra empresa e não no sector da educação.
14. **O professor Missionário:** o termo Missionário pode ser entendido como alguém que assume ter missão e responsabilidade para levar com que os alunos atinjam os seus objectivos de aprendizagem. Todavia, um professor missionário tem um papel de incorporar consigo a missão de levar qualidade de um processo de ensino – aprendizagem que correspondam com os objectivos do Ministério, fazendo com que haja uma aprendizagem significativa dos alunos.

Módulo III: A Planificação e Planificação Pedagógica

A noção de planificação é abrangente, ou seja, em todos lugares onde se encontra um ser humano há sempre uma planificação, ela toma um papel de transversalidade. Mas é preciso que se pense em que tipo de planificação quer assumir para responder aos objectivos expectáveis. Quando se diz que ela é transversal, pois, não é assumida em apenas num único sector, aliás, a nossa vida é uma planificação diária.



Exercício de planificação

Enquanto professor e dada a abrangência da planificação no sector da educação ela pode ser vista em várias dimensões como a classificaremos de seguida:

- 1. Planificação administrativa:** falar da planificação administrativa é olhar na vida da instituição. Ela vela desde

a organização da gestão de pessoas e das condições de trabalho dos funcionários em cada área de trabalho dentro da instituição.

- 2. Planificação estatística:** trata-se sobretudo da organização dos dados estatísticos que fazem com que uma instituição trabalhe dentro das normas pré-estabelecidas.
- 3. Planificação orçamental:** como seu nome diz, orçamental, significa trabalhar com dinheiros. É preciso que tudo que se pretende desenvolver numa instituição seja acautelado pela sustentabilidade financeira.
- 4. Planificação Inspectiva:** no sector da educação, a componente inspectiva refere-se a trabalhos de organização normativa e de processos disciplinares nas instituições escolares. É preciso que para realização de uma boa inspecção escolar se previne os aspectos a serem inspecionados.
- 5. Planificação tácita:** a experiência, às vezes, faz com que muitos professores ou outros funcionários se mostrem cómodos na realização de tarefas. Quando muito tempo tem de experiência de trabalho, metemos de parte o momento de planificar qualquer actividade que queremos desenvolver. Tudo passa a ser feito de forma memorista. É tipo de planificação muito frequente no ensino superior. Muitos confundem o reproduzir o fascículo ou livro dos anos anteriores para dar aos seus estudantes e pensam que estão a planificar!

6. Planificação explícita: trata-se de apontar tudo o que queremos fazer antes de entrarmos em acção. É preciso perceber que planificamos o que pensamos e traduzir em papel quando necessário.

7. Planificação pedagógica: “o calcanhar de aquiles” de alguns professores. Esta refere-se sobretudo no trabalho diário do professor em casa, nas escolas e nas Zonas de Influência Pedagógica. A planificação pedagógica deve visar preparar o conteúdo, os materiais, definir objectivos ...(Fig.5)

Definição :

- *É organizar, regular segundo um plano.*
- *É também organização racional de meios disponíveis a fim de alcançar os resultados precisos, num período bem determinado*
- *É aplicar um processo que leva a decidir:*
 - *O Que fazer ?*
 - *Como fazer ?*
 - *E como avaliar o que será feito?*
 - *É um processo de previsão e de organização racional de meios didácticos disponíveis.*

A PLANIFICAÇÃO PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DE INTEGRAÇÃO À MATRIZ DA PROVA

INTERESSE DA PLANIFICAÇÃO PEDAGOGICA

- Seleccionar o que deve ser aprendido;

- Desenvolver o conteúdo, o que deve ser aprendido e como deve ser aprendido;
- Organizar as aprendizagens ;
- Avaliar as aprendizagens.

O Porquê planificar? O que retiramos duma operação de Planificação?

As questões abaixo podem ajudar a reflectir sobre o que muitos meramente chamam de planificação nas escolas.

1. Quando se pensa planificar?
2. Como planificar?
3. Quem planifica?
4. Porque planificar?
5. Para quê planificar?
6. Planificar para quem?
7. Onde planificar?

Planificar pedagogicamente é um exercício que requer pensar diariamente em sucessos e insucessos relativos às aprendizagens dos alunos. Para tal, é preciso que todo professor, em exercício efectivo de docência, tenha em conta os dez passos apresentados no esquema abaixo:

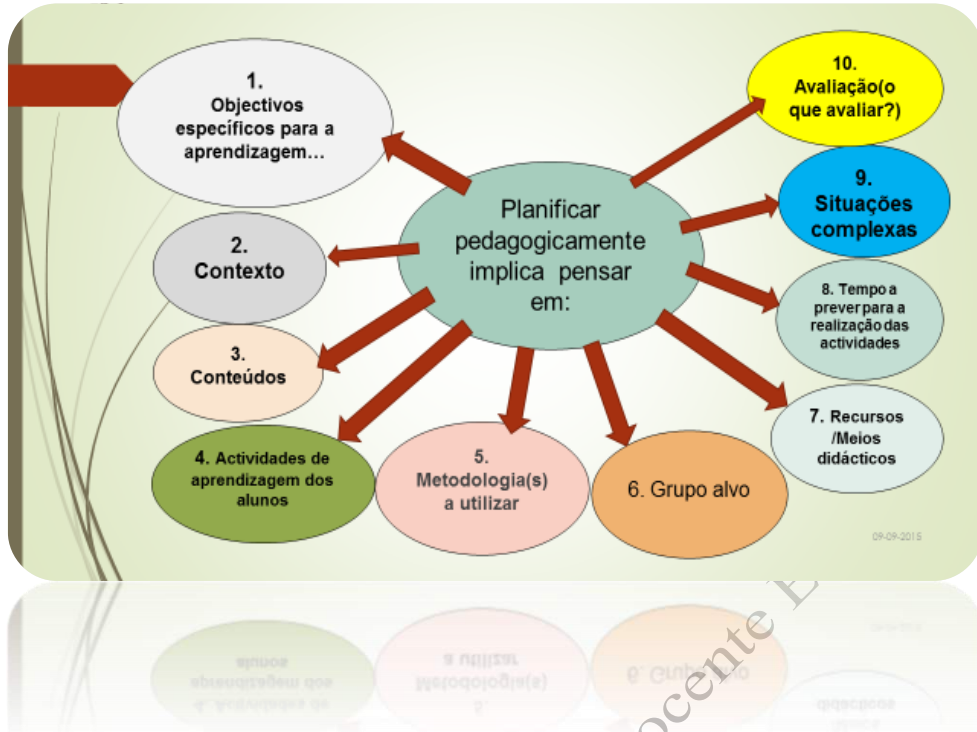


Fig.5 Proposta por Benício Puna

Clarificando os elementos da Figura

1. Objectivos específicos para a aprendizagem do aluno

Às vezes, os professores não sabem o que avaliar nos seus alunos. Alguns dizem que avaliam os conhecimentos dos seus alunos, outros medem os saberes dos alunos. Há outros ainda competem com os seus próprios alunos. Como é possível competir com o seu aluno quando sabe que o seu desejo é o de vê-lo progredir através dos saberes facilitados por si!

Quando fazemos uma boa planificação pedagógica devemos nos lembrar que estaremos a pensar levar o aluno até aos objectivos previstos para que o mesmo tenha competências que o ajudem a

inserir - se na sociedade moderna com enfoque na resolução de problemas.

Mais adiante, deste livro, veremos alguns exemplos de formulação de objectivos específicos.

1. Contexto

Nada se pode pensar planificar as aprendizagens dos alunos se não tivermos em consideração o espaço onde estes alunos estão inseridos. Conhecer previamente o espaço onde se encontram os alunos, ajuda ao professor planificar com segurança todo um conjunto de actividades a serem realizadas pelos alunos. Aqui, o contexto significa a área, a realidade onde é desenvolvida toda a actividade pedagógica e as condições que apresenta esta mesma área e sociais dos alunos.

2. Conteúdos

Para além da matéria curricular, o professor pode recorrer a outros conteúdos que vão de encontro com os objectivos de aprendizagem previstos no programa. É importante aqui frisar que quanto mais específicos formos, melhor alcançaremos os desejos de aprendizagem do aluno. O conteúdo deve adequar - se à realidade do aluno para que ele possa resolver as suas situações do dia -a- dia, recorrendo às aprendizagens adquiridas a partir da sala de aula.

3. Actividades de aprendizagem dos alunos

É preciso que o professor adapte as actividades de aprendizagem em função da diversidade dos alunos que constituem a turma. O tipo de actividade deve corresponder aos objectivos específicos e

estes aos objectivos do ciclo de aprendizagem, definindo a competência terminal. Como os alunos devem realizar uma determinada actividade? Aqui queremos dizer que os trabalhos em grupo dentro da sala, podem ser um mecanismo que melhor vai ajudar na interacção entre os alunos.

4. Metodologia (s) a utilizar

Metodologia é uma palavra derivada de "**método**", do Latim "*methodus*" cujo significado é "**caminho ou a via para a realização de algo**". Metodologia é o campo em que se estuda os **melhores métodos praticados** em determinada área para a produção do conhecimento.

A metodologia consiste em uma meditação em relação aos métodos lógicos e científicos.

A pensar na planificação pedagógica devem ser previstos os procedimentos que poderão facilitar conduzir toda a actividade de ensino / aprendizagem fora e dentro da sala de aula. Cada actividade deve ter uma metodologia que melhor se adequa na aprendizagem significativa dos alunos. A metodologia é a via a utilizar para se chegar aos objectivos predefinidos.

Durante a planificação pedagógica, considerada planificação colectiva de um determinado grupo de professores, define-se uma metodologia a utilizar para facilitar o conteúdo a ser leccionado no dia ou na semana seguinte. Mas é preciso que cada professor se lembre que a realidade dos seus alunos é diferente a dos demais colegas da mesma escola.

Para tal, é preciso que na planificação individual, o professor defina as várias e possíveis vias para desenvolver a aula.

Vejamos o seguinte exemplo: três irmãos, vivendo no Lubango, planificam viajar para Luanda, a capital de Angola. O primeiro irmão, António, acha que, viajando de autocarro levaria mais tempo, por isso decide pegar um avião. A Maria, de 25 anos de idade, ao pensar levar uma mercadoria e querendo poupar o seu dinheiro, prefere pegar um autocarro. O Márcio, irmão mais novo, de 23 anos de idade e não conhecendo outras províncias de Angola, decide viajar com o seu próprio carro, tomando a via Kaluquembe, passando por Huambo, Waku kungo, Dondo até sair pelo município de Cacuaco.

Na verdade, cada um tomou um rumo diferente do outro, mas todos cedo ou tarde chegaram ao mesmo destino (Luanda). Queremos dizer que cada professor precisa experimentar várias vias para levar os alunos a alcançarem os objectivos predefinidos. Logo, a metodologia a usar vai depender da realidade e da complexidade que os alunos apresentem na sala.

5. Grupo alvo

Não se deve pensar numa planificação de qualquer formação se não olhar primeiro nos elementos/indivíduos que a vão beneficiar. A planificação deve corresponder com o tipo de alunos existentes na escola e as capacidades que os alunos apresentam.

6. Meio de ensino/Meio/Recurso didáctico

Ao planificar um determinado conteúdo devemos, de antemão, prever o tipo de materiais a adequar. Um conteúdo que não tenha o recurso que possa servir de um meio de apoio, pode criar dificuldade ao professor durante a sua aula. Os Meios de ensino/recursos e/ou meios didácticos ajudam o professor melhor exemplificar durante a aula.

Uma analogia mais profunda pode fazer a diferença entre recursos didácticos e meios didácticos. Parece-me que **recursos** didácticos seria todo um conjunto de materiais não pedagógicos, mas que possam servir de auxílio para desenvolver uma determinada aula enquanto que os meios didácticos são todos materiais concebidos especificamente para um tipo de aula. Exemplos:

Meio de ensino: ensinar uma aula de biologia com o tema ‘ ‘ a célula animal ‘ ‘ se não tiver o livro onde consta uma ilustração sobre a figura da célula animal, o professor entende projectar através do computador pois, só conseguiu a referida figura a partida da internet. O computador será considerado como um meio de ensino e a internet como fonte do conteúdo/figura. Mas se ilustrarmos a mesma figura a partir do livro de Biologia, este sim será considerado como recurso/meio didáctico, pois o manual foi concebido para apoio às aulas do professor nesta disciplina.

7. Tempo a prever para a realização das actividades

A planificação temporal de qualquer actividade pedagógica a realizar ajuda na organização do trabalho do professor e dos alunos. O cumprimento rigoroso do tempo é um princípio de responsabilidade para mensurar os programas disciplinares que

compõem o currículo. Durante a planificação há que prever o tempo para cada actividade a desenvolver na sala de aula. Na realidade e nas planificações pedagógicas só se define o intervalo de tempo como, por exemplo, o início e o término. Os professores esquecem-se que durante a planificação deveriam definir os tipos de actividades e a respectiva distribuição do tempo para cumprir em cada actividade.

8. Situações complexas

Não confundamos situações complexas como algo difícil. Aqui entende-se por situação complexa como um conjunto de estratégias para se resolver uma situação problema. Ao fazer uma planificação pedagógica devemos pensar em criar situações complexas que suscitem ao aluno a mobilizar um conjunto de recursos.

Por exemplo: se pedirmos um menino de 10 anos que vá comprar 5 pães, 2 quilos de arroz e uma conserva de sardinha na "pracinha" é bem verdade que a resposta poderá ser mais fácil, mas para se comprar estes produtos, o menino terá de mobilizar um conjunto de elementos para concretizar tal acto, ou seja, o menino deverá saber fazer quanto em dinheiro vai precisar para a compra dos produtos, perguntar o preço, saber calcular, recorrendo às operações matemáticas, solicitar desconto enfim.

9. Avaliação (O que avaliar?)

Nada se pode avaliar se nada foi planificado e realizado. Aqui não se trata apenas de uma avaliação das aprendizagens dos alunos após aulas dadas. É preciso que se avalie também a própria

planificação. Na realidade e seguramente enquanto professor, procuramos avaliar os objectivos de aprendizagem dos alunos e avaliamos todo processo da planificação que concorre ao alcance dos objectivos definidos.

Porém, e em poucas palavras, podemos definir a planificação pedagógica em várias ideias conforme as alíneas a seguir. A planificação pedagógica é:

- a) **Um** exercício de reflexão colectiva;
- b) **Um** exercício de paragem retrospectiva que permite compreender o que foi realizado e o tempo de paragem prospectivo que orienta e reorienta o que foi realizado;
- c) **Um** exercício de organização;
- d) **Um** exercício de gestão;
- e) **Um** exercício de comunicação;
- f) **Um** exercício de se meter em questão;
- g) **Um** exercício de responsabilização e de motivação das equipas;
- h) **Um** exercício de exercícios;
- i) **Um** exercício de projecção;
- j) **Um** exercício de formalização;
- k) **Um** exercício de debates;
- l) **Um** exercício de correcção;
- m) **Um** exercício de visão panótica (visão geral);
- n) **Um** exercício de reflexão sobre acção realizada e a realizar

Notam-se, muitas vezes, que a planificação pedagógica nas escolas, nada mais, senão a dosificação e mera listagem de conteúdos segundo os programas curriculares.

A intenção de fazer algo, não deixa de ser uma planificação que pode ser mental e acabar por ser registada sequencialmente. É preciso que o professor tenha uma disponibilidade temporal para que o sucesso da planificação seja salutar em todas as vertentes, no caso de uma aula na sala.

Uma planificação deve ser reflectida numa intenção- acção- reflexão- acção- avaliação a partir do momento que se verifique as necessidades para desenvolver o processo educativo no seio dos alunos.

Planificar é uma competência que requer reunir um conjunto de capacidades para procurar ter melhor organização nas aprendizagens dos alunos em sala de aulas. As necessidades de uma escola não são iguais de outra. Por isso, é preciso saber, em primeiro lugar e identificar as necessidades imediatas e prioritárias para que não se verifiquem incongruências no terreno.

Devemos falar da planificação pedagógica num conjunto de tarefas diversificadas que correspondam com os anseios da escola e, em particular, da vida prática dos professores na sala de aula a favor das aprendizagens dos alunos.

Actividades a ter em conta numa planificação pedagógica

Na planificação, pressupõe desenvolver um leque de actividades que concorrem na qualidade do processo educativo. De entre as várias actividades destacamos as seguintes:

1. Reunir entre os professores da mesma coordenação ou de outra quando convier;
2. Dosificar os conteúdos por semana, quinzenal, trimestral, semestral ou anual;
3. Analisar e discutir sobre os conteúdos a serem ministrados;
4. Seleccionar os materiais didáctico-pedagógicos adequados aos conteúdos;
5. Analisar os relatórios das actividades anteriores;
6. Traçar estratégias metodológicas pontuais;
7. Definir objectivos específicos pontuais que ajudem os professores menos experientes;
8. Simular aulas-modelos para ajudar os professores menos experientes;
9. Avaliar o processo de planificação.

Formulação de objectivos específicos

É aqui que deve situar-se a **distinção** entre **objectivos formulados em termos de processo ou em termos de produto**, e o rigor a estabelecer na definição de objectivos comportamentais, como o exemplo que se segue.

Quais os objectivos bem formulados?

Objectivos	Errado	Correcto porque...
a) Fomentar o gosto pela leitura. (errado porque genérico e dirigido ao professor).	Errado	
b) Emite opinião fundamentada sobre a importância da existência de zonas verdes na cidade		correcto
c) Dá exemplos de jogos de palavras e utiliza-os criativamente	Errado porque tem mais de um objectivo numa só formulação	
d) Destaca expressões típicas da linguagem popular		Correcto
e) Desenvolver a capacidade de recortar textos	Errado - está formulado em termos de professor.	
f) Distingue conclusões válidas e não válidas.		Correcto
g) Demonstrar aos alunos como se faz uma preparação microscópica	Errado, está em termos de actividade do professor	

Alguns conselhos para analisar programas de estudo de um determinado ciclo de ensino.

O programa de estudo é um guião estruturado de forma temática correspondente a um determinado currículo escolar. O programa deve ter objectivos os quais ajudam o professor como base ao elaborar um plano de aula. Trata-se de objectivos gerais que são previstos pela estrutura do Ministério da Educação. Objectivos específicos por Unidades temáticas e de acordo com os períodos académicos (Trimestral, Semestral e Anual).

Um programa de estudo deve ser adequado à realidade contextual do País e que deve corresponder com a diversidade sociocultural de cada região.

Sempre que pensamos planificar as nossas aulas devemos ter, ao nosso lado, o programa de estudo correspondente à cadeira que leccionamos e ao manual da mesma disciplina.

Conhecer um programa de estudo significa estar prevenido antes de planificar uma aula. O professor deve conhecer não apenas o programa da classe que lecciona mas sim do ciclo em que a cadeira é aprendida. Ciclo significa por exemplo, 1ª e 2ª classes (mais adiante temos uma explicação).

Ao falarmos do ciclo e um olhar no ensino primário, tenhamos em atenção a definição das competências de Base em cada Ciclo.

Exemplos de Competências de base em Língua Portuguesa e Matemática:

1. Competência de base em LP

A partir de um suporte escrito, apoiando-se no material linguístico adquirido nas aulas da disciplina de Português, o aluno deve poder produzir, numa situação de comunicação, um texto (tipo...) coerente e correcto de seis frases pelo menos, para pedir informações.”

2. Competência de base

Numa situação de comunicação, apoiando-se num suporte escrito (excerto de uma obra literária) o aluno deve poder produzir uma análise de uma página e meia, obedecendo às regras de análise do texto literário: estrutura (tema e assunto, assunto e

seu desenvolvimento, estrutura externa, linguagens e estilo), coesão e coerência textuais, correção linguística, apresentação gráfica.

3. **Competência de base**

Numa dada disciplina e a nível de um dado conteúdo a ensinar (ensino primário) o aluno-mestre deve poder construir uma situação de avaliação das aprendizagens dos alunos nesta disciplina e propor um dispositivo de remediação das dificuldades dos alunos.

4. **Competência de base**

Resolver uma situação-problema recorrendo às percentagens, assim como aos cálculos de perímetro, de área e volume dos cubos e paralelepípedos rectangulares.

Ao definirmos os perfis de saída dos alunos do ensino primário é preciso que se tenha em consideração o seguinte.

Competências evolutivas por ciclo em Língua Portuguesa.

As vezes os professores limitam-se a transmitir o conteúdo contido nos manuais e nem provavelmente sabem o que realmente o aluno deveria saber ao terminar o Ciclo. Quando muitas vezes perguntamos aos professores ‘ ‘ Sr.(a) professor(a), **que tipo de texto vai ensinar aos seus alunos hoje?** ‘ ‘ **A resposta geralmente tem sido: Hoje vamos falar do texto ‘ ‘a Família** ‘ ‘. Esta resposta ajuda-nos a perceber que alguns professores têm ainda dificuldade de classificar os tipos de textos (Narrativo, Descritivo, Poético, Informativo etc.).

É preciso que o professor ensine o aluno aprendendo a reconhecer a tipologia dos textos existentes no manual e não limitando-se somente a fazer ditado, leitura silenciosa, colectiva e individual.

Evitemos apenas a planificar semanal ou quinzenalmente os conteúdos sem antes pensarmos o que o aluno deve indispensavelmente saber até ao final do trimestre ou ano lectivo.

Vejamos a seguir o essencial que os alunos devem saber ao terminar um ciclo em Língua Portuguesa.

1º Ciclo (1ª e 2ª classes)

1ª Classe: O aluno deve saber escrever o seu nome e frases simples e descrever os membros da família.

2ª O aluno produz pequenos textos do tipo prescritivo

Competência do Ciclo

O aluno deve em situação de comunicação escrever o seu nome, produzir pequenos textos do tipo prescritivos e narrativo.

2º Ciclo (3ª e 4ª classes)

3ª classe: O aluno deve saber escrever textos descritivos

4ª Classe: O aluno produz textos informativos.

Competência do Ciclo

O aluno deve em situação de comunicação escrever, ler textos do tipo descritivos e informativos.

3º Ciclo (5ª e 6ª classes)

5ª Classe: O aluno deve saber escrever, ler textos líricos, poéticos e fazer resumos.

6ª o aluno produz textos utilitários

Competências do Ciclo

O aluno deve em situação de comunicação ler e escrever correctamente textos líricos, poéticos, utilitários e fazer resumos.

COMPETÊNCIA TERMINAL DO ENSINO PRIMÁRIO

Ao terminar o ensino primário o aluno em situação – problema e apoiando-se num suporte áudio, audiovisual e/ou visual (gravações de canções, histórias..., filmes, desenhos, imagens, fotos), lê e produz enunciados (frase, grupos de frases/textos, significativo do tipo prescritivo, narrativo, descritivos, informativos, líricos poéticos e utilitários respeitando a pronúncia, a entoação a sua mancha gráfica e a sua estrutura morfossintática. Deve igualmente saber aplicar os conhecimentos obtidos nos diferentes ciclos de formação isto é: Oralidade, Leitura e Escrita desenvolvidas, utilização correcta dos tipos de textos que aprendeu durante os ciclos de formação

-Competência de Base I – Oralidade – Numa situação de comunicação, apoiando-se num suporte áudio e/ou visual, o (a) aluno(a), produz, oralmente uma mensagem do tipo narrativo, descritivo e dialogado.

-Competência de Base II – Leitura - Numa situação de comunicação e, apoiando-se num suporte visual e escrito (imagens, fotos, pequenos textos), o (a) aluno (a) produz um enunciado verbalmente significativo (tipo narrativo, descritivo e dialogado).

- Competência de Base III – Escrita: Numa situação de comunicação e, apoiando-se num suporte visual e escrito (imagens, fotos, pequenos textos), o (a) aluno (a) produz um enunciado escrito significativo (tipo narrativo, descritivo e dialogado).

Analisando um programa em grupo.

Os professores do Ensino Primário não se devem limitar apenas conhecer o programa curricular, por exemplo, da 6ª classe. Devem, de certo modo, olhar verticalmente descendente ou verticalmente ascendente, de forma que saibam a progressão do ciclo da classe que lecciona ou seja, se o professor lecciona a cadeira de Língua Portuguesa na 6ª classe deverá se preocupar sobre o programa da mesma cadeira nas classes anteriores (5ª, 4ª, 3ª, 2ª, 1ª classes), um olhar verticalmente descendente ou (1ª,2ª,3ª,4ª, 5ª), um olhar verticalmente ascendente.

Ao tomar contacto com um programa de estudo, as questões abaixo podem ser fundamentais:

- a) Como está estruturado o programa?
- b) Que elementos-chave estão contidos nele?
- c) Que progressão tem o programa?
- d) Como adaptá-lo contextualmente?
- e) Há correspondência com o livro da mesma disciplina?
- f) Que competências de base: intermediária e terminal de integração podem ser previstas?
- g) A linguagem e o vocabulário são facilmente compreensíveis pelos professores?
- h) Que metodologias principais a considerar?

Lembra-se, senhor professor, que um programa de estudo é um documento de carácter obrigatório para qualquer professor, devendo este ser considerado como um documento orientador para o ensino e as aprendizagens dos alunos em sala de aulas. Reconhece-se que o programa de estudo provém do currículo proposto pelo Ministério da educação em consonância com os objectivos gerais e específicos das aprendizagens dos alunos.

O programa de estudo, independentemente de ser um instrumento de cumprimento obrigatório, o professor, em efectivo serviço, deve ter consciência de que o mesmo toma sempre um espaço de flexibilidade, devido às exigências e /ou as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Entretanto, analisar um programa de estudo chama-nos atenção em colocar as seguintes questões que possam suscitar o interesse dos alunos na cadeira que leccionamos:

1. **Quando usar um programa de estudo?** Com isto pretendemos dizer que é preciso que cada professor planifique as suas aulas, apoiando-se ao programa em cada planificação pedagógica;
2. **Por que usá-lo?** Quando pretendemos responder aos objectivos curriculares do sistema educativo do País é preciso seguir as etapas do programa;
3. **Para quê?** Para não leccionarmos fora da orientação do Ministério e o programa sirva de um instrumento uniformizante do sistema de ensino do País;
4. **Onde usar?** Sempre que necessário ele deve ser usado em qualquer lugar onde se verifique a necessidade de uma planificação pedagógica;
5. **Como usar um programa de estudo?** Não é fácil usar um programa de estudo porquanto se precisa fazer uma análise minuciosa do mesmo. A metodologia a utilizar para melhor compreender um programa deve ser adequada em função da realidade ou do contexto onde os alunos estão inseridos.

Plano de Aula

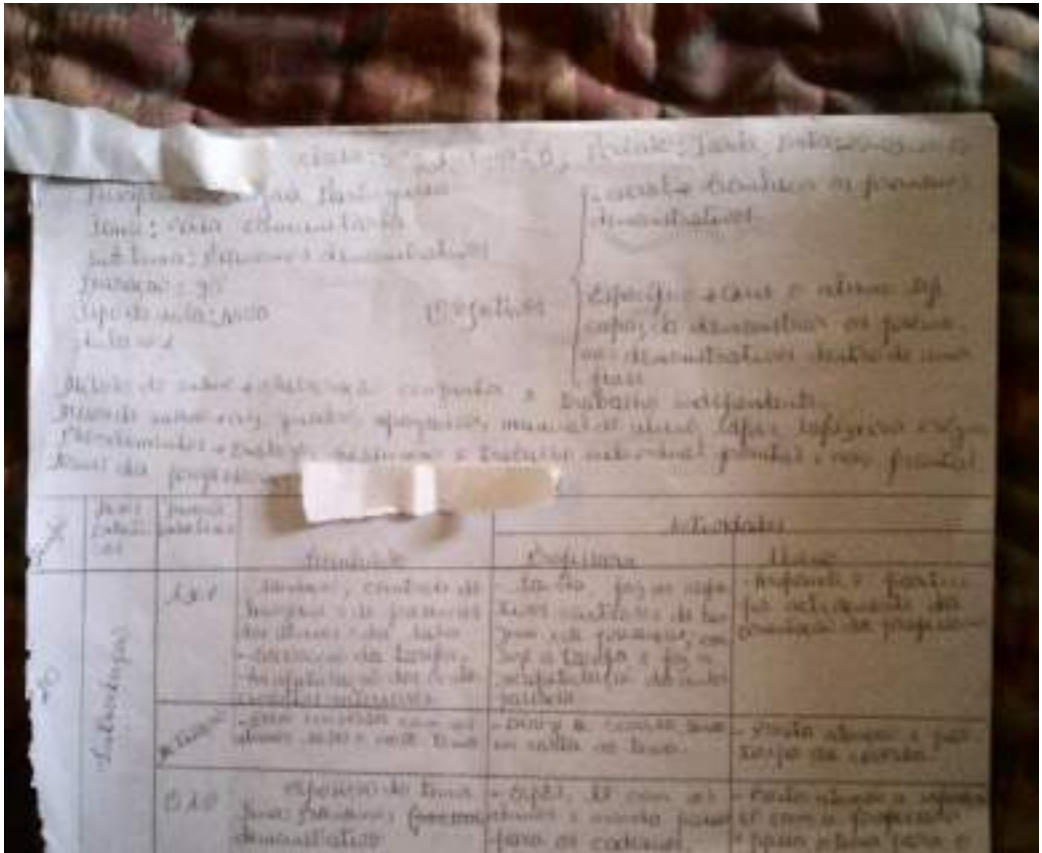
O plano de aula é a arma protectora e orientadora do professor pois, ele serve de um guião para que o professor não se desvie do que previamente foi planificado. Embora saibamos que um plano de aula pode ou não ser aplicado numa aula planificada, pois as

circunstâncias da turma podem alterar completamente a cadência inicialmente organizada.

Não há nenhum plano melhor do que o outro, desde o plano analítico, sintético, vertical, horizontal e ainda plano papelinho.

Ao longo da nossa supervisão pedagógica nas escolas primárias da Huila constatámos que alguns professores elaboram os seus planos de aula, mas esses planos são, na sua maioria, o que consideramos como planos estáticos. Aqui quando queremos falar de um plano estático, a nossa compreensão dá – nos a resposta de que se trata daquele plano cujas actividades do professor e do aluno propostas no plano de aula não apresentam claramente as modalidades como as mesmas devem ser realizadas.

Vejamos um dos planos de aula dos professores observados numa das escolas primárias do Lubango.



Dada a dificuldade encontrada ao interpretarmos as atividades propostas no plano de aula observada, procuramos propor, a seguir um plano de aula que chamamos como plano de aula dinâmico:



República de Angola
Administração Municipal do Lubango
Repartição Municipal da Educação, Ciência e Tecnologia

PLANO DE AULA Nº 02

PRELIMINARES	
Escola: Nº 198	Tipo de Aula: Nova
Ano lectivo 2017	Nº da aula: 2
Disciplina: Língua Portuguesa	Conteúdo de aprendizagem/Subtema: Estudo dos pronomes pessoais singulares (Eu, Tu, Ele e Ela)
Classe: 4ª	Método (s) predominante (s): observação, elaboração conjunta e diálogo em grupo.
Turma: A	Objectivo (s) Especifico (s):
Nº de Alunos: 40	
Duração prevista 45 Minutos	

<p>Hora: Início 8. Término: 8:45</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar que os alunos a descobrem os pronomes pessoais utilizados num jornal desportivo; - Envolver os alunos em pequenos grupos a reutilizarem os pronomes pessoais compreendidos durante o diálogo; <p>Competência de base a desenvolver – Oralidade - Numa situação de comunicação e apoiando-se num suporte áudio, audiovisual e/ou visual (gravações de canções, histórias..., filmes mudo, desenhos, imagens, jornal e fotos) o (a) aluno (a) produz oralmente um enunciado significativo, do tipo narrativo e prescritivo, respeitando a pronúncia e a entoação.</p>
--------------------------------------	--

Nome do professor: Isalino Mwatxissengue

Duração prevista	Fases didáticas	Conteúdo/ Matéria	Estratégias do professor	Actividades do Aluno	Recursos
------------------	-----------------	-------------------	--------------------------	----------------------	----------

	<p>INTRODUÇÃO</p> <p>(- Organização Inicial do Trabalho</p> <p>- Assegurame</p>	<p>-Saudação formal (Bom dia)</p> <p>- A higiene dos alunos e da sala (cabelos bem ou mal penteados, batatas bem abotoadas...)</p> <p>- Presenças dos alunos</p>	<p>- O professor ao entrar na sala deverá saudar os alunos, utilizando a expressão ‘ ‘ Bom dia ‘ ‘</p> <p>- O professor faz a chamada dos nomes de cada aluno para verificar as presenças e as possíveis ausências na sala de aula.</p> <p>- Ao observar todas as presenças e as possíveis ausências, o professor chama 1 aluno de forma voluntária e pergunta-lhe sobre o seu</p>	<p>- O aluno deverá levantar-se para responder a saudação do professor correspondendo com a expressão ‘ ‘ Bom dia ‘ ‘</p> <p>- O/a aluno/a responde com a expressão ‘ ‘ presente, ou estou presente ‘ ‘.</p> <p>- Um dos alunos da sala levanta-se voluntariamente e vai ao encontro do professor.</p>	
--	--	--	--	--	--

	<p>nto do Nível de partida</p> <p>- Organização Até ao Objectivo)</p>	<p>- Os substantivos próprios (nomes dos alunos presentes e ausentes na /da sala).</p> <p>- O estudo dos pronomes pessoais no singular – eu, tu ele e ela.</p>	<p>nome inicial e pede-lhe que substitua o respectivo nome por um pronome pessoal. Exemplo: Então meninos, preciso de 1 voluntário que venha até ao meu lado.</p> <p>Qual é o seu primeiro nome? O seu nome é João? Qual é o pronome pessoal do singular que se usa na primeira pessoa para substituir o seu próprio nome?</p> <p>- O professor dá conta que o aluno não acertou</p>	<p>- O aluno voluntário diz o seu primeiro nome, João.</p> <p>- O Aluno substitui o seu nome por um pronome pessoal como por exemplo: Ele, ou eu...,</p> <p>O meu nome posso substituir por tu,</p>	<p>- O profes sor e aluno s</p> <p>Cartei ras,</p> <p>Jornai s</p>
--	---	--	--	---	--

		<p>- Sobre o desporto no mundo</p>	<p>- O professor dá conta que o aluno não sabe, e volta a pedir que o aluno repita os mesmos pronomes, pedindo que escolhe apenas um.</p> <p>- O professor verifica que o aluno acertou e parabeniza o aluno pelo resultado positivo: Estás certo e parabéns!</p> <p>- o professor formula 1 questão direccionada à turma sobre o Futebol e Basketbol: meninos, que tipos de desportos conhecem?</p>	<p>- O aluno responde correctamente, substituindo por, Eu.</p> <p>- Os alunos aleatoriamente respondem como por exemplo:</p> <p>Eu conheço futebol, eu sei jogar basket, andebol também...</p>	
--	--	------------------------------------	--	--	--

	<p>Desenvolvimento</p> <p>-</p> <p>Tratamento</p>	<p>Um jornal ‘ ‘ Angolense ‘ ‘ contendo diferentes personagens desportivos (Carlos Morais, Miguel Lutonda, Cristiano Ronaldo...) - Utilização dos pronomes</p>	<p>- O professor apresenta o jornal ‘ ‘ Angolense ‘ ‘ aos alunos, formulando as seguintes questões:</p> <p>1. O que todos estão a observar neste jornal?</p> <p>2. Que tipo de desporto mais gostam?</p> <p>- O professor solicita voluntariamente os alunos</p>	<p>- Vários alunos vão responder de forma diferente como por exemplo:</p> <p>- eu vejo jogadores</p> <p>- estão o Carlos Morais e Lutonda</p> <p>- Eu gosto mais futebol, eu também....</p> <p>Eu gosto mais Basket...</p> <p>- Ontem Eu vi o Carlos Morais na televisão quando</p>	<p>-</p> <p>Alunos</p> <p>-</p> <p>Jornal ‘ ‘ Angolense ‘ ‘</p> <p>-</p>
--	--	--	--	---	--

	<p>da Nova Matéria - FIXAÇÃO</p>	<p>pessoais no singular , Eu, tu, ele e ela. - Estórias sobres alguns jogos assistidos pelos próprios alunos</p>	<p>para contarem algumas estórias que sabem sobre os desportos. - Agora que ouvimos a pequena estória contada pelo vosso colega, vamos contar outras estórias em grupos de 4 alunos cada. - O professor corteja uma folha em pedaços até 40 e escreve o nº 1 x4; 2 quatro vezes ... até formar 10 grupos. O professor chama todos os alunos para que</p>	<p>estava a jogar contra 1º de agosto. O Jogo foi muito bom, mas a minha equipa perdeu 34 a 50 com Petro de Luanda. Ele chorou por que perdeu. - Os alunos agitadamente localizam os colegas com o nº igual.</p>	<p>Folhas brancas para rifas</p>
--	--	---	--	--	----------------------------------

			<p>venham à secretária, rifando os nºs.</p> <p>Depois de rifarem, o professor deverá solicitar que cada um localize o seu colega com o nº igual ao dele.</p> <p>- Atenção, a actividade deve demorar 15 minutos e cada grupo deve ter um porta-voz</p> <p>- Depois de diálogo entre os alunos por grupos, o professor pede que cada porta-voz reporte os que conversaram no grupo durante 4 minutos.</p>	<p>- Os porta-vozes recontam o que abordaram começando como por exemplo: nós, no meu grupo falamos sobre o jogador, Miguel Lutonda ...</p>	
--	--	--	--	--	--

	<p>Conclusão</p> <p>-</p> <p>CONSOLIDAÇÃO</p> <p>-TPC</p>	<p>Os pronomes pessoais utilizados durante a conversação nos grupos</p>	<p>- É preciso que cada um de vocês saiba utilizar os pronomes pessoais que hoje aprendemos (eu, tu, ele e ela.</p> <p>- O professor em jeito de consolidação solícita os alunos a recapitularem o que aprenderam, recorrendo às seguintes questões: O que aproveitaram de melhor nesta</p>	<p>Os alunos deverão responder correctamente enumerando os pronomes estudados (eu, tu, ele e ela)</p> <p>- Eu, professor, entendi sobre os pronomes tu e ela.</p> <p>Os alunos ao chegarem em casa deverão perguntar um membro familiar para que lhe conte uma estória desportiva:</p>	<p>Pais, familiares...</p>

			<p>aula? Que pronomes pessoais mais.</p> <p>- A nossa aula já está no fim, por isso, quando chegarem à casa vão perguntar a um familiar para contar-vos uma estória sobre desportos, e escrever no caderno.</p>	<p>Pai, o nosso professor pediu-me para perguntar ao pai sobre uma estória desportiva, qual o jogo que o pai assistiu ontem?</p>	
--	--	--	---	--	--

Valorize a Sua Pr

Outras sugestões de planos de aulas

Plano de aula

Disciplina/área curricular	Ciclo de ensino	Tema	Nível da classe	Tempo previsto	# De alunos

1. Contextualização

- Unidade didática
- Objetivo (s) principal (is) da aula

2 Sumário

3. Conteúdos programáticos: Ter em conta que os conteúdos podem ser:

- **Factuais**
- **Conceituais**
- **Procedimentais**
- **Atitudinais**

4. Competência (s) focalizadas (s) e habilidades

5. Desenvolvimento da aula (referir estratégias e recursos utilizados nos diferentes momentos da aula). **Apresentação da aula:** Introdução, Desenvolvimento, Conclusões

6. Avaliação

7. Tarefa para casa (trabalho independente)

8. Livro (s) de texto e bibliografia

Como ensinar uma criança a escrever o seu nome em menos de 1 hora.

A experiência e as dificuldades ensinam-nos a criar novas estratégias que nos ajudem facilmente a ultrapassar o problema que muitos professores enfrentam na sala com os seus alunos.

Neste espaço trago uma iniciativa que depois de notar que o meu chará, que reprovou na 2ª classe não sabia escrever o seu nome, procurei num sábado ensiná-lo a escrever o primeiro nome dele.

Antes de começar a minha estratégia procurei estabelecer um ambiente favorável, preparando-o psicologicamente que começaríamos por aprender a escrever os nossos nomes, sem fazer perceber como que ele não soubesse escrever o seu próprio nome.

Preparei algumas folhas brancas, uma lapiseira e um lápis. Uma das primeiras perguntas que coloquei para o menino é: diga-me o seu primeiro nome e o chará respondeu, BENILSON. Ouvida a resposta e considerada correcta, então convidei-o dizendo, tudo bem meu chará, hoje neste sábado pensei aprender consigo a escrever os nossos nomes, o teu e o meu. Seguidamente disse-lhe vamos apenas escrever os nossos primeiros nomes.

Notei que ele já estava muito motivado por eu ter-lhe dito que eu também havia de aprender a escrever o meu nome.

Veja a seguir os passos que percorremos até chegar o menino a escrever o primeiro nome dele- BENILSON.

1. Prepara duas folhas brancas de formato A4

2. A primeira folha deve ser cortada em pedaços equivalentes ao número de letras que correspondem o nome que queremos aprender a escrever. Neste caso concreto o nome é BENILSON
3. Escreve em cada pedaço da folha uma letra do nome;



4. Na segunda folha escreve-se o nome em maiúscula e minúscula



5. A seguir pergunta à criança como se chama o seu primeiro nome
6. Peça a criança que identifique as letras do seu nome escrito na folha (faça esse exercício pelo menos 3 vezes para que possa descobrir se sabe ou consegue reconhecer algumas letras.)
7. Coloque os pedoços escritos com as letras do nome na mesa ou numa caixinha;

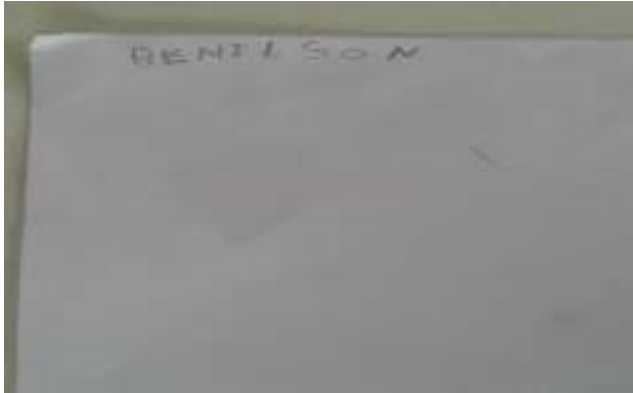
8. Solicite à criança para que busque os pedaços escritos e coloque em direção ao nome escrito na segunda folha para que a criança possa associá-las.
9. Depois deste exercício retire a segunda folha onde está escrito o nome, escondendo-a;
10. Peça novamente a criança que depois de ter visto o nome na segunda folha coloque em ordem os pedaços correspondentes a cada letra do nome.



11. Se a criança trocar uma das letras não a corrija. Devolva-lhe a folha onde está escrito o nome corretamente e peça que volte a identificar todas as letras para que possa ela própria descobrir onde trocou.
12. Verifique se a criança organizou corretamente as letras
13. Entregue uma folha branca e um lápis para que copie o nome
14. Depois de copiar retire a folha onde está escrito o nome (pelo professor) e peça novamente que escreva o mesmo;



15. Depois de escrito corretamente o nome por ele próprio elogie-o



Quando é feito este tipo de exercício e com paciência e de forma sucessiva veremos que bons resultados serão alcançados nas escolas. É preciso sermos pacientes e criativos.

Dinamizando a sua turma

As dinâmicas em sala de aula são como as folhas de uma árvore rebanhadas de vento constante. O professor que não aplica dinâmicas durante as suas aulas tem, na sua maioria, os alunos adormecidos e aborrecidos na sala. Os alunos quando não são dinamizados pelo professor têm um olhar fictício e fingido como se estivessem muito atentos na informação do professor.

Alguns exemplos de dinâmicas para animar a sua turma constantemente:

Dinâmica de formação de grupos

Meios: Tesoura, papel ou cartolina, lapiseira ou lápis

Procedimentos: numa turma de 32 alunos querendo formar oito grupos de quatro elementos cada. Corteja 32 pedacinhos de papel e escreve de forma repetida um número em quatro pedacinhos e sucessivamente. Os pedacinhos são dobrados de forma que cada aluno rife e que não deve mostrar ao colega antes das orientações do professor.

Lembre-se que os números escritos num determinado grupo de papel não devem ser repetidos.

O orientador solicita aos alunos que, contando até dez todos os alunos gritam em voz alta pronunciando o seu número rifado e estando atento com o grito do vizinho para que possa ouvir o seu número igual ao do colega.

Um olhar da Reforma Educativa, um receio de muitos professores angolanos!

A Reforma Educativa, que vigora em Angola, implica uma grande mudança da educação, visando a implantação de um Novo Sistema Educativo, necessário à construção de uma sociedade mais justa, democrática e prepare as novas gerações para as transformações que ocorrem no mundo e na sociedade.

Voltando para uma análise breve sobre a Reforma educativa em Angola, ao meu ver, está em causa e enfatizada a situação da monodocência. Reconhecemos que a monodocencia não é um caso novo no país e não único no mundo. Vejamos alguns

exemplos de países que já passaram e continuam na monodocência, até com mais anos de duração (vide em anexo).

Anteriormente, o ensino primário em Angola que até então se chamava de primeiro nível, partia da 1ª à 4ª classe. Hoje houve um acréscimo de mais duas classes (5ª e 6ª), fazendo assim um ensino primário que compreende a seis classes.

Características da monodocência

Trazemos aqui um conjunto de características relacionadas com a monodocência que parece como um obstáculo por parte de alguns professores primários e secundários e sobretudo aqueles em efectivo serviço.

A apreciação que temos sobre a monodocência em Angola é caracterizada em:

1. Reprovação em apenas 3 classes do ensino primário (2ª, 4ª e 6ª);
2. Três ciclos do ensino primário (1ª -2ª; 3ª-4ª e 5ª -6ª);
3. Um professor para todas as disciplinas da classe que lecciona;
4. Transição automática em três classes (1ª, 3ª e 5ª);
5. Aumento de mais duas classes da 4ª à 6ª;
6. Gratuidade do ensino primário;
7. Obrigatoriedade do ensino primário;
8. Avaliação sistemática.
9. Nº de alunos por turma até 35 com tolerância até 45.

É de realçar que o professor do ensino primário deve ter uma formação sólida e diversificada que possa corresponder com as variadas disciplinas da classe que lecciona. Daí a monodocência eficaz.

Muitos professores sentem-se cómodos ao saberem que nas 1^a, 3^a e 5^a classes o aluno não reprova e deixam de assumir a responsabilidade de desenvolver as competências que o aluno deveria ter nestas classes.

Se aluno vai para 2^a classe sem saber ler e escrever, pelo menos, o seu nome, logo o professor não conseguiu dar aquilo que ele deveria aprender nesta classe. É preciso que cada professor saiba que os elementos fundamentais o aluno deve saber numa determinada classe para que ao chegar à classe de exame ele não encontre dificuldades. Até porque geralmente o mesmo professor leva os seus alunos até à 6^a classe. Como é possível ter um aluno que não saiba ler na 6^a classe, sabendo que o professor é o mesmo? O que andou a fazer nas classes anteriores? Que tipo de trabalho desenvolveu com os seus alunos? Que tarefas desenvolvia durante as aulas na sala?... o aluno não sabe ler nem escrever na 6^a classe, quem é o culpado? Parece que o professor deveria assumir o seu verdadeiro papel!

O ditado nas Zonas de Influência Pedagógica

É muito frequente nas escolas primárias a realização de ditados pelos professores. Não é má ideia, pois o objectivo fundamental é ver se os alunos sabem escrever, mas gostaria de aconselhar que é preciso primeiro definir os objectivos para os quais se pretende alcançar para tal ditado. Às vezes, vemos professores a fazerem ditado aos alunos que eles próprios reconhecem que não sabem escrever. Então se eles não sabem escrever, porque não realizar ou propor outras actividades que os ajudem com que aprendam primeiro a escrever?

Os professores esquecem-se que durante o ditado alguns alunos copiam do seu colega e o professor ao corrigir pensa que o mesmo aluno escreveu como se soubesse escrever.

Se queremos desenvolver actividades de produção escrita na sala de aula para verificarmos se os alunos sabem realmente escrever, então não nos limitemos apenas no ditado, mas diversificar as actividades como, por exemplo, distribuir pequenos temas de natureza diferenciada para que os mesmos produzam pequenos textos. E aí, veremos quem realmente sabe escrever. Quando fazemos um ditado, em que todos os alunos escrevem o mesmo texto, nota-se que muitos deles transcrevem aquilo que o colega mais próximo escreve.



Um cenário de uma turma primária

Vejamos algumas desvantagens do ditado, segundo a nossa apreciação durante as visitas nas Zonas de Influência Pedagógica - ZIP.

- 1- Alunos que não sabem escrever copiam dos seus colegas mais próximos;
- 2- Alunos que já conhecem o texto e sabem escrever mostrando -se indispostos, pois gostariam de novidades;
- 3- Limitação da criatividade do aluno.
- 4- O aluno não explicita o seu pensamento, pois ele é obrigado a reproduzir o que o professor dita;
- 5- Gasta-se muito tempo, pois os alunos que não sabem escrever, querem sempre pedir que o professor repita a palavra ou a frase.
- 6- Tendências de insultos dos alunos que sabem aos que não sabem escrever.

Diferenciando as palavras, Composição, Ditado, Ortografia e Redacção, segundo a nossa apreciação de campo

	Definição	Objectivo
Composição	Significa compor um conjunto de letras, palavras em sentido organizado, produzir texto.	Desenvolver a escrita
Ditado	Reproduzir uma letra, uma palavra ou um texto a ser falado por outro.	Transcrever o que está no livro para a folha ou caderno do aluno.
Ortografia	Acção de transcrever letra, palavra ou texto que o professor solicita para que os alunos reproduzam.	Verificar se os alunos escrevem correctamente as palavras, sobretudo de difícil compreensão.
Redacção	Redigir significa escrever algo.	Verificar se a aluno sabe do assunto que é - lhe solicitado e consegue explicitá-lo através da escrita.

Não confundamos as actividades de complemento de lacunas como um exercício de redacção. Trazemos alguns exemplos estratificados de algumas provas elaboradas pelos professores:

Redacção

- b) A Ana _____ à escola. Ela _____ inteligente.
c) A Maria _____ tarde da escola.

Na realidade e o mais frequente nalgumas escolas primárias, os alunos da 1ª e 2ª classes são despresadas como se não fossem capazes de produzir uma palavra ou um pequeno texto de duas frases.

A organização do espaço pedagógico: a sala de aula

«Nada existe no intelecto que não tenha passado pelos sentidos»

A sala de aula, embora não seja o único, é o espaço, por excelência, de aprendizagem e, por isso, ela deve estar preparada para produzir aprendizagens. Ao definir como um dos princípios da aprendizagem o conhecimento concreto e significativo, fazendo parte do universo sociocultural do aluno, está-se a referir, implicitamente, que a aprendizagem é um processo activo que exige da parte dos alunos actividades como: observar, comparar, experimentar, pesquisar, aplicar, com base no manuseamento de objectos reais.

Por isso, o processo de aprendizagem inclui experiências concretas e reais que passam pela utilização de factos e objectos existentes na comunidade, na escola e na família. Então, uma das tarefas do professor será certamente a criação de condições materiais para que os alunos possam trabalhar.

Se para as aulas de Estudo do Meio pode trazer - se para a sala de aula plantas, flores, sementes... para além dos outros pré-fabricados como modelos anatómicos, mapas, globos...e nas de Matemática, pedrinhas e pauzinhos para contagem, objectos com diferentes formas geométricas, jogos didácticos... para as de Língua os escritos autênticos como nomes, anúncios, rótulos, jornais, livros, cassetes, fitas gravadas com histórias, músicas..., filmes, cadernos, lápis variados, papel, ...devem constituir os recursos didácticos que permitem a relação/ ligação entre a teoria e a prática.

A organização da sala de aula e a sua divisão em espaços de trabalho bem definidos para cada área curricular (uma área destinada à conversa, à narração de histórias ou à escrita, uma outra destinada à realização de experiências..) , contendo materiais didácticos indispensáveis ao desenvolvimento das aprendizagens, constitui uma das condições básicas para a construção de conhecimentos, assente em actividades concretas e práticas.

Em muitas salas de aula, quer sejam de turmas simples, quer de turmas compostas, existem esses espaços, vulgarmente denominados por cantinhos de aprendizagem. Porém, a eficácia e a sua pertinência é que ficam longe das expectativas, de um ensino diferenciado. Infelizmente, na grande maioria dos casos, não são mais que «lugares de exposição» de materiais específicos de cada área curricular, situação que precisa e ser mudada. Por isso, deveriam existir os cantinhos de Língua Portuguesa, de Matemática, de Estudo do Meio e de Expressões.

➤ **Então, o que é um cantinho de aprendizagem?**

É um espaço onde se encontram os recursos materiais, pedagógicos e didáticos indispensáveis para a construção de aprendizagens e que permitem desenvolver actividades de observação, manipulação, realização de experiências, comparação de objectos e pesquisa.

Então, o aluno pode ir ao cantinho para estudo autónomo, fazer consultas, trabalhar um assunto de uma determinada disciplina...

Por isso, os materiais devem ser:

- ordenados e etiquetados;
- adequados a várias crianças;
- variados e reais e colocados à disposição dos alunos;

- acessíveis às crianças;
- despoletadores da consciência da diferença.

As actividades a serem desenvolvidas nos diferentes espaços da sala de aula devem obedecer a uma boa gestão/ planificação e à **rotina diária** de sala de aula que deve ser implementada. Ou seja:

- Hora ou dia de...(Ex: A primeira hora do período da manhã/ tarde é para... toda a 2^a. feira é dia de ...).
A rotina inclui:
 - tempo para trabalhar, para rever e para planificar as actividades da semana;
 - uma variedade de estratégias para lembrar;
 - Actividades de grande e pequenos grupos: hora de narração de histórias, de leitura de histórias, livros, romances, de conversas, de consultas...
 - Actividades individuais;
 - Equilíbrio entre as diferentes actividades.

➤ **Quem organiza, apetrecha e enriquece os cantinhos de aprendizagem?**

A organização dos cantinhos de aprendizagem é tarefa do professor e dos alunos e, igualmente, o seu enriquecimento deve ser da responsabilidade de ambos, sem pôr de lado a possibilidade de participação de elementos da comunidade e/ ou da família dos alunos.

Assim, as rotinas de gestão da sala de aula deve definir e marcar as diferentes tarefas a desenvolver pelos alunos ou grupos de trabalho, dentro e fora da sala de aula, em que assegurar as fontes de informação e de consulta, materiais a serem preparados para suporte desta ou daquela actividade, são tarefas importantes. O professor deve, por isso, assegurar de que os materiais para o suporte das diferentes actividades estão disponíveis.

Se a escola recebe do meio um conjunto de valores filosóficos e pedagógicos, os materiais existentes nos cantinhos devem espelhar os aspectos culturais próprios da comunidade onde a escola se insere, razão pela qual devem também incluir materiais naturais e fabricados pelo professor e alunos, incluindo trabalhos escritos, desenhos, modelagem, painéis...

A constituição de grupos de trabalho deve obedecer a dinâmicas variadas. Cada grupo deve ter o seu nome, um símbolo. Deve eleger - se os elementos dos grupos (líder, moderador, porta-voz...) para que ele possa funcionar democraticamente. São também elementos de uma sala de aula o cartaz com as regras de convivência na sala de aula e a ficha de registo de presenças dos alunos.

A Pedagogia ao ar livre

Actualmente não se deve dizer que só há sucesso de aprendizagem dos alunos apenas numa sala de aulas devidamente apetrechada. Se recuarmos no tempo e olharmos para os que hoje são professores Directores , Ministros no nosso País, muitos deles estudaram de baixo de árvores e sentados nos troncos e adobes.



Isto, por um lado, é motivo de que muitos professores estão limitados a partilhar os conhecimentos, afincando-se somente numa pedagogia por objectivos. O aluno continua a representar o papel de passivo.

Afinal, qual é o papel-chave do professor na escola? Como organiza as aprendizagens dos alunos? Onde é o foco fulcral do professor?



Uma foto ilustrando os alunos a estudarem ao ar livre

Se todos professores soubessem o seu papel fundamental, não teríamos lamentos constantes como temos estado a verificar no seio da camada doceducativa(docente educativo).

Quando um professor não for criativo e diversificativo, mal continuará a utilizar as salas de aulas. Se a nossa preocupação é de ver a progressão dos alunos nas suas aprendizagens, então preocupemo-nos em trabalhar numa pedagogia diferenciada, de forma a conseguirmos identificar as dificuldades dos intervenientes.

Uma aula a ser ministrada ao ar livre pode ter melhor proveito se as metodologias de trabalho forem previamente planificadas de acordo as diversidades cognitivas e físicas dos alunos alvos .

Devemos, leitor, desde já, aconselhar que o professor não é um detentor do saber , saber-fazer e saber-atitude. Hoje, deve se colocar no papel de facilitador , intermediário, ajudando a construir os saberes dos educandos e que devem reflectir num conhecimento quotidiano, ou seja, o aluno deve ser capaz de resolver as situações inerentes à sua vida prática .

Vamos evitar a influenciar que os alunos continuem a memorizar os saberes sem um cunho criativo, mas acima de tudo, orientá-los a solucionarem os seus próprios problemas.

Módulo IV- observação e avaliação do ambiente de aprendizagem na educação: dimensões e variáveis a considerar.

Do conceito de «espaço» à ideia de «ambiente de aprendizagem». *Espaço escolar entendido como ambiente de aprendizagem*

Quando vamos pela primeira vez à casa de alguém podemos descobrir muitas facetas da sua personalidade e do seu modo de vida, simplesmente, observando como é o lugar em que vive. O estilo de mobília, a decoração, os livros e discos, os quadros e fotografias, os pequenos detalhes que estão sobre as mesas e enfim, tudo isso nos diz muito da pessoa como é, o que gosta, como vive. Atraves de toda ligação e funcionalidade dos elemntos dos quais se rodeiam podemos ter uma sensibilidade estética, espiritual, seu modo de vida. O ambiente fala por sí que, muitas

vezes, faz-nos permanecer calados.

AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Desde do ponto de vista escolar podemos entender o ambiente como uma estrutura de quatro dimensões claramente definidas e inter-relacionadas entre si:



O Ambiente de Aprendizagem e Valorização do trabalho do aluno através da Matriz de Prova.

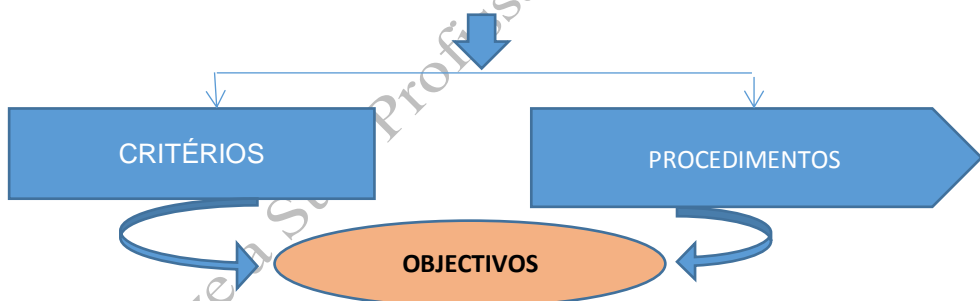
Durante o processo de supervisão pedagógica, actividade desenvolvida nas escolas primários da província da Huila e enquanto supervisor pedagógico, verificámos que o espirito e o hábito de elaboração da Matriz da Prova é ainda um obstáculo por parte dos professores.

Ao falarmos da Matriz, estaríamos a tocar na temática avaliação. Neste nosso manual não abordaremos a questão da avaliação em profundidade sem despertarmos os professores a terem, em seu plano laboral e enquanto profissionais da educação, a consciência de que a falta da matriz da prova é mais um motivo de termos professores subjectivos aos resultados dos alunos.

Objecto de avaliação

"A avaliação incide sobre as *aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas, de cada Ciclo, considerando a concretização das mesmas no projecto curricular de escola e no projecto curricular de turma, por ano de escolaridade*".

A CHAVE DE AVALIAÇÃO É BASEADA EM:



Como valorizar o trabalho do aluno com carácter avaliativo?

Para evitar a subjectividade durante o processo de avaliação do trabalho do aluno é preciso que cada professor crie a cultura de elaboração de Matriz da prova onde os **Critérios de avaliação,**

Critérios de Correção e Indicadores sejam devidamente definidos e transparentes.

A ideia do aluno nunca é vaga. Ela precisa apenas ser reajustada e adequá-la ao contexto de aprendizagem. Para tal, um feedback do aluno pode ajudar o professor a entender o que o aluno pretende dizer. Se esta ideia não for ao encontro do desejado, daí a importância do **indicador** na matriz.

Quando falamos de Matriz da prova queremos prevenir os professores da subjectividade da avaliação dos objectivos das aprendizagens dos seus alunos.

A MATRIZ DE PROVA é um documento/Projecto orientador e de organização da actividade avaliativa do professor, ou seja, o professor estabelece balizas sobre o que avaliar, como vai avaliar e em quanto tempo vai avaliar os seus alunos.

Não existe matriz perfeita, mas o uso da matriz dá-nos mais segurança durante o processo de avaliação dos objectivos das aprendizagens dos alunos. Os elementos abaixo dão-nos como uma proposta das etapas e componentes essenciais para a elaboração de uma matriz:

Etapas e Componentes essenciais da Matriz de Prova

- **FASE 1: Elaboração da estrutura de Matriz da Prova**
- 1. Preliminares
- 2. Objectivo (s)
- 3. Critérios de Avaliação (numa tabela)
- Critérios de correcção (numa tabela)
- Indicador (es) por critério (s)

- Competência de base

FASE 2: Elaboração da Prova

1. Elaboração da prova
2. Elaboração de respostas esperadas e Cotação

Obs: As respostas esperadas e a cotação podem aparecer na estrutura de Matriz da Prova (tabela).

FASE 3: Elaboração de instruções para aplicação da prova (no caso que esta seja aplicada por outrem).

Exemplo de um Modelo da Matriz de Prova



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO PROVINCIAL DA HUILA
ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO LUBANGO
REPARTIÇÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLGIA
MATRIZ DA PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ano lectivo: 2015.

I TRIMESTRE

Classe:6^a

de alunos 35

Tipo de Prova: Prova de Escola

da Prova: 120 Min.

Professor(a) António Chiquenha

Nº

Duração

Competência de Base III – Escrita: Numa situação de comunicação e apoiando-se num suporte visual e escrito (imagens, fotos, pequenos textos), o (a) aluno (a) produz um enunciado escrito significativo, do tipo narrativo e prescritivo, respeitando a sua mancha gráfica, a sua estrutura morfossintáctica.

Objectivo(s) da Avaliação: com o trimestre a terminar pretende-se que os alunos dominem as unidades aprendidas e que tenham uma média positiva que o promova para o II trimestre.

Tema/Unidade	Objectivos	Perguntas	Tipo de perguntas	Nº das perguntas	Cotação por pergunta	Resposta Esperada/grelha de correção
		Indica personagens do texto Identifica atributos de personagens	DR	1	1/5	O aluno Responde "A menina chama-se Aninhas / Ana." (1) ponto
			DR	2	1/5	
			EM	3	1/5	
			EM	4	1/5	

A COMUNICAÇÃO E OS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO	<u>COMPREENSÃO DA LINGUAGEM ESCRITA</u>	Reconhece inferências aceitáveis	EM	5	1/5	<u>Responde</u>
	<u>FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA</u>	Identifica frases que exprimem conclusões que se podem tirar de textos	DR	6	1/5	“Ela tem cabelos curtos e pretos e é uma aluna aplicada.”
	<u>PRODUÇÃO ESCRITA</u>	Identifica sinónimos de palavras dadas em contexto	A	7		Se o aluno não referir a característica psicológica - aplicada - não é penalizado, isto é, tem toda a cotação.
		Forma palavras a partir de sílabas dadas	RL	8		Se indicar apenas ...
		Organiza palavras dadas de modo a formar frases de sentido completo (SN +SV)	DR	9		

		<p>Escreve frases sobre um tema dado</p> <p>Escreve uma parte do texto ditada pelo professor (que vai desde "É a Ana..." até "...aplicada.")</p>				
Critérios chaves de Critérios de correção		Indicadores	Critérios de aperfeiçoamento			
C1. Pertinência		<p>O estudante inicia bem o texto.</p> <p>Apresenta os argumentos, as razões... finaliza o texto</p>	<p>C4. Criatividade, originalidade</p> <p>O estudante não perde pontos mesmo que utilize outro vocabulário que não fuja do contexto a avaliar</p>			

C2. C1. Interpretação correcta do problema	Precisão. O estudante ganha pontos quando for de encontro com o problema proposto.	C5. volume... O estudante não perde pontos se apresentar um texto longo do seu argumento.
C3. Correção linguística	Frases bem estruturadas, utilização dos modos e tempos verbais; correção ortográfica. O estudante perde 1 ponto por cada erro ortográfico.	

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Instruções para aplicação da prova

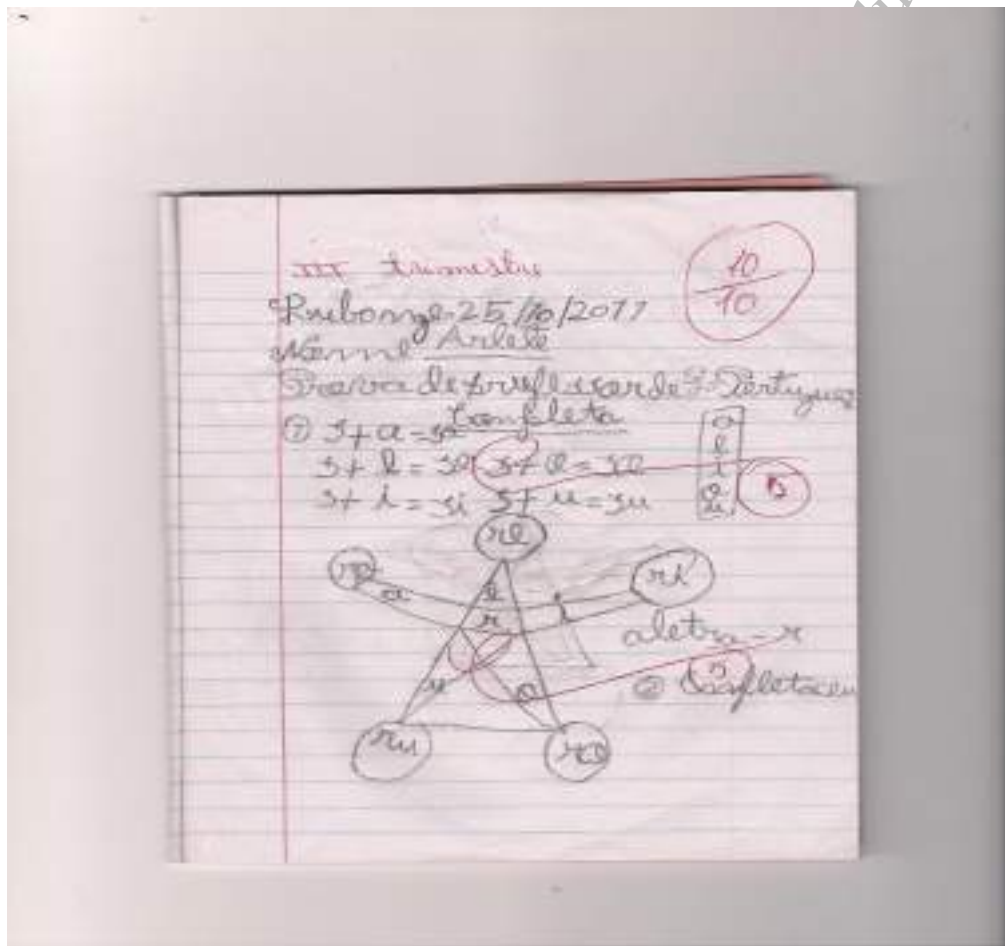
É solicitado aos aplicadores que:

1. se apresentem na administração e perguntem pela sala que lhes foi reservada; perguntam também se o professor foi avisado e se está presente.
2. se apresentem ao professor.
3. façam uma breve apresentação do trabalho que se está a desenvolver na província de Huíla. Devem insistir sobre o facto de que se trata de uma ajuda que o grupo está a pedir e que garante que as respostas, sejam quais forem, não terão influência nenhuma sobre ele, nem sobre os seus alunos.
4. um dos aplicadores apresente o enunciado da prova e explique o que se pretende.
5. façam um rápido *briefing* sobre o trabalho pretendido.
6. distribuam a prova.
7. aguardem o tempo para a resolução da prova (60 min).
8. um dos aplicadores anote todas as questões que forem colocadas pelo professor e pelos alunos.
9. aguardem que a prova seja elaborada (no tempo atribuído), e que, de seguida, sejam recolhidas.
10. agradeçam ao professor e aos alunos, antes de abandonarem a sala de aula.

***Atenção:** evite qualquer forma de influência! Fique neutro, pois isso dá uma maior credibilidade ao trabalho que fazemos.*

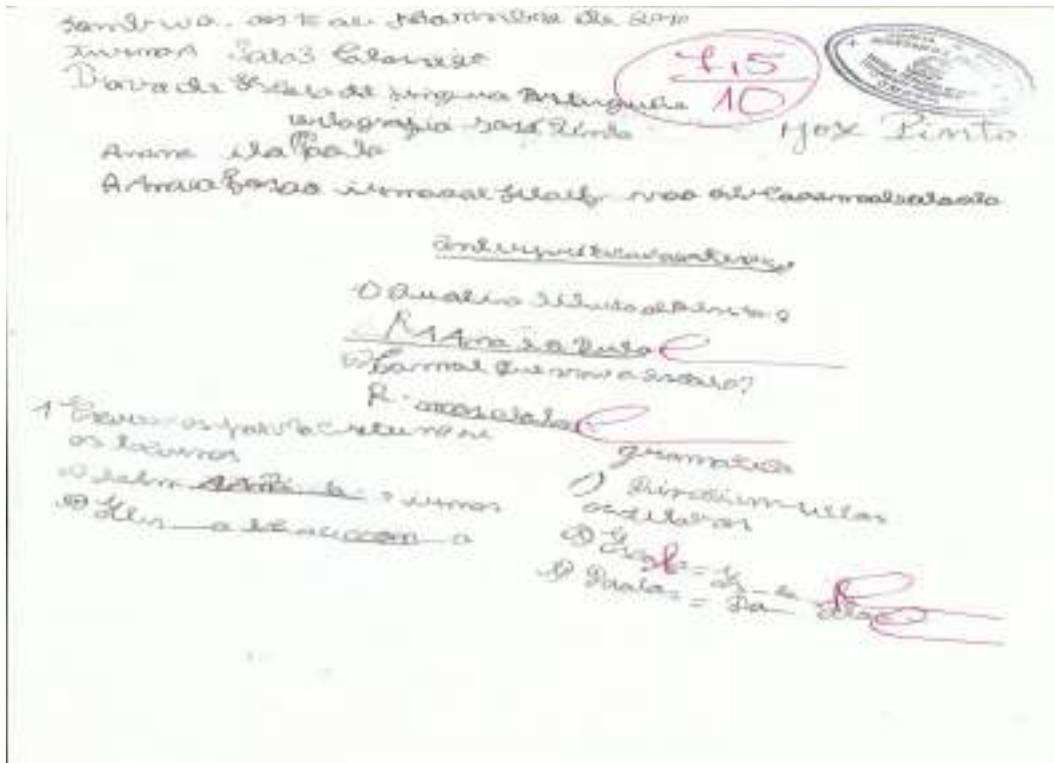
Extraído e Adaptado do Livro Formar Professores Hoje 2008.

Analisando as provas produzidas por alguns professores

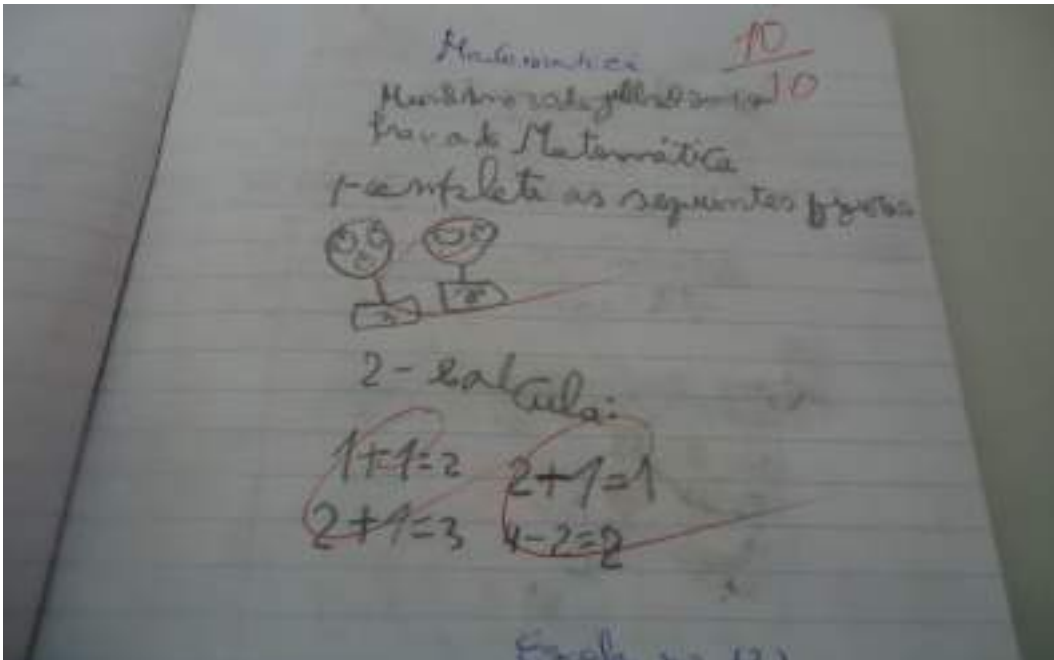


Se olharmos para esta prova podemos fazer a seguinte análise: trata-se de uma prova de professor em que podemos deduzir que o professor trabalhou durante um trimestre com os seus alunos. Será que a avaliação só teria o único foco sobre a ligação de letras para formar

sílabas? A professora atribuiu a nota 10 ao aluno, mas se observarmos na prova, as palavras '' aletra -r e enfletaceu que seriam '' a letra -r e completa '' estão erradas o que implicaria, se tivesse feito uma Matriz, um desconto da nota. A tipologia do exercício é a mesma para as duas questões, pois, trata-se de juntar consoante e vogal.



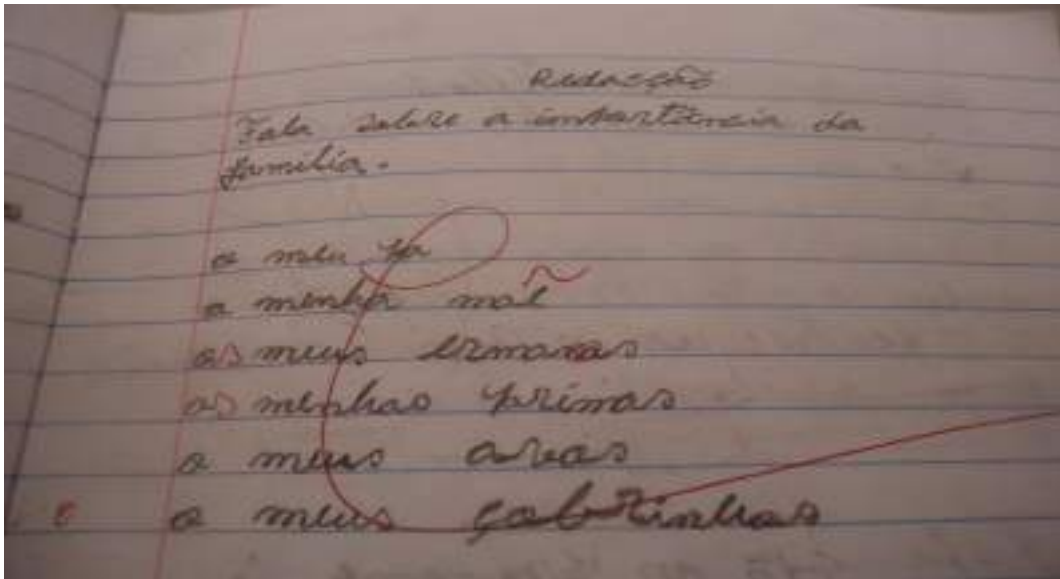
Nesta prova atribuída a 7,5/10 valores, vê-se que a professora é preguiçosa, pois nem a cotação foi colocada na prova corrigida. A palavra '' Escola '' estava errada e a professora entendeu corrigi-la e considera '' bom '' a maioria das frases escritas pelo aluno estão erradas e a professora não as sublinhou para posterior correcção na aula.



Nesta prova de Matemática, atribuída a 10/10 valores, o professor parece que durante o trimestre só ensinou a adição e subtração. Se olharmos na frase '1- Complete as seguintes figuras', achamos que ela não está bem formulada para que o aluno entenda melhor. Seria, '1- Escreva os algarismos correspondentes ao número de objectos de cada figura abaixo'. Completa significa ter uma ideia inicial e o aluno complementa ou ter uma frase com lacuna onde o aluno completa com a palavra que venha dar melhor sentido.

Na questão 2 - Calcule, vê-se que a operação $2-1=1$ está confusa e a professora considerou-a certa.

Uma prova com duração de 120 minutos só tem 2 exercícios. Esses são exercícios que deveriam ser trabalhados durante as aulas e não como uma prova de professor.



Se se trata de uma prova escrita onde o aluno deve explicitar o seu conhecimento sobre o tema proposto pelo professor, então não se deveria começar por " Fala " pois, o verbo falar tem sentido na produção oral, logo deveria começar por " Escreve, produz, redige... " .

O tema solicitado é sobre a importância da família, mas o aluno faz uma listagem dos membros da família e o professor considera " bom " . O professor entendeu corrigir a palavra " mãe " e coloca o til " ~ " sobre a letra " e " , o que podemos entender que até o próprio professor cometeu erro. Não é aconselhável fazer a correção dos erros que os alunos cometem na prova, pois tira o poder de o aluno fazer um esforço de melhorar a sua aprendizagem. Para isso, é necessário que o professor leve para sala de aula e trabalhe em conjunto com o aluno para que ele próprio possa descobrir os seus erros. O professor deve apenas sublinhar todas as palavras erradas.

Observação de aulas dos professores

Observar aulas dos professores implica reunir um conjunto de instrumentos que ajudem fazer registos das ocorrências durante a aula. A seguir apresentamos algumas grelhas:

	
REPÚBLICA DE ANGOLA GOVERNO PROVINCIAL DA HUILA DIRECÇÃO PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GABINETE PROVINCIAL DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	

Grelha de observação de aulas na perspectiva da PI/APC

Observador(a)			
Escola: _____ ZIP _____		Classe : _____	Disciplina _____
Nº _____		—	: _____
Data _____		Professor (a)	_____
Competência trabalhada:			
Situação explorada			

1. A situação proposta corresponde à competência:

Notas importantes:

2. A situação é compreendida pelas crianças

Notas importantes:

3. Breve descrição da sequência construída à volta da situação testada:

4. Quais são os saberes, saberes-fazer e saberes-ser mobilizados pela sequência?

5. Notas e sugestões gerais sobre os documentos a consultar

Data: ____/____/____ Hora: _____

O/A Professor (a): _____

Agregação Pedagógica : Si

O Supervisor Pedagógico



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DA HUILA
DIRECÇÃO PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA HUILA
GABINETE PROVINCIAL DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

FICHA DE ASSISTÊNCIA DE AULAS

Escola _____
ZIP _____

Professor (a) _____ Formação pedagógica:

Disciplina _____ Classe / Turma _____ Data: 02/ 07 /
2014, Hora: _____

Nº de alunos (H/M) ____ Mulheres ____ Alunos presentes _____

1. APRESENTAÇÃO GERAL DA SALA DE AULAS:

Limpeza _____ Ornamentação

Quadro preto
/verde _____

Disposição dos alunos na
sala _____

Disposição dos alunos repetentes

Disposição dos alunos com deficiência

2. PLANO DE LIÇÃO:

Tema _____ Tipo de aula _____

Objectivos definidos _____

Adequação dos conteúdos aos objectivos _____

Adequação dos métodos aos objectivos _____

Material didático previsto _____

APRESENTAÇÃO DA MATÉRIA

Introdução à aula _____

Motivação dos alunos _____

Linguagem utilizada _____

Utilização do material _____

Métodos utilizados _____

Tipo de perguntas: abertas ____ fechadas ____ , DR____, EM____, As.____

Tipo de respostas: individuais ____ colectivas ____

Trabalho independente _____

Participação dos alunos e em especial das raparigas _____

Atenção dada aos alunos com necessidades educativas especiais _____

Valorização das experiências dos alunos _____

Acompanhamento permanente dos alunos _____

Disciplina na sala

Verificação da aprendizagem

Marcação do

T.P.C. _____

O professor cumpriu o seu plano de lição?

AVALIAÇÃO FINAL

Observações do assistido

a) Aspectos positivos

b) Aspectos a melhorar

Observações do assistente

a) Aspectos positivos

b) Aspectos a melhorar

Recomendações:

O / A Assistente

O / A Professor (a) Assistido (a)



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DA HUILA
DIRECÇÃO PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GABINETE PROVINCIAL DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
LUBANGO

REUNIÕES NAS ZIP - GUIA PARA O SUPERVISOR PEDAGÓGICO

O supervisor participará como observador em encontros ou reuniões de aperfeiçoamento pedagógico organizadas pelas Direcções das ZIP ou escolas.

Com vista a uma avaliação objectiva do encontro você, como supervisor, deverá tentar encontrar respostas para, entre outras, as questões que se seguem:

SIM Não

Terá a reunião iniciada à hora marcada?

O ambiente era agradável e descontraído?

A utilização do tempo foi:

Lenta?

Apressada?

Satisfatória?

- O nível de motivação e interesse dos participantes era alto?
-
- O objectivo do encontro estava claro para todos?
- Os participantes foram/eram comunicativos?
-
- Os participantes foram sensíveis uns para com os outros?
-
- Houve tensões que saíram a lume?
-
- Houve evidências de sentimentos de monopolização das discussões?
-
- Foram as ideias do encontro forjadas no grupo?
-
- O grupo foi forçado a aceitar as ideias impostas pelo líder/coordenador?
- Estava o grupo de participantes em condições de aceitar as diferenças?
- O grupo foi capaz de se disciplinar por si próprio?
- Alguma decisão foi tomada?
- Houve alguma resistência às decisões do grupo?
- Houve participação de todos os elementos do grupo?
- A discussão esteve, durante longo período, centrada apenas em alguns elementos do grupo?
-
- A discussão foi iniciada pelos membros do grupo?
- Houve dificuldades de comunicação?
- Houve algum sentimento de vingança?
- Os elementos estavam ansiosos por falar?

Houve elementos que levaram mais tempo do que o que lhes era destinado?

Os membros mostraram sentimentos agressivos?

A discussão esteve limitada aos tópicos?

Os membros foram assumindo responsabilidade pelo sucesso da reunião?

O líder da reunião ajudou o grupo a estabelecer/manter a direcção do encontro?

O líder encorajou o grupo?

Houve tentativa de o líder incluir e estimular os membros pouco activos/participativos?

O líder deu mais ajuda do que o necessário?

O líder reconhecia os que tinham vontade de falar?

O líder dominou o encontro?

O líder deixou passar coisas?

O líder apoiou-se nas capacidades específicas/especializadas de alguns elementos, para a resolução de problemas específicos?

O líder resumiu o necessário?

O líder tentou dar respostas pelo grupo?

O líder teve consenso?

*** Na base das respostas, poderás muito seguramente afirmar, no final do encontro, que este atingiu os seus objectivos plenamente, parcialmente ou razoavelmente.

Facetas para preparar um trabalho de grupo na sala de aula

Todos os professores trabalham, mas nem todos eles ensinam o que os aprendizes precisam. O tema de que nos responsabilizamos vai, de certa maneira, ajudar os professores a se prevenirem quando se dirigem à sala de aula para organizar um trabalho em grupo.

Os professores, na sua maioria, refutam-se das suas responsabilidades directas na sala de aula quando se quer ensinar uma determinada matéria.

Muitas vezes, consideramos o trabalho em grupo como uma simples ocupação e uma forma de reter os alunos na sala de aula. Orientar um trabalho em grupo requer reter alguns aspectos que, a nosso ver, podem ser indispensáveis.

Para preparar um trabalho em grupo precisa-se de :



Fig. Adaptado do curso de supervisão pedagógica 2010, no Magistério Primário do Lubango- Nambambi

Curiosidade/ Frases para reflectir

1. Às vezes, muitos com muito dinheiro esquecem-se de se colocarem na posição de que é um ser humano como qualquer e que espera a morte a qualquer momento. (B. Puna)
2. Quanto mais temos, mais projectos por aquilo que temos. (B. Puna)
3. Só reconheço que vivo o presente e uma parte do passado, mas o futuro continua desconhecido embora previsto (B. Puna).
4. O que tenho já basta e bastará o que vier! (B. Puna).
5. Conforma-te por aquilo que tens e luta por aquilo que te falta! (B. Puna).

6. *O nosso País está bom, mas muitos que nele habitam estão mal!*
(B. Puna).
7. *Se nos preocupássemos por uma vida melhor e colectiva, não teríamos carros de luxo nas estradas estragadas!*
8. *Quanto mais estuda mais simples deve se tornar!* (B. Puna)
9. *As minhas ideias não só são para mim, mas também fazem parte das dos outros!* (B. Puna)
10. *Se faço bem aos outros é porque muitos destes podem reconhecer do meu feito!* (B. Puna)
11. *Sinto-me feliz, porque estou de saúde e não doente com muito dinheiro!* (B. Puna)
12. *As ideias dos outros fazem um todo* (B. Puna).
13. *O professor profissional não deve ter a escola como um espaço de passar -conteúdos, mas ter consciência de preparar - todos para a vida em uma sociedade moderna!*
14. *Contristo-me quando sou apostado e nada faço para resultados esperados!* (B. Puna)
15. *Todos podem ser professores, mas muitos não se ajustam à profissionalização!* (B. Puna).
16. *Se soubéssemos o quão os alunos esperam de nós ninguém teria coragem de os dispensar!* (B. Puna).
17. *Não tenhamos medo dos caminhos aonde queremos trilhar, mas preocupemo-nos sobre como caminharmos neles* (B. Puna).
18. *Cada professor procura dar o pouco que sabe, pois só tem valor quando ensina o outro* (B. Puna).
19. *O jeito mais fácil de chegar a algum lugar é ir com alguém que já conhece o caminho.*
20. *Quem sabe deve fazer, partilhando com os outros E quem sabe e que não faz, não sabe!*
21. *Honrado aquele que é professor comprometido e feliz aquele que aprende todos os dias.*

22. Os verdadeiros competentes e justos não temem dos outros competentes, pelo contrário procuram mantê-los ao seu lado para melhor garantia da produtividade e sucesso laboral. Muitas das instituições envelhecem precocemente e mantêm-se estáticas porque os seus gestores temem dos seus colaboradores (B. Puna).
23. o querer alcançar rápido sucesso na vida é um desejo de todo ser humano mas ter a capacidade de seleccionar prioridades é uma fraqueza do próprio homem.
24. ensinar bem não significa concluir todo o conteúdo programático da disciplina que lecciona mas sim, fazer com que o aluno perceba o essencial que sirva para sua inserção na sociedade, resolvendo as situações problemáticas
25. a maior satisfação de um verdadeiro formador é ver o seu formando realizar-se com as experiências do seu Mestre não fundamentalmente para benefício pessoal, mas sobretudo para a sociedade.
26. Quando se faz as coisas com amor e profissionalismo quebra-se a vontade de reclamar porque os resultados ajudam a mostrar a outrem que é preciso reconhecer os feitos positivos de quem se afirma no exercício.
É só para reflexão meus caros!
27. Caro professor, faça diferença para que os nossos sucessores se sintam investidos e se sirvam dos bons feitos para sempre. A profissionalização só tem sentido com a verdade do saber, pedagógica, metodológica e acima de tudo atitudinal, construindo cidadãos com espírito de vontade colectiva e próspera.
28. o valor do professor está em si mesmo. Faça-te valorizar pois só os seus actos significativos poderão fazer com que os outros reconheçam a sua existência

29. Independentemente da sua capacidade de fazer o que o seu chefe solicita , tens de te lembrar que o bom ambiente nas relações humanas e laborais constitui a imagem do seu sucesso!
30. muitos directores reclamam quando na escola onde ele é o gestor máximo há sucessivas transferências de professores e alunos para outras escolas do mesmo subsistema. Se nos colocarmos no pensamento anterior sobre a avaliação é mais um motivo em que cada gestor deve reflectir sobre a sua gestão , se é de chefia ou de liderança.
31. é preciso reconhecer a transversalidade do português no sistema de ensino em Angola. Porém não importa a disciplina que leccionas, preocupas-te sempre com os erros ortográficos que o seu aluno apresenta ou venha a apresentar na prova. Não deixes que esses erros sejam superados apenas pelos especialistas em LP. E se tiveres dificuldades de os superar não hesites de partilhar com os demais colegas pois, apreender é contínua.
32. Ser formado para garantir o seu futuro é o que cada um tem na sua prioridade. Mas ter o espírito de servir a sociedade ,aproveitando a sua área de formação é o que menos se observa em muitos!"
33. Quando pensamos e queremos alcançar a expectativa, tudo que estiver pelo caminho não consegue travar a nossa viagem. Caríssimo siga aquilo que planificou e esqueça os obstáculos!
34. Eu aprendi a ler e escrever em Angola, por isso tenho confiança nos meus colegas professores que só nós mesmos podemos fazer coisas melhores na diferença

Muitos alunos se frustram de alguns professores pelos seguintes motivos e pronunciamentos feitos durante as aulas pelos mesmos professores:

1. Aqui mando eu e mais ninguém;
2. Vocês não sabem nada;
3. Ninguém vos obrigou estudar. Se não tens capacidade e possibilidades é melhor mudar de rumo;
4. Estudem toda matéria porque a prova vai ser dura;
5. Quem tiver dúvida antes da prova pode me procurar em casa;
6. É melhor estudarem porque não vou avisar o dia exacto da realização da prova;
7. Professor, eu tenho dúvida, meu amigo é melhor investigar porque eu já não tenho tempo de repetir matéria que já ministrei;
8. A metodologia que o professor usa não vai de encontro às necessidades de aprendizagem do aluno;
9. O conteúdo não se adapta ao contexto social, geográfico, econômico, científico... do aluno;
10. Muito conteúdo e fraca estratificação do essencial para o aluno;
11. Fraca triangulação relacional na sala de aula- aluno-professor-conteúdo
12. Fraca gestão de tempo por cada tarefa;
13. Arrogância
14. Fraco domínio do que ensina;
15. Não Planifica as aulas e se planifica não sabe seleccionar a prioridade na planificação pedagógica;
15. Excessiva subjectividade na avaliação das aprendizagens;
16. Prefere avaliar os alunos e não as aprendizagens;
17. Está sempre apressado com o conteúdo e não preocupado com o nível das aprendizagens dos alunos;
18. Resistência à mudança...;
19. Não é inovador nem tampouco criativo;
- 20 . Não é empático;
21. Incapacidade de gestão de sinergias entre os alunos;
- ... E muito mais.

Seu estás nalguma posição entre as 21 opções, por favor faça uma reflexão que te ajude a mudar e melhorar. Não custa nenhum dinheiro, basta aceitar o seu próprio reconhecimento e auto-avaliação.

Um bom professor, com espírito profissional, que sabe que os seus alunos estão para aprender consigo deveria evitar a seguinte frase : " tu estás errado". Que tal se disse, "

1. Tens a certeza do que estás a dizer?

2. Tens a certeza do que estás a fazer?

3. Tens a certeza do que disseste?

4. Tens a certeza do que fizeste? Enfim...

Quem sabe se com estas questões o ajudaria fazer novas reflexões!

As vezes não precisamos apontar de forma directa o erro do aluno mas sim trazer novas versões , recorrendo a novas estratégias para que possam de forma conjunta construir os saberes... Assim o aluno sente-se integrado, valorizado e acima de tudo ganha esperança de que é capaz de aprender.

36. normalmente uma arma quando utilizada para disparar tem tendência de destruir , porém não teria carácter construtivista. Enquanto o então presidente Nelson Mandela dizia que a Educação é a arma mais poderosa do mundo tenho a acrescentar que a Educação é uma mola aranhada em todos os ramos.

37. *Um dos grandes factores de insucesso nas organizações é gerado pela barreira de comunicação institucional*

38. nem tudo deve ser aprovado pela Lei para ser feito. Enquanto técnico e profissional faça o que for possível e o que estiver ao seu alcance antes que prejudique as aprendizagens dos alunos. Não fique a esperar pela aprovação do Estatuto da Supervisão Pedagógica para entrar em acção. Se é formado para esta área apoie os professores e não condicione o seu saber, saber-fazer e saber-atitudinal na esperança de aprovação Lei.

39. Enquanto confiado como Director, Coordenador da ZIP, Professor, faça que a sua escola tenha sucesso! Se quer evitar sofrimento peça demissão!

Considerações Finais

A supervisão pedagógica é humana e por este facto passível às fragilidades humanas e evitar essas fragilidades é intenção de uma boa supervisão e por sua vez demanda uma boa preparação e conhecimento elevado do funcionamento do sistema educacional, do relacionamento humano da gestão democrática e da capacidade de pensar diferente para fazer a diferença.

Referências bibliográficas

ADRA- Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (2005).

Plano Estratégico 2005-2009. Luanda, 2005

AGUIAR, M. A. (1991). Supervisão Escolar e Política Educacional, Pernambuco: Cortez.

ALARCÃO, I. E TAVARES, J. (2003). Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e Aprendizagem. Coimbra: Almedina. (2ª edição revista e desenvolvida)

ALARCÃO, I. (org.) (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

ALARCÃO, I., DE LINA, Elma Correia. FERREIRA, N.S.C., RANGEL M. (2001). Supervisão Pedagógica- Princípios e Práticas, 2ª ed. São Paulo: Papyrus.

ALLAN S. e TOMLINSON, A. (2002), Liderar projectos de diferenciação pedagógica Edições ASA, Lisboa

ALDÓNIO e al (1991) Guia do Professores de Língua Portuguesa- I Vol.-1.,3. Níveis, Edição da Fundação Colouste Gulbenkian, Lisboa

ALVES, Nilda. (1983). Educação e supervisão- o trabalho colectivo na escola, Rio de Janeiro: Cortez .

ARAYA, E.C. (2010-2011), Formação de Supervisores Pedagógicos angolanos. Lubango.

BESSA, F. (2009). Investigação-acção: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, 2, (XIII), pp.445-479

BIPOUPOUT, J.-C., BOULHAN, N., DIALLO, I.N., MANDA KIZABI, T.M., ROEGIERS, X., ZIDA TRAORE, C. (2007). *Former pour changer l'école*. Paris : Edicef

BOTTOMORE, T. (1988). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar.

BOUDON, R. BOURRICAUD, F. (2000). *Dicionário crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática.

CORREIA, J. (1989). *Inovação pedagógica e Formação de Professores*. Porto: Edições ASA

COULON, M.-F., MERCIER, M., STROBBE, J.-P., VAN REUST, B. (1993). *Communication et Organisation*. Première STT, Dunod.

COURAU, S. (1993a). *Les outils de base du formateur, Paroles et supports*, Paris : ESF Éditeur.

CROSBY M. (1966). *A moderna Supervisão do Ensino Primário*, São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A.

DE ANDRADE, N. V. (1976). *Supervisão em Educação*, Rio de Janeiro: S.A.

FERREIRA, N.S. (2007). *Supervisão Educacional*, 13ªed. Petrópolis: Vozes. FERREIRA, N.S e DA SILVA C. (1981). *Supervisão Educacional – Uma reflexão crítica*, Petrópolis: Vozes Ltda.

GALEANO, E. (2002). *As América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GERARD, F.-M. & ROEGIERS, X. (2003), *Des Manuels scolaires pour apprendre*, Bruxelles : De Boeck Université.

GOMES, C. (1985). *A Educação em perspectiva sociológica*. São Paulo: EPU. GUARESCHI, P. (2002). *Sociologia Crítica*. Porto Alegre: EdPUCRS.

<http://www.sosprofessor.com.br/blog/problemas-de-comportamento/>

INFQ (2008). *Plano Mestre de Formação de Professores*

INIDE, (2012). *Currículo do Ensino Primário e Desafios da Monodocência*- Luanda

LANNOYE, C. (2005). *Boîte à outils* (doc). Louvain-la-Neuve : Séminaire de gestion de groupe et relation interpersonnelle (agre.2320 – UCL).

LEGENDRE, R. (1993, 2^e édition). *Dictionnaire actuel de l'éducation*. Montréal : Guérin, Paris : ESKA.

PEREIRA, M. L. (2002). *Das Palavras aos Actos*, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa

PERNOUD, P. (1993). Não Mexam na minha avaliação. Para uma abordagem sistemática de mudança pedagógica. In Estrela, A. E Nóvoa, *Avaliação em Educação*. Novas perspectivas. Porto Editora

PRESTES, N.A. (1978). *Supervisão em Educação*, 3^aed. São Paulo: Cortez.

PRESTES, N.A. (1976). *Supervisão Pedagógica*, São Paulo: Cortez e Moraes Ltda.

PORGRAMA ONDJILA (2003). *Avaliação de Impacto*. Luanda

PUNA, B.G.B et al. (2006). *La Motivation d'apprentissage chez les apprenants de la 9^{ème} année de l'Ecole de Formation de Professeurs* ' 'Cdte Liberdade- Lubango.

PUNA, B.G.B. (2012). *Constat de conditions matérielles TIC pour l'enseignement/apprentissage, notamment du FLE, dans les écoles secondaires de Lubango*.

RANGEL, M. (1983). *Supervisão Pedagógica- Um modelo, Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes Ltda.*

SANTOS, M. (1994). O Documento Autêntico na aula de Língua Portuguesa. Instituto Pedagógico. EFPEB do Mindelo. Cabo Verde

SANTOS, M. (2010-2011). Formação de Supervisores Pedagógicos angolanos. Lubango.

VIEIRA, F., MOREIRA, M. (2011). Supervisão e avaliação de desempenho para uma abordagem de orientação inovadora. Cadernos do CCAP 1 Conselho Científico para a Avaliação de Professores.

VILELAS, J (2009). *Investigação - o processo de construção do conhecimento.* Lisboa: Ed. Sílabo.

Valorize a Sua Profissão Docente ▶

ANEXO

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa



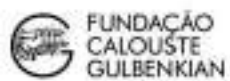
REPÚBLICA DE ANGOLA

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

GABINETE PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

**COORDENAÇÃO PROVINCIAL DE ZONAS DE INFLUÊNCIA
PEDAGÓGICA**

MEMORANDO



HUÍLA, JANEIRO DE 2020

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Ficha Catalográfica

PAT: Projecto de Aprendizagem para Todos

MEMORANDO – Coordenação Provincial da ZIP Huíla.

- Paula Filomena Baptista **Joaquim**- Directora Provincial
- Avelino Satende – Chefe de Dpto. Da Educação e Ensino
- Benício Gabriel Bamba **PUNA**- Coordenador Provincial da ZIP
- Abias Cachindele **Tchombossi**, Supervisor da Escola de Magistério.

Introdução

A elaboração deste documento constitui uma responsabilidade laboral e de cumprimento das orientações administrativas, com vista a alcançar as acções previstas no plano de actividades do PAT a nível Nacional e Local.

A Coordenação responde os requisitos legais sobre a tramitação e dinamização do Projecto a nível do Ministério e do Gabinete Provincial da Educação da Huila.

O presente documento responde como Objectivo, **APRESENTAR** de forma sintética as acções realizadas e os resultados do desenvolvimento do projecto na província durante o período de 2015 – 2019, enumerando os avanços, alguns fracassos e perspectivas de melhorias.

Antecedentes	<p>4. O Projecto resulta da colaboração existente entre o Governo de Angola e o Banco Mundial.</p> <p>5. Experiência sobre o Sistema de Avaliação de Alunos e Melhoria das Aprendizagens apresentada à Quadros Superiores e Gestores do MED, no Brasil, em 2010.</p> <p>6. 1ª Avaliação da capacidade de leitura nas classes iniciais – EGRA, em 2011.</p>
Objectivo	Melhorar os conhecimentos e as competências dos professores, assim como a gestão das escolas nas áreas designadas do projecto e Desenvolver um sistema de avaliação sistemática de alunos

RESULTADOS ESPERADOS	<input type="checkbox"/> Melhorados os conhecimentos e competências dos professores formados <input type="checkbox"/> Modelo das ZIP consolidado e expandido em todas as Províncias <input type="checkbox"/> Conselhos de escolas e de ZIP em funcionamento <input type="checkbox"/> Melhoradas as estratégias de gestão das escolas <input type="checkbox"/> Avaliações das aprendizagens dos alunos por amostragem concretizada	
Beneficiários	Nº DE ZIP abrangidas	14
	Escolas	83
	Gestores	166
	Alunos	56.239
	Professores Total	1.619
Professores por município		
1	Caconda	63
2	Cacula	73
3	Chibia	150
4	Chicomba	97
5	Chipindo	126
6	Caluquembe	117
7	Cuvango	96
8	Gambos	95
9	Humpata	134
10	Jamba	97
11	Lubango	304
12	Matala	96
13	Quilengues	109
14	Quipungo	62
Dinamizadores	Gestora	1
	Coordenador Provincial	1
	Contabilistas	2
	Facilitadores	2
	Formadores EM	4

	Supervisores EM	4
	Formadores ZIP	59
	Coordenadores Municipais	14
Intervenientes	Directores municipais	14
Parceiros	Comunidades	
Módulos ministrados	<ol style="list-style-type: none"> 1. Língua Portuguesa 2. Matemática 3. Diferenciação Pedagógica I 4. Diferenciação Pedagógica II 5. Avaliação das Aprendizagens 6. Educação Especial 	
Outras formações	Formação em Projectos Educativos aos actores do sector e comunidade.	
FORÇAS / Oportunidades	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Equipa PAT Local coesa;</i> 2. <i>Reuniões de planificação e pós - formações;</i> 3. <i>Formação contínua dos formadores ZIP e Professores ZIP em janeiro, Maio e Agosto;</i> 4. <i>Todos os Centros de Recursos Equipados e gradeados;</i> 5. <i>Existência de um meio de transporte para apoio às actividades da ZIP PAT;</i> 6. <i>Professores do PAT motivados;</i> 7. <i>Existência de Manuais de apoio ao professor PAT;</i> 8. <i>Maior engajamento dos professores ZIP PAT durante as planificações e Oficinas Metodológicas;</i> 9. <i>Nível das aprendizagens dos alunos PAT a melhorar;</i> 10. <i>Escolas PAT munidas de materiais de apoio pedagógico;</i> 11. <i>Maior divulgação das acções PAT a nível da província;</i> 12. <i>Muita entrega por parte dos coordenadores Municipais ZIP na dinamização das acções PAT;</i> 13. <i>Domínio da Internet por todos os Coordenadores Municipais da ZIP;</i> 14. <i>Directores Municipais que usam internet recebem em tempo real as orientações do PAT para o município;</i> 15. <i>CEZ actualizado sobre as acções do PAT;</i> 16. <i>498 formados em Projectos Educativos de Escola;</i> 17. <i>Existência de Terrenos para Hortas escolares em quase todos os municípios;</i> 18. <i>Existência de PEE em todas as escolas do PAT;</i> 	

	<p>19. Reconhecimento do PAT pelas entidades máximas municipais;</p> <p>20. Acompanhamento regular às Oficinas Metodológicas;</p> <p>21. 166 directores e subdirectores pedagógicos beneficiários do PAT;</p> <p>22. A Coordenação Provincial da ZIP partilha as experiências do PAT nos Encontros Metodológicos realizados em cada ano na Huila;</p> <p>23. Existência e funcionamento de Boletim da ZIP;</p> <p>24. Realização piloto das observações em sala de aula nos municípios do Lubango, Cacula, Chibia e Quilengues.</p> <p>25. Gravação do Vídeo Institucional do PAT nos Municípios da Chibia e Quipungo;</p> <p>26. Colaboração das acções do PAT pelo Projecto, Todos Unidos pela Primeira Infância- TUPI, ADRA e UNICEF;</p> <p>27. A Huila beneficiou de 47 visitas de técnicos do MED e da Consultora americana Emily Gardner.</p>
FRAQUEZAS/Ameaças	<p>1. 32 escolas do PAT sem estruturas físicas(A);</p> <p>2. Fraca utilização dos materiais PAT/Ensino especial pelos professores nos Centros de Recursos (F);</p> <p>3. Professores PAT não residentes nas sedes municipais influenciam no atraso às Oficinas(F);</p> <p>4. Falta de apoio a recargas telefónicas para coordenadores municipais ZIP(A);</p> <p>5. Falta de tinteiros das impressoras dos Centros de Recursos (A)</p> <p>6. Recepção tardia de grelhas de observação de aulas da 2ª fase – Setembro 2019</p>
Imprevistos	<p>Ao longo do período do projecto faleceram 3... professores.</p>
Iniciativas locais	<p>1. Elaboração do Manual de utilização do Centro de Recurso - CR da ZIP;</p> <p>2. Formação de gestores escolares/Manual de Boas Práticas na ZIP (em elaboração);</p> <p>3. Elaboração de Instrumentos de supervisão dos PEE, e Centros de Recursos;</p> <p>4. Manual de constituição de Conselhos de Escolas da ZIP-CEZ;</p>

	<ol style="list-style-type: none"> 5. Carta de pedidos de patrocínios; 6. Solicitações às Administrações de terrenos para hortas escolares; 7. Programa radiofónico ' ' APRENDA MAIS ' ' ; 8. Programa radiofónico ' ' Aprender na ZIP ' ' ; 9. Página PAT Huila /municípios no facebook; 10. Boletim da ZIP HUILA; 11. Participação de Colégios Privados nas ZIP PAT; 12. Entrega de certificados de participação aos formandos em PEE. 13. Confecção de Camisolas, Bonés e Certificados de participação após a formação de Agosto 2019 pelas Coordenações municipais da ZIP. 14. Os municípios criaram ' ' Hinos do PAT ' ' ; 15. Formação sobre a realização de diagnóstico municipal. 16. Proposta de aquisição de Tendas para as escolas do PAT com turmas ao ar Livre apresentada à TTL. Emily Gardener. 17. Criação de identidade visual e elaboração do material gráfico de apoio à formação Regional Polo Sul-Huila, de Janeiro/2019
Acções futuras	<ol style="list-style-type: none"> 1. Consolidar as escolas do PAT. 2. Recrutamento de mais professores para PAT 2020. 3. Alocação de materiais para a dinamização dos PEE. 4. Pequenas reparações de 25 escolas pelo PAT.
SUGESTÕES DE MELHORIA	<p>Para próximas acções no âmbito do PAT é abranger para as áreas de expressões plásticas, musical e pré- escolar.</p> <p>Formação para utilização das máquinas de braile</p> <p>Revitalizar os Polos municipais como antecâmara das formações PAT Maio e Agosto</p> <p>Assistência das aulas após a realização da formação do primeiro módulo de LP em Maio/2020</p>

Data: Janeiro/ 2020

Responsável pelo Informe

Benício Gabriel Bamba PUNA

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Autobiografia do autor



Benício Gabriel Bamba PUNA

Nasceu na aldeia de Luango Kimbama, comuna de Miconje, município de Belize, Província de Cabinda.

Fiz os meus estudos primários na mesma aldeia, e o segundo e Tereceiro níveis nas escolas Barão Puna e Instituto Médio Industrial de Cabinda

Sou Licenciado em Linguística/ Francês- ISCED- HUILA;

Pós-graduado em Supervisão Pedagógica pelo Bief- BÉLGICA e Instituto Nacional de Formação de Quadros- Luanda;

Pós-graduado em Metodologias de Ensino da Língua Portuguesa e da Matemática do Ensino Primário;

Pós-graduado em Gestão Escolar pela Fundação Getúlio Vargas- Brasil;

Mestre em Didáctica da Língua Francesa e Engenharia de formação pela Universidade de Franche -Comté- França e Instituto Superior de Ciências da Educação-ISCED- Luanda;

Doutorando em Supervisão Pedagógica na Atlanttic International University- Honolulu Hawaii II – USA;

Lecciono as disciplinas de Educação Visual e Plástica na escola Ex-Colégio Angolana- Benguela; Línguas – Francesa, Inglesa e Portuguesa- Escola de Formação de Professores e Magistério Primário do Nambambi; Sociologia, Gestão e Inspeção Escolar, no Instituto Superior Politécnico-Vida no Lubango;

Fui Coordenador Provincial de Supervisão Pedagógica – HUILA;

Responsável, a nível da Direcção Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia da Huila pelas áreas de:

Gestão de Projectos e Programas de Formação: inicial, contínua e à Distância; -Zonas de Influência Pedagógica-ZIP; Comunicação e Imagem - Porta Voz;

Sou formador nacional em supervisão pedagógica;

Tenho experiências profissionais em Gestão de Ciclo de Projectos Educativos, serviços de interpretação e tradução em Línguas francesa e inglesa, construção civil, Mecânica Industrial, Gestão e administração de recursos humanos, diferentes metodologias de formação de professores, nomeadamente na Perspectiva da **Pedagogia de Integração/Abordagem por Competência-PI/APC**, processos de avaliação das aprendizagens.

Projectos:

-Co-autor do projecto de actualização permanente dos Professores e Gestores escolares do Ensino Primário e do I Ciclo do Ensino Secundário da Huila- Magistério Primário do Nambambi (2012-2013);

- Autor do Guia de formação para novos agentes primários e do I ciclo do ensino secundário da Província da Huila-2012

Particpei em vários estágios sobre as Metodologias de ensino da Língua Francesa e Tecnologias de Informação e Comunicação nas cidades de Nantes e Vichy em França.

Contactos: **Telef.** **923914511/916102211/Email:**
benicio.puna@yahoo.fr

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA:

Uma figura na dinâmica do processo educativo nas Zonas de Influência Pedagógica

Autor: BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

